



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

JOÃO PAULO LIMA CAVALCANTI

**AMORES NÃO MONOGÂMICOS:** uma análise sobre relações de poliamor, afetividades  
e individualidades

Recife  
2018

JOÃO PAULO LIMA CAVALCANTI

**AMORES NÃO MONOGÂMICOS:** uma análise sobre relações de poliamor, afetividades  
e individualidades

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do grau de mestre na área de concentração antropologia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Marion Teodósio de Quadros.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup>. Dra. Marion Teodósio de Quadros

Recife  
2018

Catálogo na fonte  
Bibliotecária Valdicea Alves Silva, CRB4/1260

C376r Cavalcanti, João Paulo Lima.  
Amores não monogâmicos: uma análise sobre relações de poliamor,  
afetividades e individualidades / João Paulo Lima Cavalcanti. – 2018.  
114 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marion Teodósio de Quadros.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.  
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Recife, 2018.  
Inclui referências e apêndice.

1. Antropologia. 2. Relações poliamorosas. 3. Família. 4. Monogamia.  
I. Quadros, Marion Teodósio de (Orientadora). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2021-237)

JOÃO PAULO LIMA CAVALCANTI

**AMORES NÃO MONOGÂMICOS: uma análise sobre relações de poliamor, afetividades e individualidades**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do grau de mestre na área de concentração antropologia, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marion Teodósio de Quadros.

Aprovada em:28/08/2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Marion Teodósio de Quadros (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cláudia Rodrigues da Silva (Substituta da Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Russell Parry Scott (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Luciana Campelo de Lira (Examinadora Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Vânia Rocha Fialho de Paiva e Souza (Suplente Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Silvana Sobreira de Matos (Suplente Externa)

Universidade Federal de Pernambuco

## AGRADECIMENTOS

De antemão, devo explicar que nada que consegui foi de maneira solitária. O apoio direto ou indireto das pessoas próximas foi essencial para que eu chegasse aonde cheguei; de minha luta e planejamento em ingressar no mestrado da UFPE, nos idos de 2014, à apresentação na banca de mestrado. Considero essa dissertação, mesmo com todas as falhas que lhe são passíveis, uma conquista que compartilho com todos. Ela também é de vocês!

Inicialmente devo ressaltar que a acolhida de minha orientadora, a Dra. Marion Teodósio de Quadros, foi fundamental ao início da trajetória deste trabalho, me permitindo ser primeiramente seu ouvinte em suas aulas de graduação e posteriormente concedendo-me a honra de ser seu orientando no mestrado. Inclusive, nessa turma fiz amigos que perduram: Arlindo, Jamilly, Aliane e Jeannie, que igualmente foram fundamentais a minha compreensão das ciências sociais e da antropologia.

Agradeço igualmente a todo o corpo docente do PPGA que colaborou com o compartilhar de seus saberes a alicerçar as bases de meu conhecimento antropológico, embora reconheça que muito ainda há que se aprender e da minha dificuldade em ingressar em uma ciência absolutamente diversa de minhas bases curriculares prévias (principalmente para alguém oriundo do direito). Minha gratidão estende-se igualmente aos professores presente à minha qualificação, Professora Ana Cláudia e Professor Scott, que me ajudaram a compreender de maneira mais objetiva o caminho que eu deveria trilhar em minha pesquisa.

À Universidade Federal de Pernambuco, por me proporcionar o espaço e os subsídios necessários para o desenvolvimento da pesquisa.

Como não poderia deixar de ser, meu agradecimento especial a toda comunidade Não-Monogamia/Pernambuco, pois sem a acolhida de vocês nada disso teria sido possível. A contribuição inestimável em me permitirem de participar, acompanhar e obter informações que criaram as bases dessa pesquisa. Gostaria de frisar a ajuda dos administradores da comunidade e, principalmente a Alexandre e Morgana, que tanto contribuíram com o ato de compartilhar sua narrativas e tantas vezes por intermediar minha acessibilidade perante à comunidade. Também, agradeço a empatia e disponibilidade de todos os informantes em despenderem um pouco de seu tempo e em dividir suas experiências comigo, tornando-se algo essencial.

Não poderia terminar esses agradecimentos sem citar minha família que com sua compreensão e apoio foram responsáveis por todas as minhas vitórias: meus avós, Inês e João; meus pais, Rivaldo e Maria José; minhas tias, Ana, Fátima e Lúcia; meus irmãos, Rafael

e Karina.e minha amada Alessandra, que tanto me apoiou em todos os momentos e sei que poderei contar por toda minha existência. Vocês são uma parte indissociável de mim, minha família e meu alicerce.

E a todos que, de alguma forma, contribuíram para a execução deste trabalho, meu muito obrigado.

Se eu te amo e tu me amas/ Um amor a dois profana/ O amor de todos os mortais/ Porque quem gosta de maçã/ Irá gostar de todas/ Porque todas são iguais/ Se eu te amo e tu me amas/ E outro vem quando tu chamas/ Como poderei te condenar/ Infinita tua beleza/ Como podes ficar presa/ Que nem santa no altar (RAUL SEIXAS; PAULO COELHO; MARCELO MOTTA, 1975).

## RESUMO

Este trabalho resulta de uma pesquisa antropológica sobre o fenômeno do poliamor, relações afetivas entre mais de duas pessoas simultaneamente, não necessariamente todos entre si, com o consentimento e conhecimento de todos os envolvidos, cujo discurso ressalta a recusa de regramentos impostos pela monogamia e acaba por questionar a própria ideia de família moderna e seu arranjo conjugal. Para compreender os enlaces poliamorosos, fez-se uso da investigação etnográfica, por meio de entrevistas com cerca de cinco informantes principais, além da utilização de etnografia virtual, o que possibilitou manter contato quase que diário com os membros da comunidade de poliamor de Pernambuco, no período de um ano, mais especificamente de março de 2017 a março de 2018. Foi analisado o momento de auto-reconhecimento de um poliamorista consoante o exame de rupturas e continuidades com os preceitos monogâmicos. A pesquisa abordou as relações afetivas, identitárias e de gênero estabelecidas entre os ditos poliamorosos, tanto na esfera relacional mais íntima quanto com a rede de sociabilidade na qual estão inseridos. Diante dos resultados obtidos, a pesquisa revelou discrepâncias entre o proferido no discurso poliamorista e a prática verificada de seus adeptos, assim como um liame inexpugnável às determinações monogâmicas. Frisa-se que o exame análogo dessas duas maneiras de se relacionar, à primeira vista distintas, forneceu um panorama geral do que se entende como poliamor, ao mesmo tempo que permite uma análise panorâmica do fenômeno ao compará-lo às uniões monogâmicas.

**Palavras-chave:** conjugalidade; família; gênero; monogamia; poliamor.

## ABSTRACT

The present work was a result of an anthropologic research about the polyamory phenomenon defined as affective relationships between two or more people simultaneously, not necessarily between all its members, with the consent and knowledge of everyone involved in it, whose speech emphasizes the refusal of the rules imposed by the monogamy and, as a result, questions the idea itself of the modern family and its conjugal arrangement. In order to understand the polyamory binds, ethnographical surveys were carried out with approximately five mainly informants, in addition to the use of virtual ethnography which enabled maintaining an almost daily contact, in a period of a year, with the member of the polyamory community of Pernambuco, more precisely between March 2017 and March 2018. The moment that a person recognizes themselves as being polyamorous was also looked into through the process of analyzing the rupture and continuance of monogamy beliefs. The affective relationships, identity and gender established between the people who proclaimed themselves as being polyamorous was also researched in its intimate facet, in addition to the context they are inserted. As the obtained results demonstrates, the study showed inconsistencies between the polyamory speech and the verified practice of it from its practitioners, in addition to an unbreakable connection to the monogamy standards.

**Keywords:** conjugality; Family; gender; monogamy; polyamory.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>NOTAS SOBRE O TRABALHO ETNOGRÁFICO.....</b>	<b>20</b>
2.1	DAS DIFICULDADES EM SE ENCONTRAR PRATICANTES DO ESTILO DE VIDA POLIAMOROSO.....	21
2.2	DAS TENTATIVAS INICIAIS DE INGRESSAR NO CAMPO DE PESQUISA.....	23
2.3	AS COMUNIDADES DO <i>FACEBOOK</i> E DO <i>WHATSAPP</i> : DO INGRESSO À INTERAÇÃO.....	25
2.4	O GRUPO DE <i>WHATSAPP</i> NÃO MONOGAMIA PERNAMBUCO COMO ENFOQUE: ESCOLHAS E DELIMITAÇÃO DO CAMPO ETNOGRÁFICO.....	28
2.5	AQUI NÃO É ESPAÇO DE “ARRUMAR CASO”: O GRUPO DE <i>WHATSAPP</i> , SUA ESTRUTURA, REGRAS E ROTINA.....	33
2.6	O PERFIL DOS PESQUISADOS.....	36
2.6.1	O casal Alexandre e Morgana.....	37
2.6.2	Fernando e seus dois amores, Amanda e Aníbal.....	38
2.6.3	Félix, Kelly e seu namorado, Marcelo.....	41
2.6.4	Magali, a Namoradinha.....	43
2.6.5	Fátima e suas duas namoradas.....	45
<b>3</b>	<b>O POLIAMOR POR SEUS PRÓPRIOS ADEPTOS: COMPREENDENDO OS TRISAIS.....</b>	<b>49</b>
.		
3.1	MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO DO QUE SE ENTENDE COMO FAMÍLIA: PLURALIDADE DAS FORMAS DE CONJUGALIDADE.....	52
3.2	O MOMENTO DO ROMPIMENTO COM A MONOGAMIA: O QUE DIZEM OS ENTREVISTADOS.....	54
3.3	OS LIMITES DO POLIAMOR: MAIS PESSOAS MAIS REGRAS?.....	61
3.3.1	O Ponto de Partida do Enlace Poliamoroso: do Casal em Relacionamento Aberto ao Trisal Fechado.....	62
3.3.2	Normas de Etiqueta entre Os Três.....	66
3.4	SOBRE SEGREDOS/HONESTIDADE: A DELICADA QUESTÃO DOS CIÚMES SEGUNDO OS PRATICANTES DO POLIAMOR.....	69

3.5	A FIGURA DA NAMORADINHA E A HIERARQUIA ENTRE OS INTEGRANTES DE UM RELACIONAMENTO POLIAMOROSO.....	74
<b>4</b>	<b>O TRISAL E AS PERCEPÇÕES DE SI E CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES NO ÂMBITO PÚBLICO E PRIVADO.....</b>	<b>79</b>
4.1	IDENTIDADES DE GÊNERO NO ÂMBITO DO POLIAMOR.....	79
4.2	SOBRE A QUESTÃO DOS FILHOS EM UMA RELAÇÃO POLIAMOROSA...	89
4.3	DECLARAR-SE POLIAMOROSO OU NÃO? AS RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS PAUTADAS NESSA DECISÃO.....	93
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>101</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>107</b>
	<b>APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>111</b>

## 1 INTRODUÇÃO

As relações poliamorosas ganharam destaque e despertaram meu interesse acadêmico devido à conjuntura familiar hodierna, na qual as liberdades de união encontram-se numa região limítrofe entre a possibilidade de se concretizarem e o repúdio explícito pelo meio social que determina como as famílias devem ser; um apático tratamento com o não reconhecimento pela sociedade e total ausência de tutela estatal, que considera ilícita toda forma de casamento ou união estável que não esteja em conformidade aos critérios monogâmicos. Diante desse fenômeno recente, a ignorância e o desconhecimento de certos fenômenos socioculturais suscitam à antropologia o questionamento de determinados contextos e realidades, instigando o desenvolvimento de estratégias metodológicas e epistemológicas na produção do conhecimento antropológico.

No intento de produzir conhecimento científico antropológico, este trabalho foi concebido, primeiramente, ao realizar uma delimitação temática diante do fenômeno observado no seio social, o poliamor. Em segundo, questionou-se quais as reverberações práticas e morais desse fenômeno, ao ressaltar, nesse aspecto, como os adeptos do poliamor se enxergam e enxergam o mundo, diante de uma perspectiva identitária.

A pesquisa iniciou-se em 2016, e desde então o tema veio sendo explorado. Nesse período de dois anos, foram realizadas entrevistas, pesquisa bibliográfica e trabalho de campo, cujos dados coletados, questões e prováveis respostas estão nesse trabalho reunidos, tendo como propósito alargar o universo do discurso humano, tal como destacou Geertz (2014), por meio da tentativa de compreensão da prática e do próprio discurso poliamoroso, objeto desse trabalho.

Inicialmente, deve-se ressaltar que a presente pesquisa não possui qualquer pretensão de ser um trabalho fechado ou definitivo sobre o tema. Buscou-se aqui tratar de uma descrição sobre o poliamor por meio das narrativas e observações verificadas em campo, em uma tentativa de compreender as relações poliafetivas diante da prevalecente cultura monogâmica. O trabalho foi realizado a partir da aproximação do discurso proferido por aqueles que adotam o poliamor como estilo de vida e também do que os e as interlocutoras diziam a respeito de suas práticas. É um trabalho exploratório e descritivo de um tema novo e pouco examinado no campo acadêmico.

Ao adentrar na pesquisa, mais especificamente no campo, tornaram-se proeminentes questões relativas às organizações e arranjos familiares, à monogamia e à estrutura das

famílias modernas, seu caráter dito isonômico entre seus membros, ciúmes e demais características que foram colocadas em xeque pela prática não-monogâmica do poliamor, que surgiria como uma maneira de questionar a aceção cultural do que se entende como modelo relacional.

O poliamor é considerado por seus adeptos um tipo de relacionamento não-monogâmico, assim como o amor livre. Todavia, diferenças podem ser observadas entre essas formas de amar. O poliamor defende o amor entre mais de duas pessoas, como é tipicamente observado no meio social. O caso mais recorrente é do chamado trisal, um enlace entre três pessoas, embora esse número possa variar. Já o amor livre não se limita a amarras relacionais quaisquer, recusando qualquer regra pré-estabelecida como critério de estabilidade, posse, ciúmes ou qualquer norma norteadora que não as vontades de seus adeptos; sem restrições. Ou seja, formas de amar bem distintas.

De fato, há concordância geral em que o poliamor e o amor livre são práticas contrárias aos preceitos monogâmicos. Contudo, em determinados momentos, a comunidade poliamorosa encara o poliamor e o amor livre como espécies, já que preconizam a liberdade de amar sem posse ou ciúmes. Está incluso neste contexto, igualmente como uma espécie de amor livre, o chamado relacionamento aberto, o qual permite liberdade de relacionar-se sexualmente com terceiros estranhos ao casal. No mesmo diapasão, insere-se a prática do *swing*, termo em inglês que designa a prática de sexo causal em que participam dois ou mais casais em clubes específicos criados para este fim, as chamadas casas de *swing*.

Ressalto que não me filio a este entendimento por algumas razões. Inicialmente, embora o amor livre e o poliamor critiquem e se oponham à monogamia em seus discursos, são filosofias de vida distintas que nem sempre convergem em seus preceitos, pois, ao contrário do amor livre, o poliamor estabiliza-se em um núcleo (ainda que formado por mais de duas pessoas) mais ou menos persistente ao tempo, além de possuir regramentos, como veremos mais à frente no capítulo dois. Em contrapartida o amor livre não é limitado por normas. As pessoas são livres, sem qualquer amarra para se relacionarem afetivamente ou sexualmente, apenas, como já foi explanado.

A discrepância entre o poliamor e o relacionamento aberto é ainda mais aviltante, visto que relações abertas não são inclinadas a cultivar enlaces afetivos. O que de fato se busca é alguém estranho ao relacionamento unicamente para uma satisfação sexual fugaz, de forma a não expandir o núcleo da relação, o casal. O mesmo pode ser considerado sobre o *swing*. Anapol (2012, p. 11), em conformidade ao já explanado, traça como fundamental diferença

entre o poliamor e o *swing* o fato de que os *swingers* (termo utilizado para denominar os praticantes de *swing*), enquanto permitem-se a uma perspectiva não-monogâmica no quesito sexual, demandam valores eminentemente monogâmicos quanto ao ser par. Ou seja, há certa e controlada liberdade sexual, mas não há qualquer margem para uma liberdade afetiva de amar outrem. Isso porque, segundo as regras do *swing*, não são permitidas quaisquer relações extraconjugais fora de seus clubes, inibindo qualquer vínculo que não o sexual.

Deve-se ressaltar que os relacionamentos abertos e o *swing* são práticas que podem ser observadas na monogamia. Elas coincidem apenas quanto à liberdade sexual e não relacional, conservando o núcleo afetivo apenas no casal; os terceiros são introduzidos apenas para satisfação sexual. Em síntese, apenas praticar o relacionamento aberto ou o *swing* não é necessariamente um indício de um relacionamento não-monogâmico, visto que é uma prática recorrente em casais que desejam apenas “apimentar” a sua relação a dois, por exemplo.

Diante de tantas nuances, ao realizar essa pesquisa, o primeiro grande desafio a mim imposto foi o da necessidade de apreender o que é o poliamor. Para tal empreitada, a antropologia e seu preceito geral em entender o outro foi a ciência adequada à tamanha investida. Frisa-se que a perspectiva do autor sobre esse trabalho é totalmente alienígena, monogâmico e que em nada vivenciou ou possui pretensão em vivenciar um amor plúrimo. Por um lado, essas características tão discrepantes entre o pesquisador e seu objeto de estudo aparenta um obstáculo a ser sobrepujado, e, de fato, o foi. Contudo, ao contrário de outros trabalhos, como o de Cardoso (2010), que é adepto do estilo de vida poliamoroso, meu olhar externo é permeado de fascínio e estranhamento, o que me permite, a despeito nas intrínsecas dificuldades em compreender algo que não vivencio, ter um olhar menos envolto dos preceitos filosóficos e discursivos intrínsecos à prática poliamorista.

Logo, a primeira e prioritária problemática que me deparei foi a de entender como se dá a relação dos diversos atores nas relações de poliamor, suas dinâmicas e em como essa forma de amar constrói as identidades entre seus próprios membros e em relação ao grupo familiar e na rede de sociabilidade com a qual se relacionam.

A ideia inicial foi examinar a relação poliamorosa e entendê-la tanto quanto possível, por meio dos dados do estudo de campo obtidos diretamente dos próprios adeptos do poliamor, seus depoimentos, narrativas e práticas. A partir dessa apreensão primária, será analisado o forte discurso legitimador e em que medida se dá a ruptura de padrões monogâmicos como posse, ciúme, romantismo, planejamento familiar e fidelidade. Dito isso, explorei nesta pesquisa a fala dos informantes e algumas de suas práticas, para,

posteriormente, compará-las aos regramentos das conjugalidades monogâmicas tão criticadas pelos que adotaram para si o amor plural.

O objetivo principal desta pesquisa foi compreender os diversos atores nas relações de poliamor, as relações de gênero no grupo poliamoroso e seu reconhecimento diante do meio social que os cerca. Logo, prioritariamente, este trabalho procura descrever etnograficamente o poliamor, suas características mais comuns, seus ritos, o perfil de seus adeptos, suas falas, anseios, de maneira a acompanhar toda a trajetória daquele que assumiu essa forma de amar plural como estilo de vida. Consoante a isso, a pesquisa buscou perpassar desde o momento que o indivíduo se reconhece poliamorista e conseqüente rompimento com o padrão de unidade familiar monogâmico, até a gênese da relação poliamorista e em que circunstâncias tal fato ocorreu.

Ademais, muitos questionamentos conduziram este trabalho, tais como: Qual a força motriz da iniciativa de um dos parceiros para buscar uma relação de poliamor? Há adoção em comum acordo ou por imposição de um dos membros e suas respectivas motivações? O alegado rompimento com a monogamia se deu de maneira gradual e a ruptura foi total ou ainda guarda conexões com o passado monogâmico? A relação aberta era o necessário primeiro passo para alcançar um relacionamento poliamoroso? As aproximações e distanciamentos entre o poliamor e as relações monogâmicas servem como um caminho para uma inicial compreensão do fenômeno estudado, razão pela qual foram identificadas na relação questões como a posse, o ciúme, o romantismo, o planejamento familiar e a fidelidade, o convívio familiar e a economia dos trisais.

Importante destaque foi dado às identidades e percepções que aqueles que adotaram o estilo de vida poliamoroso têm entre si e os reflexos dessas compreensões no trato íntimo dos trisais, manifestadas especialmente nas relações de gênero e de poder. Essas novas apreensões proporcionadas pelo ato de assumirem (ou não) um estilo de vida não-monogâmico também se refletem no convívio familiar e no meio social que os cerca. Esse exame tem o intuito de fornecer um panorama do que, de fato, se reconhece como poliamor e seus desdobramentos no convívio entre os diferentes atores do enlace afetivo e suas relações com as pessoas que os rodeiam, o que proporcionou, por exemplo, verificar as peculiaridades observáveis entre um trisal e um casal monogâmico.

Por fim, após me aproximar de uma compreensão mais plena do objeto de minha pesquisa, o poliamor, buscou-se examinar em que medida as suas relações distanciam-se ou se aproximam do proferido por seus adeptos, em uma análise comparativa entre o discurso e a

prática dessa tão peculiar forma de amar. É certo que essa comparação foi utilizada como forma de obter mais elementos para aprofundar o conhecimento sobre tais relações. Ademais, é preciso ressaltar que muito do que será encontrado nessa dissertação está baseado no que os indivíduos falaram das práticas do poliamor e não das suas próprias práticas. Portanto, há que se considerar esse fator, ou seja, a percepção que os e as interlocutores/as possuem de suas ações, como um elemento importante na qualidade dos dados compreendidos.

Como estratégia metodológica, busquei obter a maior quantidade de dados possível no campo de pesquisa para compreender o objeto de estudo. Essa iniciativa apenas foi possível devido ao esforço em relacionar às narrativas dos informantes, obtidas pelo diálogo e convívio, as interpretações do pesquisador e a teoria lida. Foi a partir desse percurso metodológico que a escrita da dissertação se baseou. Essa composição intelectual, ou seja, a confrontação entre categorias êmicas e éticas, permitiu analisar como os informantes da pesquisa constituem suas concepções de relacionamento poliamoroso e as identidades que dela provêm.

A base empírica da dissertação foi construída a partir do trabalho de campo etnográfico, no qual se priorizou a observação direta intensiva, realizando o contato direto com os interlocutores e a realização de entrevistas individuais. Para tal, tive cinco principais informantes que vivenciam ou vivenciaram o poliamor e concordaram em compartilhar suas experiências comigo. Ainda, como informantes secundários, contei com inúmeras pessoas, as quais convivi durante cerca de um ano por intermédio de grupo de mensagens instantâneas, o *WhatsApp* e o *Facebook*, aos quais me servi da etnografia virtual.

Para tanto, encarei os domínios virtuais sob a perspectiva de Hine (2014, p. 81), que entende a pesquisa no sítio virtual mais como uma continuidade dos princípios metodológicos entre os tipos de etnografia e os tipos que usamos em qualquer outro domínio cultural, embora algumas das técnicas possam diferir; ao entender a *internet* como cultura e, portanto, como espaço cultural onde as pessoas estavam participando de interações e atividades relevantes para elas em determinado nível. Confesso que relutei na adoção de tal tipo de coleta de dados por pensar no acompanhamento presencial como indispensável. Contudo, o ambiente dos aplicativos sociais foi de essencial importância como instrumento de acesso a experiências e informações que não poderiam ser alcançadas de outra forma, o que me possibilitou, inclusive, entrevistas e diálogos físicos em momentos posteriores. Ademais, resalto que mantive contato com uma de minhas informantes unicamente pela *internet*, como será detalhado no capítulo próximo.

Como explanado, o espaço de observação não ficou totalmente restrito às entrevistas e encontros com os informantes principais, pois incluiu algumas observações em outros contextos. A própria etnografia virtual assim permitiu que eu convivesse com os integrantes do grupo Poliamor-Recife por aproximadamente um ano, no qual fiz contatos e tive acesso à toda sorte de dados para trabalhar nessa pesquisa. Esse contato quase que irrestrito com os informantes, proporcionado pela facilidade de acesso aos conteúdos tão própria da etnografia virtual, deu viabilidade às obtenções de informações, pois me permitiu estreitar os laços com os indivíduos, quase que relegando minha eminente condição de pesquisador a segundo plano, notadamente em busca de tornar-me o chamado pesquisador *insider*, ou seja, aquele que está inserido no grupo com o objeto de estudo de forma a confundir-se com os nativos, comportamento que dificilmente poderia se esperar de alguém que apenas observa o grupo (POLIVANOV, 2013, p. 64). Tal iniciativa me demandava interagir sempre que possível na dinâmica do grupo, o que me assegurou ganhar confiança e facilitou sobremaneira o acesso a um fluxo quase que intermitente de informações e dados.

Especificamente em relação às diversas entrevistas com os interlocutores, estas foram feitas em profundidade, com roteiro semi-estruturado e esquematizado a partir de questões abertas, com o escopo de obter dados qualitativos. Elas aconteceram durante todo o período de pesquisa, conforme a necessidade do pesquisador, com o objetivo de obter um quadro sociocultural geral, identificando as influências culturais e sociais sobre os informantes, a fim de obter dados suficientes para traçar um panorama tão completo quanto possível sobre o poliamor. Nesse diapasão, a vivência nos grupos de *WhatsApp* foram essenciais para que eu conseguisse que os entrevistados aceitassem verdadeiramente cooperar, não simplesmente consentindo uma entrevista, mas também falando o que pensam, tal como leciona Poupard (2008, p. 288) como o ideal em uma interlocução.

Ainda sobre a coleta de dados, nas entrevistas presenciais, realizadas com os informantes principais, utilizei-me também de um gravador para documentar as experiências obtidas em sua integralidade e poder me concentrar exclusivamente nos informantes e nas experiências narradas. Ressalta-se que fora o consentimento prévio do interlocutor, cada participante foi informado desde o primeiro contato da existência da pesquisa e do meu interesse eminentemente acadêmico quando da interpelação, momento em que me foi concedido ou não a permissão, após receber a garantia de que nome e dados que pudessem identificá-lo seriam fictícios. Embora nem todos fizessem questão do anonimato, optei, de toda sorte, por trocar os nomes de informantes e interlocutores.

Contudo outras formas de coletar os dados foram realizadas. Nos encontros do grupo Poliamor-Recife, uma vez que não era possível permanecer com papel e caneta ou gravador sem me distanciar dos diálogos nos recintos, ou mesmo me cercar da aura de um estranho monogâmico e pesquisador, optei por realizar observação e reconstruir as falas por reminiscência logo após o campo. Outra forma de obtenção de informações se deu nas conversas muitas vezes prolíficas entre os demais informantes secundários do grupo de *WhatsApp*, no qual, de qualquer maneira, vários assuntos foram abordados, o que me rendeu um fértil terreno para a pesquisa, como será detalhado no primeiro capítulo desse trabalho. Ainda, buscou-se criar uma base de dados - bibliográficos, etnográficos e empírico-teóricos - sobre o fenômeno poliamor. Entretanto, algumas dificuldades foram encontradas. Inicialmente, friso que há pouco material acadêmico sobre o assunto.

Por fim, a presente pesquisa é dividida em três capítulos que buscam fornecer uma visão tão detalhada quanto possível dos relacionamentos poliamorosos, mais esta introdução e as considerações finais.

No primeiro capítulo, intitulado *Notas sobre o trabalho de campo*, falarei das dificuldades e receptividade que tive em campo. A maior parte dos desafios encontrados estava diretamente relacionada à condição intrinsecamente rara em encontrar adeptos desse estilo de vida. Esse embaraço deveu-se, em primeiro lugar, por ser uma condição singular a de opor-se a preceitos monogâmicos, ainda mais publicamente. Logo encontrar ditos poliamorosos foi um obstáculo que precisou ser superado e, para tanto, todos os meios disponíveis foram assim utilizados, desde informações em minha rede de sociabilidade até artifícios de uma etnografia virtual, o que me permitiu o ingresso e convívio na comunidade de poliamor de Pernambuco.

Localizados os pretensos informantes, um novo óbice fez-se presente: conseguir sua confiança e disponibilidade para narrar suas experiências, visto o caráter privado e por vezes íntimo de seus relatos. Dessa forma, mediante essa conjuntura agora relatada, fiz uma apresentação da pesquisa de campo, de maneira a esclarecer os caminhos percorridos para a obtenção dos dados utilizados para a produção deste trabalho.

Ademais, ainda no primeiro capítulo, apresento os informantes principais, seus contextos socioculturais e relacionais, a fim de fornecer uma ampla visão dos relacionamentos poliamorosos que acompanhei durante a pesquisa.

Na sequência, no segundo capítulo, intitulado *O poliamor por seus próprios adeptos: compreendendo os trisais*, analiso o relacionamento poliamoroso, inicialmente no contexto

sociocultural ao qual está inserido, a fim de traçar uma compreensão tão detalhada quanto possível da conjuntura em que presenciamos tal fenômeno, objeto do presente estudo. Para instrumentalizar a pesquisa, de forma a traçar uma perspectiva norteadora e ponto de partida para verificar as hipóteses e alcançar os objetivos propostos, utilizei-me de uma análise comparativa recorrente ao longo do estudo entre o poliamor e os relacionamentos monogâmicos. Tal fato mostrou-se oportuno, tendo em vista que o poliamor é considerado por seus adeptos como um símbolo de oposição e resistência aos ideais monogâmicos que permeiam a cultura que embebe o meio social que os cerca.

Para viabilizar uma pesquisa tão profunda quanto possível, considerei começar as análises das narrativas dos informantes partindo do momento em que se descobriram não-monogâmicos, no tópico 3.2, cujo título é *O momento do rompimento com a monogamia: o que dizem os entrevistados*.

Diante da afirmação dos informantes de não encontrar na monogamia a satisfação pessoal, prossegui os estudos em direção à relação de poliamor propriamente dita, objeto de todo o tópico 3.3, *Os limites do poliamor: mais pessoas, mais regras?* Para sistematizar a profusão de dados conseguidos na pesquisa de campo, resolvi subdividir o tópico ao abordar detidamente o ponto de partida do enlace poliamoroso, que examina a migração de um casal em relação aberta para um relacionamento poliamoroso. Depois foram verificadas as normas de etiqueta entre os três.

Ainda neste capítulo, segue-se o estudo abordando agora sobre segredos e honestidade, mais especificamente sobre ciúmes, em uma relação de poliamor, no tópico 3.4. Por fim, o capítulo segundo finaliza ao ater-se sobre uma provável hierarquia entre os membros de um trisal, o que por vezes aparenta ocorrer entre o casal dito principal, ponto de partida da reação poliamorosa, e a terceira pessoa que chega posteriormente, embora os ideais poliamorosos preguem uma total igualdade de condições entre seus diversos atores.

No capítulo três, *Trisal e as percepções de si: construções de identidades no âmbito público e privado*, destaco as percepções que circundam as pessoas que adotaram o poliamor como uma maneira de relacionar-se à margem da monogamia. Foram investigadas as diversas identidades que incidem sobre os adeptos do poliamor. A abordagem, com o intuito de sistematizar e escalonar os dados conseguidos na pesquisa de campo, foi feita da seguinte forma: partindo de um exame mais restrito e íntimo a uma perspectiva mais ampla e geral.

Em seu tópico 4.1, *Identidades de gênero no âmbito do poliamor*, o ideal de igualdade entre os papéis masculinos e femininos é contestado pelo discurso poliamorista, que está

carregado de críticas ao modelo monogâmico de relacionamento, cuja patriarcalidade ainda é forte nos dias atuais. Essa aspiração discursiva é confrontada às práticas observadas no estudo de campo; assim, examinou-se em que medida há, de fato, uma ruptura ou continuidade nos costumes que os poliamoristas visam desatrelar-se.

Dando prosseguimento à proposta de trabalhar escalonadamente de esfera mais intimista para os panoramas mais amplos, os tópicos 4.2 e 4.3, intitulados, respectivamente: *Sobre a questão dos filhos em uma relação poliamorosa* e *Declarar-se poliamoroso ou não? As relações familiares e sociais pautadas nessa decisão*, foram examinadas as apreensões do que se entende por poliamor, as significâncias de se adotar um relacionamento poliamoroso e suas consequências, primeiramente em relação aos filhos, seguindo pelos familiares e culminando no meio social que cerca aquele que adota o poliamor como medida de relacionamento.

Por fim, após os capítulos, apresento as considerações finais, em que rascunho uma síntese, discorro algumas respostas para determinadas hipóteses levantadas nesta introdução e destaco determinados pontos que julgo relevantes e que foram desenvolvidos nos demais capítulos da dissertação.

## 2 NOTAS SOBRE O TRABALHO ETNOGRÁFICO

Neste primeiro capítulo, apresentarei detalhes de como foi realizada a pesquisa de campo e as formas de coleta de dados, ressaltando como consegui contato com os informantes, o que ilustra as dificuldades na aproximação com o meu objeto de pesquisa e dá pistas sobre como o poliamor se enquadra no meio social ao qual está inserido.

Cabe destacar que a família remete a uma realidade próxima a todo ser humano, portanto, a uma realidade que nos é muito palpável. Talvez por conta desse fato, as relações familiares sejam tão fascinantes, pois abordar qualquer tema relacionado a famílias e suas dinâmicas remete às próprias experiências das pessoas.

Inicialmente, salienta-se que os grupos familiares sofrem mudanças em suas relações ao longo do tempo, guardando complexidades em suas formas apresentadas, razão pela qual Lévi Strauss, no texto intitulado A Família, contido em seu livro O olhar Distanciado (LÉVI-STRAUSS, 2010, p. 69-133), adverte que não devemos encará-la de forma dogmática, pois manifesta, portanto, diversos padrões comportamentais e configurações variáveis no tempo e espaço. A família em si e a própria concepção do que se entende como entidade familiar torna-se moldada pela cultura na qual está embebida. O mesmo pode-se dizer sobre as configurações, apresentando de formas tão diversas quanto às variadas culturas humanas.

Meu interesse pelos temas que envolvem as famílias vem desde o meu curso de graduação. Sou formado em Bacharelado em Direito pela Universidade Católica de Pernambuco, desde 2011, e a disciplina intitulada Direito de Famílias já chamou minha atenção desde que a cursei, por volta de 2009, tanto que sou professor desta na Faculdade Joaquim Nabuco, unidade Recife, desde 2014. No mesmo ano em que conclui a graduação, dei prosseguimento aos meus estudos, desta vez em uma pós-graduação em direito civil na Universidade Federal de Pernambuco, terminando-a em 2013. Frisa-se que mais uma vez os estudos referentes às relações familiares me chamaram a atenção.

No entanto, o estudo de casos jurídicos baseados unicamente em decisões judiciais e o correspondente entendimento dos magistrados nas justificativas de suas decisões, alinhado ao enquadramento dos casos na moldura rígida da legislação, não me pareceram suficientes para um entendimento profundo relacionado às peculiaridades dos casos de família por eles contemplados. Nesse diapasão, cruzou meu caminho a ciência antropológica, que propõe entender o outro por meio de seu próprio discurso, e não por concepções pré-concebidas, de

juízos pré-determinados. O mestrado em antropologia me permitiu compreender essa ciência como necessária para o estudo das famílias e suas peculiaridades.

Este trabalho terá enfoque em uma estrutura que difere da família monogâmica moderna, pois buscará compreender as relações de poliamor pela perspectiva de seus adeptos, além de indagar se elas podem ser entendidas como famílias. Frisa-se, no entanto, que não se buscará o exótico em terras ermas, mas no seio da sociedade em que vivemos.

Para Anapol (2012, p. 1), *Polyamory* é um neologismo que designa um tipo diferente de relacionamento. Explica a autora que o termo *Poly* é oriundo do grego, que significa “muitos”; já *Amory* tem sua origem no latim e, como bem sugere a fonética, significa amor. A palavra aportuguesada tem em sua tradução “poliamor”, como é comumente empregado para designar uma espécie de relacionamento descrito sinteticamente como aquele contrário às tradicionais regras monogâmicas de se relacionar, e se caracteriza por amar mais que uma pessoa ao mesmo tempo. O termo agora explicado não compreende, obviamente, toda a riqueza de particularidades e características dessa forma de amar múltipla.

O poliamor já me despertava interesse há tempos, em razão de várias famílias ou grupos poliamorosos buscarem reconhecimento diante do Estado e de terem esse fato negado. E foi talvez nesse entrelaçamento de interesses, seja jurídico, seja familiar, que me incitaram a aprofundar meus estudos; ainda mais por eu ser eminentemente monogâmico, perfeitamente enquadrado na chamada família moderna. O estranhamento se fez presente em mim e encontrei na antropologia a ciência certa para investigar essa minha inquietação.

Ora, considerando a família como um constructo eminentemente cultural, me propus a, conforme leciona Geertz, muito além de estabelecer relações, selecionar informantes e transcrever textos, tentar entender um diferente aspecto de manifestação das conjugalidades (2014, p. 15).

Delimitado meu objeto de pesquisa, me deparei com um óbice difícil de transpor: encontrar informantes, adeptos do estilo de vida poliamoroso dispostos a compartilhar suas experiências comigo, em desconhecido. Assunto que detalharei nos seguintes tópicos.

## 2.1 DAS DIFICULDADES EM SE ENCONTRAR PRATICANTES DO ESTILO DE VIDA POLIAMOROSO

O espaço familiar é um espaço privado; encontra-se no território da intimidade, razão pela qual tive receio quanto à facilidade de obtenção de informações para minha pesquisa.

Não bastasse essa pesquisa versar sobre relacionamentos, seu objeto é ainda mais restrito: raros tipos de relações, no caso, as poliamorosas.

Conseguir identificar as pessoas que se dizem poliamorosas seria o primeiro grande desafio, que seria assim seguido por outro óbice de igual ou maior dificuldade: conseguir acessar o campo e obter informantes.

Antes mesmo de ingressar no mestrado, por volta de 2014, obtive meu primeiro contato com um grupo poliamoroso por intermédio de minha profissão de advogado. Dois trisais (termo utilizado pela comunidade poliamorosas para designar “casais” de três pessoas) me procuraram para obter informações de como poderiam oficializar suas respectivas uniões, afinal isso implicaria em garantias nas divisões de bens e sucessão. O primeiro caso, em Recife, consistia em duas mulheres e um homem. E o segundo caso correspondia a um homem e três mulheres, irmãs bilaterais. À primeira vista, inclusive, esse último me pareceu bastante exótico; era do interior do estado de Pernambuco e soube que o relacionamento estava em crise, por conta de um suposto enlace do homem com uma prima das companheiras.

Infelizmente, tive que informar que no Brasil isso não é possível, pois apenas relacionamentos monogâmicos são reconhecidos pelo Estado. De toda sorte, obtive os contatos iniciais com o tema, além de ter-me despertado interesse para esse tipo de relacionamento. O estranhamento fora vivenciado.

Embora eu tivesse catalogados esses casos há muito, após meu ingresso na pesquisa do mestrado, em 2016, não consegui obter contato com os mesmos. No primeiro caso catalogado, o número telefônico aparentemente foi desativado ou trocado.

Em relação ao caso do trisal entre um homem e três irmãs, que embora fossem do interior, viajavam com frequência ao Recife, aventei a possibilidade de uma entrevista para conversarmos sobre a pesquisa, mas o senhor Ramón, representando o trisal, não se mostrou receptivo. Ao falarmos por telefone, perguntou-me mais de uma vez sobre a finalidade da pesquisa, encerrando com um tom lacônico e ríspido, o que me levou a descartar (ao menos temporariamente) tê-los como informantes. Posteriormente, por volta de 2017, busquei informações sobre eles com um conhecido em comum chamado Romildo, o responsável por indicar meus serviços advocatícios; no entanto, soube que o senhor Ramón havia falecido.

Quanto a outros relacionamentos poliamorosos, meu desalento persistiu e minha frustração inicial começou a tomar forma de apreensão. Não consegui contato com um casal no qual o homem separou-se da mulher (me consultaram sobre o procedimento de divórcio), em que o mesmo passou a viver com a sogra. O fato interessante é que todos viviam

sob o mesmo teto em convivência de provável harmonia. Suspeitava ser um trisal, mas não tive a chance de atestar minha hipótese, pois não se mostraram interessados em conversar sobre o assunto.

Por fim, soube por meio de minha rede de sociabilidade sobre um trisal formado por três homens, embora estes fossem residentes em outro estado, mais especificamente na Paraíba. Gostaria realmente de entrevistá-los, apesar de que preferiria delimitar meu lócus em Pernambuco.

A despeito da dificuldade em identificar, no meio social, relacionamentos poliamorosos, tal fato tornou-se uma apreensão valiosa para entender o contexto cultural no qual meu objeto de estudo estava inserido. Tais relacionamentos aparecem como algo diverso à monogamia arraigada à própria concepção da família moderna, relegando os relacionamentos não-monogâmicos à marginalidade. Tal constatação me levou a adotar uma nova abordagem para a obtenção de informantes à minha pesquisa, como explicarei a seguir.

## 2.2 DAS TENTATIVAS INICIAIS DE INGRESSAR NO CAMPO DE PESQUISA

Como anteriormente dito, as dificuldades em conseguir informantes para a minha pesquisa por meio de indicações de conhecidos ou pelo exercício profissional não lograram êxito, e me deparei, afinal, com o primeiro desafio de minha pesquisa de campo. Ao ponderar a situação com cautela, resolvi, então, recorrer ao maior banco de informações da sociedade contemporânea: a *internet* e suas redes sociais.

Até então, em 2016 eu ainda não possuía uma conta no *Facebook*, que foi criada, em um primeiro momento, para a exclusiva finalidade da pesquisa acadêmica. Essa mudança de abordagem, voltada à etnografia virtual, foi encarada por mim mesmo com desconfiança. Eu estava buscando em terreno estranho a mim (as redes sociais) informações sobre meu objeto de pesquisa que, até então, mostrava-se intangível; mesmo assim, resolvi investir nessa empreitada.

Como primeiro passo, decidi obter uma certa quantidade de amigos no *Facebook* e detalhar meu perfil, a fim de dar credibilidade à minha página pessoal e ampliar minha rede de contatos. Feito isso, comecei a buscar grupos relacionados ao poliamor, e assim encontrei vários, a maioria de âmbito nacional, são eles:

- a) Poliamor Real;

- b) Poliamor(grupo moderado e sem *fakes*);
- c) Poliamor e não-monogamia Brasil;
- d) Poliamor Gay;
- e) Poliamor;
- f) Trisal, Polifidelidade e Poliamor (TPP Brasil) e;
- g) Poliamor Pernambuco – Brasil.

Ressalta-se que todos esses grupos são fechados, o que significa que apenas podem visualizar as postagens ou interagir com outros membros quem faz parte da comunidade virtual, não sendo os dados e informações postadas de caráter público. Para ingressar em qualquer um deles, foi necessário solicitar aos administradores, que, via de regra, analisam a página pessoal do requerente e, encontrando verossimilhança nos dados pessoais do perfil, permitem que este participe do grupo.

Minha justificativa ao solicitar o ingresso nos respectivos grupos era o receio sobre a viabilidade dos acessos a informantes que me seriam possibilitados, mesmo prioritariamente visando grupos locais (na verdade, local apenas o Poliamor Pernambuco – Brasil). Por conseguinte, resolvi, inicialmente, colher informações de todas as fontes que me parecessem possíveis, mesmo que dos grupos nacionais.

Para deixar claros os meus interesses acadêmicos, preparei uma apresentação pessoal que postei em todos os grupos que tive acesso, na expectativa de obter o máximo de informações e conhecimento:

Olá a todxs!

Me chamo João Cavalcanti, sou formado em direito, advogado de direito de família e estudante do mestrado em antropologia da UFPE, onde estou pesquisando sobre poliamor.

Tanto a sociedade quanto no meio acadêmico ainda não possuem informações precisas sobre o que é ou como se configuram as famílias poliamorosas. E sabemos que a carência de informações gera preconceitos que muitas vezes relegam à marginalidade relações tão bonitas quanto às poliafetivas.

Por essa razão resolvi tentar entender o poliamor pela ótica de seus praticantes e vim aqui convidar a todos que vivem esse tipo tão especial de relação a conversarem comigo. Gostaria de obter o máximo de conhecimento possível! Para tanto, destaco que o anonimato será mantido e os contatos poderão ser feitos in Box.

Obrigado pela atenção!

Desse modo, me apresentei e deixei claros os meus interesses nas comunidades virtuais, a fim de remeter credibilidade à minha pesquisa e, quem sabe, fazer com que surgissem informantes dispostos a compartilhar suas experiências comigo.

### 2.3 AS COMUNIDADES DO *FACEBOOK* E DO *WHATSAPP*: DO INGRESSO À INTERAÇÃO

Por conta da minha apresentação alguns curiosos entraram em contato comigo, como Walter, de Recife, estudante de ensino superior e interessado no trabalho em si, principalmente por sermos da mesma cidade e verificar que uma pesquisa estava sendo realizada por um conterrâneo seu, mas sem qualquer experiência em relação ao poliamor.

No entanto, a entrada nos grupos de poliamor me possibilitou contatos com algumas pessoas que se identificavam como adotantes desse tipo de relacionamento. Chamaram-me a atenção duas, em especial. Em ambos os casos, os informantes entraram em contato comigo por meio do meu *post* de apresentação já descrito anteriormente. Ressalto que além de esperar o contato voluntário de alguém disposto a conversar, estava a acompanhar todas as postagens e comunicações das páginas dos grupos, visualizando e interagindo, mesmo que de maneira tímida e lacônica, para me manter ativo na comunidade, seja “curtindo” as postagens, seja opinando por comentários em conteúdos.

O primeiro informante foi Bento, de Belo Horizonte, residente em São Paulo, aproximadamente 37 anos, artista plástico, bissexual e que vivia um relacionamento com uma mulher, Beatriz, que, por sua vez, possuía um namorado em Niterói. Embora ele não interagisse com o terceiro, todos tinham consciência e anuência desses relacionamentos. Também explicou que possui necessidade de conhecer o namorado da namorada, para aplacar sua insegurança e ciúme. Ao responder se gostaria de um relacionamento poliamoroso que incluísse o rapaz, afirmou que sim, mas que, apesar de sua namorada consentir, o rapaz, heterossexual, não queria. De toda sorte, Bento estava se programando para ao menos conhecê-lo e desmitificar a pessoa do namorado dela, tendo em vista que Beatriz transitava entre as cidades de São Paulo, onde residia o casal e Niterói, onde o terceiro vivia por motivos de trabalho. Frisou que todos os três estavam programando uma viagem para o encontro.

Bento narrou também que, além da namorada possuir um romance, ele também possui “alguns casos espalhados”, que ela tem conhecimento de todos, mas “não encana com nenhum”, o que denota um aparente relacionamento aberto. Explicou ele que, pelo fato de ambos viajarem muito por conta de seus respectivos trabalhos, dispunham, assim, de tempo para conhecer outras pessoas.

Por fim, acrescentou Bento uma variável a mais no seu intrincado relacionamento. Havia um casal de amigos em Belo Horizonte que estava interessado em viver um relacionamento em grupo com Bento e Beatriz. Explicou que o homem desse casal de amigos nunca vivera um relacionamento íntimo com outra pessoa que não sua mulher, que, por sua vez era bissexual. Nesse ponto ratificou Bento que ele mesmo era bi, mas não respondeu sobre a orientação sexual de sua namorada, Beatriz, o que me fez pensar se a bissexualidade seria um requisito indispensável à relação poliamorosa.

A outra informante que voluntariamente entrou em contato comigo foi Fátima, uma uruguaia morando em Foz do Iguaçu, com 23 anos na época e estudante de direito. Possuía um relacionamento com mais duas mulheres, uma brasileira e uma paraguaia. Como veremos ainda neste capítulo, decidi manter contato com Fátima com a finalidade de enriquecer os dados coletados nesta pesquisa.

Nos dois casos conversamos por meio da ferramenta de mensagens instantâneas do próprio *Facebook*. Esses dois contatos iniciais me encorajaram bastante e me indicaram que talvez eu estivesse no caminho certo para, de fato, acessar o campo pertinente à minha pesquisa. No entanto, não estava ainda satisfeito, pois almejava o contato mais próximo com meus interlocutores e, quem sabe, restringir minha pesquisa a Recife ou, ao menos, Pernambuco, o que contribuiria, inclusive, para criar um ambiente mais propício à entrevista, pois possibilitaria ao entrevistado escolher um ambiente que se sentisse mais à vontade, propício à confiança (POURPANT, 2008, p. 175).

O contato em outro grupo de âmbito nacional que me chamou a atenção foi o de um senhor chamado Djair. Ele foi bastante receptivo, mas o tom de seu discurso me desagradou, pois sempre digitava em caixa alta e sempre buscava minha aprovação de suas atitudes narradas. No início ele afirmou que era adepto do poliamor porque o amor precisava ser compartilhado, mas, no mesmo diálogo, refez a afirmação alegando que “A MULHER DEVE SER COMPARTILHADA”, naturalmente seguido de um “CONCORDA?”. Notei que sua companheira possuía alguns namorados além dele, embora não me revelasse qual o número certo; logo indaguei se ele também se relacionava com eles. Não houve resposta. Por fim,

perguntou se eu não poderia adicionar mulheres à conversa, se eu teria amigas, sugerindo, inclusive, que o fizesse com minha namorada (meu *status* de relacionamento estava no meu perfil do *Facebook* publicamente). Por fim, ele me perguntou se a companheira dele “SERIA UMA PROSTITUTA POR NAMORAR OUTROS HOMENS?”, respondendo que cada um vivia à maneira que julgava melhor. Depois o agradei e me despedi.

Por volta de novembro de 2016, um homem chamado Rafael me informou sobre a existência de um grupo de poliamor em Recife, que curiosamente não havia encontrado na minha pesquisa pelo *Facebook*: Poliamor-Recife. Rafael se apresentou como uma pessoa homoafetiva, aberta ao diálogo comigo e adepta do poliamor. Informou ainda que outrora vivenciou uma relação poliamorosa com mais duas pessoas.

Quase que simultaneamente uma outra pessoa, Mauro, também iniciou um diálogo comigo pelo *messenger* do *Facebook*, aconselhando-me a entrar exatamente no mesmo grupo apontado por Rafael. Também soube que o fundador e administrador do grupo chamava-se Alexandre, que mais tarde viria a se tornar um de meus informantes principais. Mauro, por seu perfil na rede social, demonstrou ser uma pessoa religiosa e o cursando o ensino superior. Perguntado se era simpático ao poliamor, disse gostar de duas mulheres, “o problema é que elas não sabem”.

Naturalmente, pedi solicitação para entrar no referido grupo, e Alexandre, o moderador, permitiu meu ingresso. Eu, então, poderia acompanhar as postagens e interagir com informantes locais, acreditando que isso facilitaria o encontro com interlocutores, fazendo um acompanhamento dos mesmos. De qualquer forma, não desconsidero as informações que obtive anteriormente, mas conversas por aplicativos de mensagens em momentos pontuais não me permitiriam um contato mais pessoal e, certamente, não me permitiria observar de maneira mais próxima os detalhes que seriam imperceptíveis em uma relação mais estreita e prolongada. Contudo minha esperança de que as portas do campo se abrissem a mim depois de localizar e adentrar em uma comunidade virtual não foi exatamente correspondida. Eu já havia entrado em um grupo de poliamor de Pernambuco, como já fora dito, o Poliamor Pernambuco – Brasil, o que me possibilitou o contato com Rafael e Mauro, além de me informarem do grupo administrado por Alexandre, o Poliamor - Recife.

O fato é que os grupos locais de poliamor não eram movimentados. As postagens típicas incluíam matérias jornalísticas, colunas de *blogs*, etc. e poucos *posts* incentivavam a interação dos seus membros. Para ser mais específico, até mesmo as postagens diversas eram escassas. Nos dois grupos pernambucanos, minhas apresentações não despertaram o interesse

dos membro sem contribuir, além de Rafael e Mauro. Conversando com Mauro, me queixei sobre a quase ausência de interação nos grupos. Para a minha surpresa, ele me revelou que havia um “grupo dentro do grupo”: a comunidade se comunicava, não pelo *Facebook*, mas pelo aplicativo *WhatsApp*. Ao saber disso, perguntei do porquê de não ter sido avisado sobre esse detalhe, no entanto não obtive resposta. O fato é que após a minha queixa, solicitei ser adicionado ao grupo de *WhatsApp*, no qual eu, finalmente, teria acesso aos meus tão almejados informantes.

#### 2.4 O GRUPO DE *WHATSAPP* POLIAMOR - RECIFE COMO ENFOQUE: ESCOLHAS E DELIMITAÇÃO DO CAMPO ETNOGRÁFICO

Após finalmente entrar no grupo de *WhatsApp* do Poliamor-Recife, em 27 de março de 2017, imediatamente já pude tomar algumas notas. Como era de se esperar, o próprio Mauro fazia parte do grupo, assim como Rafael, que era um dos administradores, tal qual Alexandre. Em síntese, agora eu teria contato direto com os membros do grupo e de forma significativamente mais dinâmica e orgânica do que antes no *Facebook*. O grupo do *WhatsApp* foi criado em 19 de julho de 2016 e contava com cerca de 30 participantes, dos quais 14 eram homens e 16 eram mulheres. Ao longo do tempo, notei que havia uma certa estabilidade no número de pessoas com as saídas ocasionais de membros e entrada de novos integrantes periodicamente, proporcionando a estabilidade do número de participantes durante esse período em que estive em campo. O próprio Alexandre manifestou-se sobre isso: “É assim mesmo, Vilma, Grupos como esse se renovam. Saiu muita gente, uns por serem babacas outros voltaram à monogamia outros cansaram”. Vilma é uma participante do grupo que se queixou da saída repentina de alguns integrantes. Pelo que pude observar, todos já haviam atingido a maioridade civil, formando um grupo com uma média de 25 anos de idade, emprego próprio e acesso à educação.

Escolhi, portanto, como meu campo principal, este grupo; e o delimito cronologicamente entre março de 2017 a março de 2018, totalizando um ano de convívio colhendo dados para uma análise posterior das narrativas daqueles que vivenciaram, vivenciam e/ou tem a pretensão de vivenciar um relacionamento poliamoroso. Essa seleção de meu campo, além de me permitir acesso direto aos interlocutores, me facilitaria o acompanhamento dos mesmos durante esse mesmo período. Destaco, ainda, que permaneci no grupo mesmo após esse lapso temporal.

Ressalto que fiquei extremamente empolgado por adentrar em um espaço aparentemente ainda mais restrito que os grupos fechados nos quais eu fazia parte anteriormente. Meu entusiasmo logo foi ressaltado: alguns membros estavam marcando um encontro entre os integrantes no sábado subsequente, que ocorreria em algum dos bares próximos à Praça Treze de Maio, bairro da Boa Vista, em Recife, se seria no “Bar Frontal” ou no “Boi Neon Bar”, a partir das 19 horas. Fiquei especialmente tentado a comparecer, mas ainda estava inseguro quanto ao meu papel de estrangeiro, de corpo estranho na figura de um monogâmico, novato e, tenho que admitir, receio do ingresso no campo de maneira tão repentina, poucos dias após entrar no grupo. Ponderei e resolvi aguardar um pouco mais, de forma a, primeiramente, me familiarizar com as pessoas do grupo.

Supus também que me manter em um espaço de interação tão intenso possibilitaria que eu me tornasse menos eminente como pesquisador e fosse visto como um igual. Para tanto, interagi o quanto pude, a fim de me tornar figura comum no espaço de contato. Essa comunicação foi fundamental para conhecer e ser conhecido pela comunidade.

Ainda sobre os primeiros contatos com as pessoas do grupo, no dia 28 de março, um dia após a minha entrada e apresentação, resolvi começar a interação com dúvidas que julguei elementares de um típico curioso com a temática, como “qual o significado de poliamor pra vcs?”. A primeira pessoa a responder (e de maneira bastante profícua e eloquente, típico de quem já havia pensado na questão anteriormente) foi Morgana, a companheira de Alexandre e uma das fundadoras do grupo, juntamente com ele. Essa conversa inicial pelo *WhatsApp* ocorreu entre às 20h:32min até às 00h:30min, e que contou com o diálogo tanto do próprio Alexandre quanto de demais participantes.

Após muitos meses de frustrações, eu parecia finalmente ter encontrado interlocutores para a minha pesquisa. E a partir desse ponto, o canal do diálogo se abriu e o campo parecia se delinear à minha frente.

No dia subsequente, fiz uma apresentação formal, similar àquela que fiz no *Facebook* e fui muito bem recebido. Apresentei-me como pesquisador, mestrando pela UFPE e com interesses acadêmicos no poliamor. O retorno foi imediato e logo nos primeiros instantes, com várias saudações de boas-vindas, seguidos de conversas que peguei pela metade, percebi o quão mais rico, dinâmico e acessível meu campo havia se tornado. Inicialmente não soube dizer a razão desse detalhe, mas posteriormente, dialogando com os participantes, descobri que a razão residia em ser um lugar mais reservado, afinal apenas entram aquelas pessoas que forem convidadas por outras já integrantes. Nele também não havia a exposição de álbuns de

fotos ou informações de perfil, que é de fácil acessibilidade no *Face*, exceto as que o membro voluntariamente envia ao grupo. Outro ponto relevante são os amigos do *Facebook* que incluem parentes e conhecidos próximos, algo não visto no *WhatsApp*, o que torna o ambiente mais privado e, por conta desse fato, deixariam as pessoas mais à vontade para se expressarem. Outro fator que suponho também ser relevante apesar de respeito a terceiros novatos terem acesso a discussões passadas no *Facebook* que (como estou podendo verificar) muitas vezes desembocam em conteúdo de cunho mais íntimo e sexual. Tal empecilho não é observado no *WhatsApp*, pois os novos integrantes apenas têm acesso às conversas a partir de sua entrada no grupo.

Como esperado, o ingresso de membros no grupo de *WhatsApp* mudou em 2018. Antes era preciso a aprovação dos administradores, que investigavam o perfil da pessoa antes para selecionar. A explicação da cautela, segundo o próprio Alexandre: “é por que vcs não vêem a penca de gente que eu barro no *Facebook*. Todo dia aparecem uns 20 pedidos de entrada, desses 15 de perfil *fake* e de putaria”. Contudo, recentemente, a análise passou a ser posterior à entrada da pessoa, pois foi colocado um *link* na página do *Facebook* para todos os interessados poderem ingressar.

Deve-se ressaltar que o grupo possui uma dinâmica particular para assegurar um bom funcionamento, um convívio sadio entre seus membros e, particularmente, incentivar a interação dos seus participantes, como detalharei ainda neste capítulo.

Faz-se notar essas situações criadas para a comunicação. Elas se mostram providenciais para que o grupo não se torne parado e de alguma forma se evidencie e se torne relevante diante de tantos outros grupos comumente encontrados nos aplicativos de celulares. A princípio, todo tipo de assunto é permitido no grupo, embora a comunicação virtual do grupo proponha-se prioritariamente a temáticas relacionadas ao poliamor.

Desabafos, por exemplo, sobre questões afetivas ou familiares ocasionalmente surgem no grupo, como o de Rafael, datado de agosto de 2017, em que ele se queixa: “queria muito sair de casa por viver em uma relação muito opressora familiar, onde eu não tinha autonomia, o que interessava era o dinheiro que eu poderia oferecer”. Eu mesmo me senti na liberdade de esclarecer uma dúvida jurídica de uma participante que estava tendo problemas quanto à guarda de seu filho.

Assuntos de cunho sexual também são frequentes. Fantasias sexuais, fetiches, masturbação e preferências em relação ao sexo. Inclusive, como tratarei posteriormente, o grupo serve de ponto de encontro para as pessoas que buscam parceiros mais ou menos

alinhados com seus estilos de relacionamentos, o que aparentemente não é fácil, mediante às reclamações e desabafos frequentes no grupo, em relação a envolver-se com um parceiro que compartilhe o estilo poliamoroso.

De fato, se mostrar em evidência e reforçar a questão da sexualidade é algo importante para o grupo, tanto que há o chamado “dia do semi-nudes”, que sempre ocorre todas às quintas-feiras, à partir das 21hs. As regras são bem simples: os participantes que quiserem tirar fotos de seus corpos *seminus*, já que fotos de genitálias são proibidas, as enviam para todos os demais participantes. As fotos variam de apenas partes do corpo até partes de corpo inteiro. Geralmente poucos participam, mas a maioria dos integrantes comenta, sempre elogiando, enaltecendo e incentivando a postarem mais. Um ponto interessante é que há corpos masculinos e femininos de todos os tipos físicos possíveis e todos são igualmente aceitos e elogiados. No meu julgo, o espaço é democrático e no que tange à estética sexual/corporal, o grupo não possui regras pré-estabelecidas.

Destacamos que assuntos não relacionados diretamente ao poliamor não incomodam a maioria dos membros. Alexandre, então, explica o que aparentemente ocorre:

E, querendo ou não para quem não ta no contexto das conversas ou de fora da galera que sempre conversa aqui, dá um cara de meio “sexualizada”.  
tem gente que acha meio ofensivo.  
já me disseram isso  
mais de uma pessoa já veio conversar comigo no privado antes de sair, por conta de que sou Adm do grupo de *Facebook*.  
Mas no grupo de *whatsapp* é assim mesmo. Não dá pra sair do informal  
Apesar de que admito que as vezes a coisa fica meio exagerada  
Kkkkkkkkkkk

Outra forma de fomentar o contato entre os membros são os encontros do grupo. Notei que são marcados aproximadamente três encontros ao ano, aberto a todos e, como dito anteriormente, nos bares das imediações da Praça Treza de Maio. A razão dessa localização é explicada por ser próximo à residência dos fundadores do grupo, Alexandre e Morgana. No entanto, o primeiro encontro que participei se deu de maneira um tanto diferente.

No dia 18 de julho de 2017 o próprio Alexandre entrou em contato comigo privativamente pelo *WhatsApp* me convidando para “um social aqui em casa, coisa simples, pra pouca gente... e pensamos em chegar algumas pessoas do grupo, aquelas que falamos mais... Afim???”. Seria uma boa oportunidade de estreitar os laços, todavia confesso que fiquei apreensivo. Tive uma certa dificuldade em conseguir esses contatos e não possuía experiência em trabalhos de campo, talvez devido à minha formação acadêmica em Direito.

Não gostaria de colocar tudo a perder. Aceitei, resoluto mais em escutar a falar, tentando me enturmar e, quem sabe, não ser reconhecido apenas como o pesquisador e me tornar mais próximo dos meus interlocutores.

Mesmo sem ser solicitado, resolvi levar bebidas e me ofereci para levar algum jogo de tabuleiro, pois, por meio do grupo, soube desse nosso interesse em comum, mesmo acreditando que não teríamos vontade em jogar naquele momento, mas que serviria para abrir o canal de diálogo. E, de fato, não jogamos. Na véspera da reunião, Alexandre entrou em contato comigo novamente para que eu confirmasse minha ida. Tal atitude me deixou mais tranquilo, pois parecia haver tanto interesse dele quanto meu em reunir-se<sup>1</sup>.

Voltando ao encontro, me dirigi, à hora marcada, ao edifício localizado no Bairro da Boa Vista, centro de Recife. Fui de táxi, pois não havia estacionamento possível nas localidades. O andar era um dos mais altos, o apartamento em si era bem iluminado, por volta de 80m<sup>2</sup>, uma mesa com petiscos e um sofá e algumas cadeiras, onde todos estavam sentados. Alexandre foi me receber à porta e lá também se encontravam a co-anfitriã Morgana, além dos outros administradores do grupo, Rafael e Miranda, e uma integrante do grupo e pregressa amiga do casal chamada Maria. O apartamento era grande e a conversa absolutamente informal foi regada a bebidas e petiscos.

A conversa se deu como se daria entre já conhecidos. Todos, na realidade, já haviam tido contato anteriormente, então coube a mim, “o intruso” e “único monogâmico da sala”, me enturmar com a cúpula do Poliamor - Recife. O que funcionou, já que todos foram muito receptivos e simpáticos. Fui basicamente interrogado como o estranho a eles que eu era, mas em todo o tempo desse primeiro contato me senti acolhido à comunidade.

Na conversa foi relevado que o escopo do encontro seria estreitar os laços e simplesmente “trocar uma ideia”, o que foi bastante produtivo para mim, pois deixei clara a minha pesquisa e certamente desmitifiquei qualquer provável imagem que poderiam ter ao meu respeito, fomentada, por vezes, pela frieza das palavras digitadas em aplicativos de mensagens automáticas. Também me inteirei sobre o funcionamento da administração dos grupos e algumas conversas de bastidores, ou seja, aquelas que não consigo saber só em meramente acompanhar as postagem. O fato é que agora eu possuía uma voz diante de meus

---

<sup>1</sup>Alexandre me perguntou se eu iria “com minha senhora”, já que eu havia dito anteriormente que possuía namorada. Ela não foi, mas me surgiu uma hipótese sobre esse interesse dele: o de saber sobre minhas intenções de estar no grupo. Isso se alinha a uma atenção especial dada pelos administradores do grupo aos homens héteros, que elucidarei ainda neste capítulo.

interlocutores. Retornei para minha residência por volta da meia-noite e fiz algumas observações no meu diário de campo.

De março de 2017 a março de 2018 mais alguns encontros foram marcados, mas dessa vez todos em locais públicos, com convite feito a todos os integrantes do grupo. Fiz-me presente em vários deles e tentei me manter incólume quanto à minha condição de pesquisador, mas, na maioria das vezes algum dos membros (mais frequentemente Alexandre), sempre fazia questão de anunciar em alto e bom som que eu era “o único monogâmico sentado à mesa” ou “sabiam que aqui tem um pesquisador anotando tudo que a gente está dizendo?”.

Ao refletir sobre esse determinado comportamento tomado por meus interlocutores, apenas posso concluir que, por mais que eu me esforçasse em me misturar, sempre faziam questão de reforçar minha imagem sob a perspectiva de seus olhares: a de um pesquisador.

## 2.5 AQUI NÃO É ESPAÇO DE “ARRUMAR CASO”: O GRUPO DE *WHATSAPP*, SUA ESTRUTURA, REGRAS E ROTINA

Como dito anteriormente, há uma atenção especial aos homens heterossexuais que adentram no grupo. Com a convivência, entendi a justificativa dessa preocupação. Não foram raros os casos em que há por parte desses um interesse declaradamente sexual e fetichista (a maioria entra buscando especificamente mulheres bissexuais na esperança de se relacionarem simultaneamente com duas mulheres). Isso somado à ideia comum de que mulheres da comunidade do poliamor estão mais predispostas a atividades sexuais, e que o sexo nesse espaço é fácil de ser conseguido. Postar frases como “alguma mulher a fim de conversar?” ou “tenho interesses em mulheres, de preferência bi” é ostensivamente repudiado pela comunidade. A justificativa dada pela moderação é a de que, apesar de laços entre os participantes poderem existir e, inclusive, por vezes serem estimulados, não deve ser esse o caráter primordial do grupo. Minha hipótese sobre esse comportamento é a de que uma postura rígida neste sentido é um esforço em desvincular o poliamor de uma imagem de cunho predominantemente sexual.

Ademais, o tratamento dado às mulheres do grupo, principalmente às declaradas bissexuais, por vezes assediadas e cobiçadas, como falarei em detalhes em capítulo específico, exemplifica a forma como as questões de gênero estão arraigadas ao objeto de estudo e

intrinsecamente ligadas às formas das relações afetivas almeçadas e idealizadas, sob os ares da objetificação feminina.

Acrescenta-se aqui, igualmente, os claros casos de pessoas ingressarem à procura de aventuras extraconjugais, o que diz muito sobre a imagem que o poliamor passa ao meio social. Esses muitas vezes são identificados como integrantes de algum relacionamento ou que simplesmente admitem abertamente, como foi o caso de um homem que se apresentou assim no grupo: “Me chamo Cosme, sou de Piedade, tenho 25 anos, casado”. Outro apenas ingressou no grupo e a administração notou que o mesmo possuía em seu perfil do *Facebook* a informação de que era casado. Rapidamente o grupo questiona se a esposa do indivíduo era não-monogâmica. Em ambos os casos exemplificados (e em outros inúmeros outros), eles saíram do grupo tão rápido quanto entraram.

Para inibir tais posturas, desde maio de 2017 a ideia de o grupo adotar certas regras vem sendo aperfeiçoada durante o tempo, o que resultou nesta versão final de fevereiro deste ano:

#### REGRAS DO GRUPO

----- NÃO MONOGAMIA E RELAÇÕES LIVRES xxxX  
(INCLUSIVE LIVRES DO DESRESPEITO)

1. Não monogamia não é promiscuidade.
2. Por mais que não queiramos, NÃO MONOGAMIA TB É UM ATO POLÍTICO.
3. Esse grupo não é destinado a quem trai ou quer trair parceiras (o).
4. Esse grupo não se destina cruamente a contatos sexuais. Aqui você não terá contatinhos para uma fast foda.
5. No grupo, todas as correntes de não monogamia são respeitadas.
6. O grupo não se limita a conversar apenas sobre não-monogamia: então estejam à vontade para debater ou conversar sobre qualquer assunto.
7. Chegou no grupo, apresente-se com foto, idade, orientação sexual, se está em algum tipo de relacionamento, se as (os) parceiras (os) sabem da sua não monogamia e onde mora.
8. Interaja. Não cobre do outro aquilo que você não pode dar.
9. Participe das interações.
10. Ter curiosidade e pré-conceitos é aceitável. Falar sobre eles, abre as percepções e horizontes.
11. Divergências e ideias contrárias fazem parte das relações. O importante é não querer/fazer discursos proselitistas ou colonizadores.
12. Todas (o) as(o) membras (os) devem ser tratadas (os) com respeito. Xingamento é BAN
13. Qualquer tipo de propaganda está expressamente proibida, resultando em notificação (3 notificações é BAN)
14. Nudes é uma maravilhosa ideia, mas se quiserem mandar vão pro privadoconsentidamente. Ninguém gosta de nudes não solicitados. Nesse

sentido, todas as quintas feiras, das 20:00h até as 22:00h podem mandar fotos sensuais (sem sexo explícito ou genitália a mostra).

15. A divulgação das fotos sensuais em outros grupos ou demais locais que não sejam esse grupo, é passivo as penalidades legais, de acordo com a Lei dos Crimes Cibernéticos (12.737/2012), ou Lei conhecida como Lei Carolina Dieckmann

16. Qualquer tipo de preconceito expresso é BAN para nunca mais voltar.

17. Vamos nos amar

18. Whathappens in Vegas, stays in Vegas, ou seja, nada de fofocas por aí. Tem gente que não quer se expor, então gente mané é BAN

19. Se objetificar a (o) outra (o) é BAN.

20. Se for constatada a conduta objetificadora da (o) outra (o) é BAN.

Alguns pontos das regras já foram comentados aqui, como aversão à relacionamentos extraconjugais, manter o conteúdo visto no grupo em sigilo (itens 15 e 18) e, para inibir intenções que não se coadunam com a proposta do grupo, que os membros novos se apresentem com foto, o que dá um rosto ao membro egresso, idade, orientação sexual, se está em algum tipo de relacionamento, e se as/os parceiras/os sabem da sua não monogamia. A localização da residência restringe-se à cidade ou região. Notou-se também que apesar do grupo ter apenas Recife no nome, pessoas de outras cidades e, por vezes, outros estados são admitidas livremente.

Esse debate sobre adotar regras expressas e analíticas chegou a ser criticado por alguns participantes. Um deles, autodenominado *BoxingFight* argumentou que “muita gente não se sentiu contemplado grupo pelo excesso de regras e a necessidade de classificar e nomear tudo!”. Eu não entendi objetivamente o que ou que item ele estava criticando e o indaguei qual era exatamente o ponto problemático que deveria ser debatido. Os administradores endossaram a minha indagação e se mostraram bem abertos ao diálogo, embora o participante tenha preferido não mais se manifestar.

Ademais, penso ter sido um caso mais grave, ocorrido em julho de 2017, que serviu de marco para que as regras fossem compiladas no informativo aqui já citado e expostas a todos os novos participantes, no momento em que entram. O fato ocorreu quando um homem chamado Wilson passou a assediar uma participante chamada Marta. Ambos se conheceram por intermédio do grupo, ele então passou a assediá-la de maneira permanente, privadamente no *WhatsApp*, e por meio do *Facebook*, chegando a aparecer no trabalho dela (teve acesso a essa informação por meio do perfil da mesma). Os moderadores foram comunicados e o expulsaram.

Verifica-se, portanto, regras bem delineadas e condutas passíveis de reprovação e punição, como foi verificado, seja com advertências nos casos menos graves, como piadas de

cunho machista, até mesmo à expulsão de certos membros por conduta julgada inapropriada, como assédio ou ingresso no grupo para obtenção de casos extraconjugais, em que até mesmo os perfis nas redes sociais dos novos membros são investigados para saber se os mesmos são casados ou possuem algum tipo de enlace amoroso. Vê-se, portanto, um esforço notável em desvincular os participantes da comunidade poliamorosa de uma imagem associada a um viés meramente sexual, o que não condiz com o próprio discurso poliamoroso.

## 2.6 O PERFIL DOS PESQUISADOS

Como dito anteriormente, resolvi ter como campo principal o grupo de *WhatsApp* que me permitiu acesso a experiências, vivências. Todo conhecimento adquirido era valioso, em função da própria natureza do objeto pertencente à esfera do privado, quando não do íntimo. No entanto, seria preciso adentrar ainda mais nesse terreno de tortuoso acesso. Para alcançar essa meta, o grupo Poliamor– Recife me possibilitou aproximação a informantes. Dessa forma, por se tratar de uma amostra quantitativa, decidi manter o número de informantes em cinco, buscando as mais variadas configurações de relacionamentos possíveis, como primeiro critério para a escolha dos mesmos. Há, então, vivências relatadas entre:

- a) Três mulheres (MMM);
- b) Dois homens e uma mulher (HMH) e;
- c) Duas mulheres e um homem (MHM).

Nesta última configuração, busquei acompanhar a perspectiva do casal e, igualmente, da terceira pessoa que ingressa em um relacionamento já firmado: a chamada “namoradinha” ou “unicórnio”, como falarei mais em tópico apropriado.

O segundo critério determinado por mim consistia necessariamente em o informante ter vivido ou viver um relacionamento poliamoroso, o que me fez descartar a maioria dos integrantes do grupo, pois estavam ali por outros motivos, como curiosidade, conhecimento ou por acreditarem ser o grupo um facilitador para relacionamentos, por exemplo.

Segue agora a descrição de cada um deles e as respectivas narrativas de suas experiências. Ressalto que compartimentalizei os informantes em grupos ao ter como critério cinco arranjos poliamorosos distintos.

### 2.6.1 O casal Alexandre e Morgana

Os primeiro informantes são Alexandre e Morgana. Nosso primeiro encontro foi na residência de ambos, no centro do Recife, na reunião informal que neste trabalho já foi narrada. Os demais encontros alternaram entre o apartamento deles e os bares nas proximidades, em encontros do grupo.

O Alexandre possui 37 anos, estatura média e barba, é *design* gráfico, bastante simpático e falante. Guarda interesses em comum comigo, tais como livros, quadrinhos e jogos de tabuleiro, o que me serviu para abrir o canal e nos rendeu algumas discussões interessantes. Já Morgana é um pouco mais nova, tem 30 anos, éruiva, cabelos curtos, empresária de uma cozinha itinerante, bem mais contida na fala, mas extremamente eloquente e precisa nas colocações. Ambos foram os fundadores do grupo Poliamor- Recife.

Com esses convites e acessibilidade, eles me permitiram uma dupla oportunidade, pois eu pude observá-los e ver um pouco de seu ambiente privado, indo além do que eles poderiam apenas me dizer. Essa possibilidade de entrevistar um informante em sua própria residência foi algo raro para mim, por se tratar de um assunto de âmbito íntimo, enquanto os demais informantes ofereceram uma resistência grande até mesmo para conversar em locais públicos. O casal tem um filho adolescente e todos os encontros foram marcados quando o mesmo se ausentava, seja para a casa de parentes ou viajando com algum amigo. Em um momento oportuno, voltarei ao assunto dos filhos nos relacionamentos poliamorosos.

Na sala de seu apartamento, à noite, me contaram com desenvoltura como se deu a abertura do relacionamento ao poliamor, seus relacionamentos a três fracassados, as lições aprendidas e as recentes tentativas de novos relacionamentos, sempre na configuração deles com uma terceira mulher, e sempre por iniciativa de Morgana, pois, segundo o acordo entre eles, ela tem liberdade para ficar com outras mulheres (relacionamento amoroso casual) e eventualmente alguns desses episódios evoluíam para algo mais sério. Morgana, notadamente, é bissexual, enquanto Alexandre é hétero.

Os diálogos se deram de maneira fluida, sempre na presença de ambos. Alexandre praticamente dominava as narrativas, enquanto Morgana, sem esboçar qualquer reação, o escutava com paciência, mas sempre atenta. Logo após ele concluir a descrição de determinado fato, ela educadamente começava a versão dela do ocorrido e, em muitas ocasiões, cortou intromissões de Alexandre: “você já falou, agora me deixe falar”, ou um

simples “posso falar?”; sempre calma, sem nunca elevar o tom da voz, mas firme e com resultados.

A primeira relação a três de ambos parece os ter marcado profundamente, pois sempre a retomam em suas digressões. Ela se deu há alguns anos. Eles já foram praticantes de *swing* e mantiveram um relacionamento aberto por anos, ou seja, eles poderiam ficar com outras pessoas, ambos com mulheres. Perguntei certa vez se ela não poderia ficar com outros homens. A resposta dela foi que ele ficaria enciumado, coisa que não acontecia quando ela se relacionava com mulheres. Ela, por sua vez, disse que o único homem de sua vida era Alexandre.

Certo dia Morgana revelou que estava gostando de outra mulher e, segundo eles, esse foi o ponto crucial a repensarem o caráter monogâmico da relação. Mais uma vez ele afirma que, se fosse outro homem, provavelmente ele resistiria; contudo, por ser outra mulher, Alexandre resolveu experimentar um relacionamento a três, mas sem manter vínculos íntimos com a terceira. Morgana seria o ponto em comum entre ambas as partes.

Ele ainda frisou que tentou uma aproximação de amizade com a namorada de Morgana, mas não houve abertura para tanto. Tudo isso em meio a ciúmes e cobranças de Alexandre e da namorada: ele acreditava ficar com a parte ruim da relação, que, segundo Alexandre, correspondia à rotina de casa, filho, programação financeira, etc. enquanto a diversão ficava a cargo do outro relacionamento. Em contrapartida, a namorada almejava a estabilidade e rotina que Alexandre o proporcionava. Em síntese, um queria estar no lugar do outro e ninguém se sentia completo nessa relação, à medida que Morgana, o ponto de intersecção, estava ficando cansada da situação.

Por fim, Morgana fez um balanço do que representou a relação e das razões de seu término. O próprio relacionamento entre ela e Alexandre já estava em crise, o que não permitiu uma base para o suporte de uma terceira pessoa. O que me levanta a hipótese de que os relacionamentos poliamorosos denotam um relacionamento a dois já estabelecido e estável, o que possibilitaria a entrada de um terceiro integrante, por exemplo. O que é mais ou menos observado nas narrativas dos demais informantes e que irei analisar mais adiante nos outros capítulos.

## 2.6.2 Fernando e seus dois amores, Amanda e Aníbal

Fernando possui 31 anos, é promotor de eventos de formatura, formado em administração, casado há 15 anos com Amanda, com quem tem três filhos e possui um relacionamento há 9 anos com o Aníbal. Obtive seu contato não por meio do grupo de *WhatsApp*, mas por intermédio de minha rede de sociabilidade.

Como Morgana e Alexandre, Fernando mostrou-se aberto a contribuir para a pesquisa e disposto a relatar sua experiência em um relacionamento a três. Ele me pareceu uma pessoa bastante falante e simpática. No primeiro encontro, foi bastante contido e ponderou bastante as palavras, mas posteriormente abriu-se mais, tornando a entrevista um diálogo bastante esclarecedor, sem qualquer óbice em relatar suas angústias ou receios diante de suas relações afetivas.

O escritório no qual conversamos possuía cerca de 16m<sup>2</sup>, alguns armários, uma mesa e algumas cadeiras. Algumas placas e fotos de formaturas de trabalhos anteriores enfeitavam o local, por sinal bastante organizado. Apesar de conter uma porta, havia um vidro onde ele poderia ver quem passava pelo corredor, e não raramente sua avó aparecia para observar o andamento da entrevista, muito embora não pudesse escutá-la.

Nosso primeiro encontro se deu em uma cafeteria no bairro da Boa Vista, próximo ao seu trabalho e posteriormente em um prédio comercial onde ficava seu próprio escritório, e onde sua avó também possuía negócios, pois várias vezes ela apareceu e nos cumprimentou. Perguntei a ele se ela sabia o teor de nossos encontros. Ele me disse que não, e que provavelmente ela pensava se tratar de negócios. Indaguei se sua família tinha ciência de seu relacionamento a três e fui informado que provavelmente todos sabiam veladamente, mas que ninguém comentava sobre isso, ao menos não na frente dele.

Contou que mesmo no relacionamento com Amanda, tinha consciência de sua bissexualidade, seu primeiro interesse sexual, inclusive, foi por rapazes, mas o convívio circunstancial fez com que ele engatasse um relacionamento que culminou na gravidez do seu primeiro filho, Jef (Amanda tem origem no interior e passou a trabalhar e morar na residência da avó de Fernando, onde ele também morava).

Ele informou que, após a gravidez, resolveram concretizar o relacionamento, que, até então, não era considerado por ele como algo “sério”. Porém, continuava a manter relacionamentos extraconjugais fugazes com homens por “conta da questão sexual, de querer o contato”, mas de forma alguma planejava qualquer relacionamento duradouro.

Tais “saidinhas” provocaram uma crise no relacionamento deles, o que acarretou em uma separação momentânea do casal, e foi em meio a essa crise que surgiu o terceiro participante da relação, Aníbal.

Embora já se conhecessem desde 2008, a primeira centelha no relacionamento se deu um ano depois no carnaval, enquanto Fernando estava montando um camarote no Galo da Madrugada e Aníbal trabalhava com confecção de itens carnavalescos do próprio bloco. De algumas “ficadas”, passou a uma relação mais séria; tanto que, ao voltar para a esposa, ele relata: “quando voltei pra Amanda, eu disse pra ela que iria assumir um negócio mais sério com ele (Aníbal), então, assim, foi uma coisa de comum acordo entre eu e ela (...) e ela aceitou na condição de ser só ele”. Segundo ele, ela aceitou “sem muito drama” e ele considera a atitude dela em aceitar uma prova de amor. Conclui ele que concordar em um relacionamento nessas condições “é se dedicar tanto a uma pessoa ao ponto de ceder”.

Ressalta-se que Amanda e Aníbal já se conheciam de vista de outras ocasiões, porém Fernando frisa que não havia ainda “rolado nada entre nós, era só amizade, mesmo”. Inicialmente, Amanda não queria nenhum tipo de proximidade com Aníbal. À medida que Aníbal não sabia do retorno do casal, segundo Fernando, “ele apenas sabia que havia a mãe dos meus filhos, não conhecia a intensidade do relacionamento entre nós”.

Em síntese, Fernando vivia um relacionamento com duas pessoas que não tinham conhecimento nítido da relação como um todo, ao menos por certo lapso temporal. Amanda soube apenas após o término da crise e sua eventual reconciliação, enquanto Aníbal teve conhecimento da real magnitude do vínculo entre o casal depois que Fernando anunciou que seria pai novamente, mais ou menos uns cinco meses após seu retorno à esposa.

Segundo Fernando, ao saber que Amanda engravidara novamente, Aníbal encarou a situação de maneira serena e sua maior preocupação era de ordem financeira, demonstrando atenção quanto às necessidades da prole do casal. Por sinal, os filhos acabaram sendo um interesse em comum, representando um aspecto importante ao relacionamento. Frequentemente Aníbal faz-se presente nas necessidades financeiras das crianças, seja em contato direto com elas, seja indiretamente ao ajudar nos eventos escolares, ao ajudar, por exemplo, a mãe, Amanda, a comprar roupas ou adereços de fantasias para apresentações dos filhos na escola, como já ocorreu por diversas vezes. Esse último fato me fez atentar que há um vínculo entre Aníbal e Amanda, pois eles já mantêm contato direto entre si, ao ter na figura dos filhos os catalisadores dessa relação entre ambos.

Tal relacionamento estreitou-se ao ponto de viajarem todos juntos, incluindo os pais e demais parentes de Fernando. Dormiram, inclusive, no mesmo quarto, todavia, Aníbal dormiu no chão em um colchonete. Algumas atitudes como demonstrações de afeto, por exemplo, são ponderadas e contidas, a fim de não criar embaraços entre Amanda e Aníbal. Sobre os considerar família, Fernando é enfático: “ambos são minha família, não consigo mais pensar em um relacionamento apenas com um dos dois. Se for pra acabar com um, prefiro ficar solteiro.”

### 2.6.3 Félix , Kelly e seu namorado, Marcelo

Kelly é uma integrante do grupo Poliamor- Recife e, por meio desse contato inicial, consegui que me concedessem algumas entrevistas. No início a notei resistente em conversar comigo. Ela, em primeiro lugar, queria realizar as entrevistas por telefone, mas consegui fazê-la entender que a entrevista presencial poderia ser mais rica. Tive bastante cautela para não parecer impositivo ou mesmo insistente. Caso ela não me desse retorno aos meus contatos via *WhatsApp*, simplesmente eu descartaria a possibilidade. Mas sempre houve um *feedback*, o que me tranquilizou e me fez refletir sobre a maneira de conduzir a entrevista de forma a mantê-la à vontade, pois ela já demonstrara estar disposta a falar.

Arquitetei uma técnica diferente. Utilizaria o espaço da faculdade que leciono como local para o diálogo, pensando nas vantagens que isso me traria. A primeira vantagem diz respeito à legitimidade a meu respeito e minhas intenções, pois abriria meu local de trabalho embebido de minha reputação para recepcioná-la. A segunda era o fato de aquele ambiente ter um fluxo grande de pessoas e segurança. Outra medida que tomei foi deixar claro que ela poderia ir acompanhada.

Minha estratégia deu certo! Eles vieram à faculdade e a primeira entrevista correu de maneira bastante proveitosa, além de me abrir a possibilidade de novos diálogos, pois já me conheciam e isso facilitava as coisas. Soube também que eles procuraram referências minhas aos administradores do grupo Poliamor - Recife, mais especificamente a Alexandre. Acredito que ele não me desabonou, tendo em vista que Kelly e seu companheiro, Félix, compareceram ao local marcado.

Pontuais, os busquei na portaria, assim como eles preferiram, muito embora os havia instruído a se dirigirem para o interior da Faculdade. Os levei a uma sala que reservei

anteriormente e ofereci água e chocolate, que preferiram não comê-los, mas levá-los aos filhos e sobrinhos. Sobre a água, trouxeram uma garrafa de casa.

Ambos pareceram muito sérios e compenetrados. Ele possui 35 anos, ensino médio completo, é serígrafo e tatuador, enquanto ela 23, também possui ensino médio completo e seu último trabalho foi de recepcionista. Estavam trajando roupas casuais: Félix uma bermuda e uma camisa, enquanto Kelly um vestido. Sentamos à mesa e a entrevista finalmente começou.

Kelly toma a iniciativa e responde prontamente quando indagada sobre quanto tempo tinha o relacionamento deles. Ela não soube precisar, pois começaram o relacionamento “sem rotular”, que gradualmente foi tomando forma para algo mais estável, embora estimam cerca de 6 anos. O marco para a relação alcançar um novo patamar, “algo mais sério”, ocorreu quando engravidaram da filha Laura, pois decidiram morar juntos para “cuidar melhor da criança”, que atualmente está com 4 anos.

Ainda segundo Kelly, o relacionamento deles sempre foi aberto, todavia nunca haviam ficado com outras pessoas, o que finalmente ocorreu em outubro de 2017, com o intuito inicial de satisfazer uma fantasia de Félix de realizar sexo a três, com mais um homem. Para Kelly não foi algo de fácil assimilação, pois precisaria haver “uma certa química” anterior; para ela era necessário conhecer a pessoa antes.

Kelly associou essa situação ao poliamor, pesquisou a respeito e, por fim, ingressou no grupo Poliamor - Recife, onde conheceu Marcelo, passando a conversar privadamente no *WhatsApp* e marcando um encontro entre os três, com o intuito inicial de se conhecerem. Após dois meses de encontros presenciais, ela, após se sentir mais à vontade com a situação, o convidou para o sexo a três. Félix foi bem enfático em expor que não é homoafetivo e que não exerce qualquer contato com Marcelo no ato sexual.

Segundo Félix, depois de Marcelo ingressar no relacionamento, o vínculo entre o casal fortaleceu-se, pois reforçou a confiança entre eles. Eles alegam que quando todos sabem, não há traição, e que “ruim é fazer isso escondido”.

Kelly revela que, hoje em dia, fica sozinha com Marcelo e mantém relação sexual, sem qualquer culpa ou receio de desagradar Félix. Ela acrescentou que o ato dessa forma praticado dá a ela a sensação de uma conquista do casal e não um ato apenas por ela desfrutado. Compreendi o que ela quis dizer, afinal, foi para saciar a fantasia de Félix que eles se colocaram nessa situação. Este, por sua vez, disse sentir ciúme, mas nada que interferisse

na relação, desde que o assunto fosse conversado antes. Frisa-se que eles estavam falando especificamente de Marcelo como terceiro.

O relacionamento com Marcelo perdura até hoje, mas Félix diz não ter um vínculo muito estreito com ele, que apesar de chamar algumas vezes o terceiro para saírem apenas os dois, ele recusa enfaticamente e utiliza como desculpa a atribulada vida acadêmica.

Ao indagar se eles se consideram uma família, notei que eles não possuem uma afinidade tão forte com Marcelo, pois mesmo Kelly, a pessoa que possui um vínculo mais estreito com ele, disse que está aberta há possibilidades de outras pessoas na relação.

#### 2.6.4 Magali, a Namoradinha

Tal como ocorreu com a maioria dos informantes neste trabalho, Magali foi contactada por intermédio do grupo de *WhatsApp* Poliamor - Recife e, por meio deste, pude ler seu depoimento sobre seu relacionamento, que acabou por me chamar a atenção. Já havia obtido informações de casais que se consideram poliamorosos e se abrem para o ingresso de uma terceira pessoa, todavia ainda não havia escutado a perspectiva de um terceiro que passa a fazer parte de uma relação. Primeiramente, cabe aqui uma hipótese levantada ao escutar os interlocutores: aparentemente os trisais possuem como base um relacionamento a dois já estabelecido, sendo este o ponto de partida prioritário para que se estabeleça a relação poliamorosa.

Entrei em contato com ela pelo *chat* privativo do próprio aplicativo de mensagens instantâneas e aguardei seu retorno. Como ocorreu em muitos outros potenciais informantes, a resposta a minha solicitação não veio, o que me fez desconsiderar de início esse contato. Para minha surpresa, recebi um “oi” de Magali cerca de cinco dias depois. Supus que ela passou esse tempo ponderando sobre as possíveis implicações que poderia haver dessa entrevista. Ressalto que em todo contato individual que eu fiz, sempre me apresentava novamente, nos moldes das apresentações que fiz no grupo, contendo minha formação, a finalidade da pesquisa e a confidencialidade e, a essa altura, que poderiam buscar referências minhas com os administradores do grupo, o que, julgava eu, inspirava legitimidade.

Ao responder a seu cumprimento, notei-a bastante cautelosa, pois ela fez questão de confirmar cada ponto de minha apresentação. Entendi a sua preocupação, pela entrevista tratar de um assunto de foro íntimo e, ainda mais, por versar sobre seu relacionamento atual que parecia estar em crise, tornando-se assunto sensível para ela. Resolvi simplesmente deixá-la

falar até que se sentisse mais à vontade. É interessante notar que, muito além de simplesmente compartilhar uma experiência, ela, assim como Kelly, estava na comunidade de poliamor em busca de esclarecimentos sobre essa forma de enlacedos afetivos, para entender melhor o que vivenciavam.

Sobre uma entrevista presencial, mais uma vez houve resistência na pesquisa. Magali, inicialmente, sugeriu que eu mandasse um questionário e ela responderia, por *email* ou pelo próprio *WhatsApp*. Eu não queria insistir e parecer inconveniente, mas deixei claro que uma conversa presencial seria bem mais rica. Posteriormente ela cogitou uma conversa por meio de telefone. Resolvi, apenas mais essa vez, argumentar das vantagens de uma entrevista “cara a cara”, mas resoluto a não passar desse ponto quanto à minha preferência, pois sentia correr o risco de desagradar a informante e perder os detalhes de sua experiência poliamorosa. E as negociações surtiram resultados.

A fim de deixá-la sempre à vontade, deixei a seu cargo a escolha do local e a hora da entrevista, mas sugeri o espaço da faculdade em que leciono, como fiz com Kelly e Félix. Essa foi a escolha dela. Realmente, ter esse espaço disponível resultou, mais uma vez, em um acerto. Marcamos então dia e hora mais propícios para a entrevista correr sem preocupações, sem pressa e sem interrupções, com o intuito maior de deixá-la à vontade e, assim, falar com facilidade, seguindo à risca as recomendações de Poupard quanto a deixar o entrevistado à vontade para falar, de forma que o local escolhido para a entrevista fosse o mais acessível e confortável para ele (POUPARD, 2008, p. 230). A colaboração fora conseguida.

Marcamos em um sábado pela manhã, por volta das 10hs. Ela atrasou um pouco, cerca de 20 minutos, mas nada que prejudicasse o andamento de nossa entrevista. Comprei água e chocolates e fiquei no aguardo para recepcioná-la na faculdade.

Magali aparentava ter 25 anos, estatura mediana e trajava vestes casuais (uma camisa e uma calça jeans). Acenei para ela e a cumprimentei. Conversamos um pouco e demos uma volta pela faculdade que terminou diante da sala que reservei. Entramos, ofereci a água e coloquei os chocolates sobre a mesa, deixando-a à vontade para pegá-los quando quisesse. Para abrir o canal de comunicação, indaguei questões simples e descobri que ela possuía 31 anos e completou a graduação em fisioterapia. Feito isso, comecei a escutar sua narrativa.

Ela relata que um amigo próximo era seu ex-*ficante* (uma pessoa com quem possuía relacionamento efêmero). Não engataram um romance por incompatibilidades e ele viajou para o exterior, onde passou 8 anos. Nesse ínterim ela casou-se e em seguida veio a separação.

Em meados de 2017 ele, ainda residente na Itália e já casado, entrou em contato com Magali. Ela suspeitou das intenções do amigo, pois ele e sua esposa haviam tido experiências a três. Segundo seu relato, mesmo no exterior, por meio de redes sociais, o homem passou a relatar uma experiência que ele e sua atual esposa tiveram com uma terceira mulher, embora, de acordo com ela, “deu um probleminha” e acabaram.

Já após seu regresso a Recife, ele esteve pessoalmente com ela e, posteriormente, se encontraram os três na residência do casal (Magali, o homem e sua esposa). A ideia passada para ela foi a de vivenciar uma nova experiência, incitando sua curiosidade, pois revelou já haver tido experiências com mulheres na adolescência, embora não se considere bissexual. Tanto o homem quanto sua esposa demonstraram serem pessoas de “cabeça aberta” a novas possibilidades.

Magali, em certo ponto da conversa, descreve o que vivenciava da seguinte forma: “ele é como se fosse o centro do relacionamento. Ela era casada com ele e como eu já havia, no passado, tido um caso com ele, acho que ficou um sentimentozinho, sabe? E aquilo foi propício pra o desenrolar entre os três.”

Em certo ponto, ela fez uma afirmação que me levantou questões sobre a natureza da relação: “eu acho que ele meio que chantageou no início: - Ah, vamos ficar os três juntos. Acho que ele gostou na experiência passada, mas rolou um probleminha aí de ciúmes dela...”. Indaguei se ela acha que a iniciativa partiu dele e ela afirmou que sim, que ele convenceu a esposa a ingressar nesse tipo de configuração amorosa.

O relacionamento perdurou durante quase um ano e terminou em maio de 2018.

#### 2.6.5 Fátima e suas duas namoradas

Por alguns motivos específicos, Fátima diferencia-se dos demais informantes principais deste trabalho. Como já fora anteriormente revelado, Fátima é uma uruguaia moradora de Foz do Iguaçu. Tinha à época 23 anos e estudava direito, possuindo um relacionamento com mais duas mulheres, uma brasileira e uma paraguaia. Os primeiros contatos que fizemos foram oriundos de minha apresentação em um grupo nacional de poliamor. Após me apresentar, ela mandou uma mensagem respondendo minha postagem, cujo teor demonstrava interesse em minha insipiente pesquisa e se prontificava a conversar comigo em particular, caso eu estivesse interessado em saber sobre seu relacionamento

poliamoroso. Esse primeiro contato foi feito em 13 de outubro de 2016. Ela foi bastante simpática e não se furtou em responder minhas indagações de maneira direta e rápida.

Inicialmente nosso contato se deu por meio de mensagens instantâneas trocadas pelo aplicativo *Messenger* do *Facebook*. Em nossa primeira conversa, que durou aproximadamente 1h30min, mais ou menos entre às 20:00hs e 22:00hs, ela me contou sobre seu relacionamento com outras duas mulheres de maneira clara e sem qualquer óbice, além de se mostrar solícita e aberta à comunicação posterior.

Confesso que de início não fazia parte de meus planos acompanhar Fátima com o objetivo de torná-la uma de minhas informantes principais devido a algumas razões, as quais passarei agora a explicar. Meu objetivo principal era concentrar minha pesquisa em Pernambuco e, mesmo com o primeiro contato e acompanhamento quase que diário por meio de aplicativos de mensagens instantâneas, diga-se *WhatsApp*, minha preferência por encontros e entrevistas presenciais justificava-se por aparentarem trazer mais riqueza de detalhes às narrativas que posteriormente seriam analisadas e trabalhadas nessa pesquisa. Fátima residia em Foz do Iguaçu, muito além do limite territorial por mim planejado. E, por conta da distância considerável entre Recife e a cidade em que ela residia, todo o contato seria eminentemente virtual

Todavia, alguns fatores me levaram a ponderar uma relativização de meus planos originais. A disposição de Fátima em compartilhar suas experiências em detalhes foi um dos motivos que me deixaram inclinado a considerá-la uma interlocutora valiosa para a pesquisa. Porém a justificativa preponderante e motivadora para a tomada de minha decisão foi sua configuração particular de relacionamento poliamoroso vivenciada por ela: Fátima e mais duas outras mulheres. Um particular arranjo ao qual não encontrei nenhum outro em Recife ou, de maneira mais extensa, em Pernambuco. Essa narrativa tão característica poderia trazer uma perspectiva mais ampla para o poliamor, ainda mais se considerar o estudo de gênero no contexto relacional, seja na esfera íntima, seja em uma abordagem mais ampla, em caráter social, ao investigar a interação dos atores desse enlace afetivo com o meio que os cerca.

Nos alternamos em conversas por meio de mensagens de texto e algumas através de ligações, de toda forma por intermédio das ferramentas de comunicação do *Facebook*. Sempre simpática e espontânea, ela relatou sua experiência no poliamor, simultaneamente aos fatos que ocorriam em sua vivência. Essa afirmação faz necessária devido ao término do namoro após cerca de dez meses. Notei que a partir das primeiras crises no relacionamento, ela, de maneira atípica, demonstrou pouco ânimo para dar prosseguimento a sua narrativa, o que era

perfeitamente compreensível, dadas às circunstâncias e, a fim de não invadir um terreno no qual visivelmente não era oportuna minha presença, afastei-me respeitosamente.

Decidi arriscar contato para retomar nossas conversas em novembro de 2017, onde reencontrei Fátima novamente receptiva e disposta a compartilhar a narrativa de sua experiência comigo, adicionando informações sobre suas crises e inevitável término, tal como as razões para o fim.

Ela relata que nunca foi contemplada da monogamia, sempre optando por manter seus relacionamentos abertos a pedido seu, como aconteceu com o último namoro que teve com um homem e que durou cinco anos, dos quais, mais da metade desfrutava (e concedia) liberdade de se relacionar com outras pessoas.

Esses relacionamentos, segundo ela, a ajudaram a compreender que “não gostava de homens”, razão por que não se sentia satisfeita com o até então namorado, o que, eventualmente, levou ao fim do namoro.

Em seguida conheceu Patrícia por meio de um aplicativo de namoro, o *Tinder*, fato que serviu para confirmar seu interesse por mulheres, pois até aquele momento, sentia-se atraída sexualmente por pessoas do mesmo sexo, mas nunca antes emocionalmente. Ela disse ter achado Patrícia, que era brasileira, linda e incrível, foi correspondida e passaram a se conhecer melhor. Certo dia, ao perguntar a Patrícia com quem ela morava, a resposta que escutou foi essa: eu moro com minha companheira. O fato curioso é que Fátima não compreendia que por companheira Patrícia referia-se à sua namorada, Bruna, com quem estava junto há quatro anos.

Inicialmente o relacionamento de Fátima resumia-se apenas à Patrícia. Todavia, certo dia, Bruna, de nacionalidade paraguaia, resolveu tomar a iniciativa de conhecê-la e sentaram as duas para conversar, pois, segundo a própria Fátima, ela queria conhecer a mulher que Patrícia tanto amava. E a primeira conversa que tiveram também versou sobre acordos entre as duas pela divisão de tempo que fariam com Patrícia. Fátima ressaltou que esse contato inicial possibilitou um estreitamento de laços entre ela e Bruna, que, mesmo com o término do namoro, permanecem amigas e se encontram eventualmente para sair e conversar.

Feita essa explanação inicial sobre os métodos de pesquisa, o estudo de campo e apresentados os informantes principais, se buscará, a partir desse ponto, montar um quadro analítico que comporte as narrativas aqui apresentadas, a fim de montar um panorama amplo do que vem a ser o poliamor e em que medida sua configuração, à primeira vista tão peculiar,

distancia-se ou aproxima-se dos enlaces afetivos monogâmicos, tidos como formas paradigmáticas de se relacionar.

### 3 POLIAMOR POR SEUS PRÓPRIOS ADEPTOS: COMPREENDENDO OS TRISAIS

A configuração familiar que parecia ser paradigmática nos setores médios da sociedade brasileira até a década de 1950 pode ser definida como monogâmica, hierárquica e patriarcal, até que, por volta da década de 1980, ficou esse modelo conhecido como “tradicional”. Nesse modelo de família, homem e mulher se percebem como intrinsecamente diferentes e essa diferença se cristaliza em sinais visíveis como o tipo de comportamento próprio de cada sexo. O poder do homem apresenta-se hierarquicamente superior ao de sua esposa, o que guarda profunda relação com o trabalho que exerce fora de casa e sua condição de provedor da família. Na família patriarcal/hierárquica a posição dos atores é definida a partir da idade (no caso dos filhos) e sexo (no caso dos cônjuges), o que acarreta em desigualdade e diferença de privilégio entre seus membros. Frisa-se que, somada à característica patriarcal, estão os aspectos nuclear e monogâmico. Após a década de 1950, tais características passaram a ser questionadas.

Esses questionamentos contestaram a família tradicional, até então modelo paradigmático, e suas características. Verifica-se que esse processo de mudança por vezes é confundido com uma crise, quando na realidade relaciona-se à concepção atual do que se entende por família. Essas mudanças de concepção são, na realidade, eventos pelos quais perpassam fatores culturais, sociais e econômicos, o que evidencia a necessidade de contextualizar as mudanças que incidem sobre a família brasileira com a sua própria sociedade, como bem salienta Goldani (GOLDANI, 1994, p. 326) e Segalen (SEGALEN, 1996, p. 156). Frisa-se que analisar cada um desses aspectos desvirtuaria o foco do presente estudo, tamanha a quantidade de variáveis a serem consideradas para o traçar de um panorama de todos os fatores responsáveis pela metamorfose familiar. Focaremos, então, em características pontuais dos tipos de arranjos familiares, mas especificamente na monogamia, por seu caráter paradigmático, e sua eminente inflexibilidade para com o transcurso de tempo, ao menos nas civilizações ocidentais, tal como a brasileira, lócus de minha pesquisa, como faremos a seguir.

Nas últimas décadas do século XX, as famílias parecem, ao menos ideologicamente, ter mudado através de um processo de modernização guiado pelo ideal de família “igualitária”. A família tradicional, portando, cedeu, sistematicamente, lugar à família moderna com seu ideal de igualitarismo e que possui como demais características basilares ser heteroafetiva, conjugal, persistindo o caráter monogâmico verificado na família tradicional. Essa mudança

permitiu a resolução de alguns conflitos do modelo hierárquico familiar: igualdade formal entre pessoas diferentes que se relacionam, em que a própria igualdade é o ideal regulador. Na família igualitária, a identidade é idiossincrática: homem e mulher se percebem como diferentes, pessoalmente e idiossincraticamente, mas iguais como indivíduos (GOLDANI, 1994, p. 328). As diferenças pessoais subordinam (e são percebidas como mais importantes que) as diferenças sexuais, etárias e posicionais (FIGUEIRA, 1987 p. 13).

Uma observação deve ser feita antes de dar prosseguimento à pesquisa. Há aqui uma evidente simplificação quanto aos arranjos familiares. A própria formulação clássica de família tradicional elaborada por Gilberto Freyre e que fora responsável por estabelecer o perfil de família patriarcal brasileira, não abarca todas as configurações das famílias à época do seu estudo (SAMARA, 1987, p. 31), como corrobora Corrêa, que sugere serem as demais formas de organização familiar simplesmente relegadas à invisibilidade por fatores externos, como a Igreja e a Coroa (CORRÊA, 1981). Neste diapasão, a família moderna, de forma alguma, sintetiza toda a gama de configurações observadas nas famílias hodiernas. Todavia, por servirem de base, em modelos considerados paradigmáticos, serão estes os utilizados como arquétipos, verificada, assim, uma redução epistemológica proposital, com a finalidade de objetivar o tema do presente trabalho.

Feito esse adendo, sintetiza-se que a família tradicional passou a ser contestada, criticada e questionada, o que levou a sua superação, ao menos formalmente, pela chamada família moderna, esta, por sua vez conjugal, heteronormativa e monogâmica.

Como podemos supor, a família moderna, tal como a tradicional, tornou-se impassível a críticas e questionamentos. Iniciemos comentando sobre o aspecto conjugal familiar:

A despeito da diversificação entre os segmentos médios da população e a associação disto com os padrões de consumo de bens materiais e simbólicos predomina o modelo nuclear conjugal entre as famílias das camadas médias. Ao mesmo tempo, aumentam as experiências de vínculos afetivo-sexuais variados e com moradias separadas, o contingente de mulheres optando pela maternidade fora da união formalizada e mesmo a opção pelo celibato entre homens e mulheres. As famílias das camadas médias estariam tornando-se mais igualitárias na medida em que homens e mulheres são percebidos como iguais enquanto indivíduosmas diferenciados pessoal e idiossincraticamente(GOLDANI, 1994, p. 328).

De fato, não é necessário um esforço muito grande para imaginar um casal, que, apesar de se reconhecer e ser reconhecido como tal, reside em moradias distintas. Ou mesmo a própria união estável, cujas flexibilizações tornam altamente variáveis as maneiras nas quais

se apresenta no meio social. Outro ponto passível de críticas é a heteronormatividade da família moderna, aspecto esse amplamente contestado pelos relacionamentos homoafetivos, como explica Paiva:

A homoconjugalidade e homoparentalidade vem desde a última década do século XX, assumindo a relevância crescente na agenda política dos movimentos homossexuais pelo mundo ocidental. Para alguns analistas sociais, tais reivindicações atestam uma profunda modificação nas lutas simbólicas com as quais a homossexualidade historicamente se engajou, alterando inclusive sua localização nos mapas cognitivo-afetivos da sociedade contemporânea. (PAIVA, 2007, p. 23)

Agora, faz-se necessário explicar sobre a questão da monogamia, assunto indissociável ao assunto da conjugalidade e, portanto, estreitamente arraigado à temática do poliamor, visto ser essa forma de relacionar-se, ao menos em uma primeira observância de seu discurso, correspondente à negação das práticas monogâmicas e uma ruptura de seus ditames. Como visto no tópico anterior, o relacionamento conjugal além de duas pessoas é tema controverso na sociedade ocidental. Ao buscar uma explicação a esse comportamento, debruçar-se sobre a história é um esforço fundamental.

Lévi-Strauss (2010) explica que o predomínio do casamento monogâmico possui origens na escassez de um certo bem: as mulheres. Entende o referido autor que existe um equilíbrio biológico entre os nascimentos masculinos e femininos (exceto quando esse equilíbrio é artificialmente modificado, como o infanticídio de meninas ao nascerem, recorrente em alguns países do Oriente). Lévi-Strauss (2010) enfoca o caráter material como limitador da poligamia, na (im)possibilidade material de ter em sua propriedade mais de uma esposa, o que, como consequência, torna a monogamia mais frequentemente observável.

Essa inviabilidade material, incorporada sistematicamente e gradualmente a nossa tradição eurocêntrica, ganha significados culturais que representam os pilares do que Rubin (1993) chamou de sistema sexo/gênero. Ela não foi evocada aqui arbitrariamente, já que o seu sistema proposto será de fundamental importância para o entendimento das identidades de gênero, que serão trabalhadas em capítulo posterior. Voltando às significâncias do matrimônio, o próprio casamento grego acabou por aproximar conjugalidade a preceitos filosóficos que mais tarde ganharam vieses religiosos cristãos, especificamente interessados em uma fidelidade sexual, ao impor aos dois cônjuges apenas praticar atividades sexuais no seio da união conjugal respectiva (FOUCALT, 1999, p. 184). Essa assertiva apenas ilustra como os enlaces afetivos estão conectados aos mecanismos sociais que nele incidem. Os

diversos agentes de controle social, tais quais a religião e a cultura, detêm forte poder e influência na maneira como os relacionamentos são identificados em determinado local e em determinado tempo. Ademais, a própria materialidade do casamento é ressaltada por Foucault ao explicar que a mulher, propriedade do homem, deveria ter como uma de suas funções primordiais dar filiação legítima. A própria moral que embebe a relação conjugal exige uma conjugalização das relações sexuais, a fim de impedir que esta ocorra fora do casamento, com a compartimentalização do casamento, prazer sexual e obtenção de descendência legítima (FOUCAULT, 1999, p. 208).

Tais concepções podem hoje ser observadas na própria estrutura do casal contemporâneo. A ideia de ter o outro como seu, remete à propriedade e esboça os contornos da exclusividade e fidelidade entre duas pessoas para a obtenção de afeto e prazer sexual, considerando não sucumbir às tentações externas ao círculo familiar uma virtude. Nesse panorama, o poliamor apresenta-se como alternativa a esta moldura rígida de relacionamento, como passaremos a explorar no capítulo posterior desse trabalho.

### 3.1 MUDANÇAS NA CONCEPÇÃO DO QUE SE ENTENDE COMO FAMÍLIA: pluralidade das formas de conjugalidade

Ao expandir o conceito de conjugalidades, nota-se que a sociedade caracteriza-se pela pluralidade dos modelos de configurações familiares, que tomam a definição da família crescentemente complexa. A Constituição Federal de 1988 abarcou em seus dispositivos uma diversidade de situações que vão desde os casais com vínculo matrimonial legal até as uniões estáveis, ou mesmo os lares com um único chefe de família que educa sozinho a prole (caso da família monoparental). A reflexão a ser realizada nesse contexto é que a Constituição apenas reconheceu configurações familiares mais eminentes, que eram de maior ocorrência no meio social. Segundo o IBGE (2005), os Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) revelam que só o perfil composto unicamente por pai, mãe e filhos, a chamada família nuclear moderna, na pesquisa de 2015, ocupava 42,3% dos lares pesquisados, enquanto a família monoparental representava 16,3% e os demais índices correspondiam a casais sem filhos (19,9%), unipessoal (14,6%), outros tipos de parentesco (6,5%) e multipessoal sem parentesco (0,3%).

Todavia, o mesmo ainda não pode ser dito sobre indivíduos que adotam o estilo de vida não-monogâmico, como o poliamor. Aqui se pode verificar o que Durkheim chama de

“anomia”, uma palavra de origem grega que remete à expressão “ausência de lei”. Assim, se entende por anomia uma situação em que se verifica a falta de normas que vinculem os indivíduos num contexto social. (DURKHEIM, 1999, p. 304/305). Ela, portanto, constitui a ausência de referências na sociedade, não se tratando unicamente de um problema de sujeitos que violem regras de comportamento, mas de uma vasta crise social, na qual os membros de determinados grupos não encontram parâmetros para seu comportamento (VILA NOVA, 2009, p. 35). Logo a anomia designa situações nas quais indivíduos passam a violar normas comumente aceitas pelo grupo e se comportam de maneira anômala, em clara desobediência à conduta considerada “normal” pela sociedade. Ressalta-se que os mecanismos sociais, tal como as normas jurídicas que proíbem expressamente mais de um relacionamento, denotam a importância dada à monogamia relegando à total marginalidade qualquer forma de comportamento que subverta essa ordem. É nesse sentido que se escolheu, nessa pesquisa, começar por situar o mundo onde está contextualizado o poliamor.

Hodiernamente, embora os mecanismos sociais continuem a exercer seu poder sobre o que se entende por família (portanto, não devemos perder essas forças de vista), as modificações mais significativas no âmbito subjetivo dizem respeito à grande ênfase na autonomia da vontade e no sentimento que são considerados fatores norteadores da gênese dos enlaces matrimoniais. Essa observância dupla entre a família e os atores nela envolvidos de forma alguma deve dissociar-se de uma simultânea análise do contexto no qual essas famílias estão localizadas, a fim de não incidir nos equívocos aduzidos pelo casal Comaroff, como bem explica Ortner (2007, p. 48). Ou seja, não se devem desconsiderar os contextos culturais, econômicos e sociais com precedência e primazia aos indivíduos e sua força de vontade e intenções.

Portanto, exposto o ambiente e as forças que agem sobre a família, busca-se agora enfatizar o indivíduo que adotou o poliamor como estilo de vida em clara referência à agência, que deve ser aqui considerada como “sinônimo das formas de poder que as pessoas têm à sua disposição, de sua capacidade de agir em seu próprio nome, de influenciar outras pessoas e acontecimentos, e de manter algum tipo de controle sobre suas próprias vidas”, como evidencia Ortner (2007, p. 52). O discurso poliamorista, como veremos neste capítulo, tem seu alicerce justamente em agenciar seus próprios projetos familiares às margens do poder, que, neste contexto, significa estar fora do alcance dos mecanismos de controles sociais.

Consoante a isso, passaremos a enfocarno poliamor em si, ao dar especial importância ao discurso poliamorista e, principalmente, a esse estilo de vida tão peculiar e, à primeira vista, tão desvinculado ao aspecto monogâmico, intrínseco às famílias modernas.

### 3.2 O MOMENTO DO ROMPIMENTO COM A MONOGAMIA: O QUE DIZEM OS ENTREVISTADOS

Como já fora delineado no capítulo primeiro dessa pesquisa, o antropólogo precisa estar disponível para ouvir e compreender os momentos mais adequados para perguntar e pontuar temas que supostamente são importantes para mapear a narrativa e categorias expostas pelos informantes. A cada conversa e entrevista, é necessário pensar em estratégias, adaptá-las à situação, levando em conta as características de cada informante.

O fazer antropológico, na antropologia contemporânea, é um ponto discutido constantemente na disciplina. A antropologia tem isso como característica: pensar-se e, principalmente, refletir sobre o que nos é posto. E é nesse pensar que residem as bases da chamada reflexividade nativa, que consiste, basicamente, em levar em consideração na produção do conhecimento antropológico a perspectiva do informante. Igualmente aos antropólogos, os informantes constroem suas teorias, conceitos e denominam coisas, embora munidos de outros “caminhos metodológicos”. A matéria-prima do “pensamento nativo” é a vida real, o cotidiano com seus imponderáveis e suas vicissitudes.

Consoante a isso, deve-se considerar que os antropólogos tentam verificar uma realidade pela ótica que não a sua, a fim de compreender e entender o que lhe é diferente. E para tal, mas não exclusivamente, precisamos saber o que os outros, igualmente humanos, pensam sobre si e sobre as coisas.

Utilizando essa linha metodológica, busquei apreender as subjetividades da prática envolvida ao poliamor, a fim de contrastá-la com o discurso envolvido por seus adeptos, utilizando como ponto de partida o momento em que houve a ruptura com a monogamia, ou mesmo verificar se tal desvinculação ocorreu, de fato.

Para Anapol (2012, p. 1), o poliamor é uma palavra comumente empregada para designar uma espécie de relacionamento contrário às tradicionais regras monogâmicas de se relacionar, e se caracteriza por amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo. Essa ideia de transgredir a monogamia é incorporada pelo grupo Poliamor - Recife. Alexandre, por exemplo, corrobora a oposição à monogamia ao afirmar que “a base monogâmica é a posse e

a hipocrisia” e que “no poliamor todos são livres para amar mais de uma pessoa sem as amarras impostas pelos preceitos monogâmicos”. Morgana, Rafael, Miranda e vários outros membros ratificam a afirmação e corroboram o entendimento. Mas, levanta-se a questão: será que a filosofia poliamorosa e sua incorporação nas práticas relacionais realmente são capazes de desvincular-se da forte cultura da monogamia, característica basilar da atual família moderna?

Dessa forma, todos os informantes falaram se, de fato, houve um momento específico em que se descobriram não-monogâmicos. Começaremos com Morgana e Alexandre, que, antes mesmo de enveredarem para o poliamor, já formavam um casal com um relacionamento estável. Morgana, então, relata:

Eu descobri o poliamor na “tora” quando me vi gostando de uma garota e de Alexandre ao mesmo tempo e percebi que dentro de mim eram relações distintas, aí fomos correr atrás de entender tudo a respeito, isso foi há uns 8 anos atrás, de lá pra cá muitas coisas rolaram. Houverammuitos “porquês”, para quês”, “como assim”, “serás”, “devo estar louca”, até uma leve depressão e muito choro, mas depois de tantas coisas, hoje eu sou e me considero madura, mas ainda tenho muito que aprender.

Na realidade, embora uma terceira pessoa na relação tenha causado tal conflito, aparentemente, eles já estavam dispostos a viver novos amores para além do próprio casal, pois a experiência insatisfatória que tiveram no *swing* residiu justamente no fato de serem proibidos envolvimento entre os frequentadores dos clubes, como explica Alexandre:

Eu me lembro de nossa época de *swinger*, onde conhecemos muitos casais e a regra Magna dos *swingers* era exatamente que podia rolar de tudo, menos envolvimento. Sério... Quando eu e Morgana estávamos nesse meio (*swing*), conhecemos muitos casais. Ir para os “os finalmentes” acho que só uns três. Mas amizades fizemos com vários. E isso era sempre visto como um tabu, umas partes se envolvendo (emocionalmente) com outras partes. Era apenas sexo e pronto. Tanto que eu e a ruiva (Morgana), abandonamos essas práticas exatamente por conta de ser apenas sexo e nada mais. Achávamos algo muito vazio. Acreditamos na conexão, no envolvimento...Coisa que o *swing* não permitia.

Como se pode verificar, já havia anseio por um envolvimento afetivo maior que não fosse suprido unicamente por relações sexuais. Para eles, o afastamento com a monogamia se deu de maneira gradual, nos seguintes termos: primeiramente a formação entre eles de um relacionamento estável como casal; depois um relacionamento aberto; em seguida uma tentativa de se tornarem *swingers*, que fora frustrada por não haver a possibilidade, segundo

as regras dos clubes, de um relacionamento mais intenso e por fim; o retorno ao relacionamento aberto que possibilitou o ingresso de uma terceira pessoa na relação. Frisa-se que esta é sempre uma mulher, trazida por Morgana, que é bissexual, embora a relação não seja necessariamente entre os três, já que a terceira pessoa não se relaciona amorosamente com Alexandre.

Em situação semelhante, contudo, sob uma perspectiva diversa, está Magali. Ela foi a terceira pessoa que ingressou em um relacionamento já firmado. Quando indagada quando se descobriu poliamorosa, ela relata:

Olhe, essa questão foi o seguinte, eu não esperava. Um dia, conversando com um amigo casado, meu ex-ficante, que passou a morar na Itália. Voltamos a conversar e eu percebi a intenção dele, por conta de uma experiência passada que ele teve. Quando ele voltou, ele não me propôs nada diretamente, mas a gente já percebia o que ele queria pela fala dele.

O relato de Magali releva não ter havido planejamento algum ou mesmo pretensão em participar de um relacionamento poliamoroso por parte dela, que teve como força motriz sua curiosidade sobre a experiência nesse tipo de relação. A espontaneidade parece não poder ser aplicada ao homem que a convenceu a participar, e que, aparentemente, utilizou do mesmo artifício com sua esposa. Segundo uma hipótese levantada por Magali: “eu acho que de alguma forma ele fez a cabeça dela (esposa). Assim, sabe, de fantasiar: - ah vai ser bom, Magali é uma menina legal, vai ser uma parceira aqui. Porque eu tinha uma relação de amizade com ela e nós duas tínhamos uma relação de romance com ele.” Em outro momento, ele divagava: “Agora somos nós três agora, tudo vai ser planejado entre os três.” Faz-se eminente, então, a possibilidade de o relacionamento ter sido arquitetado pelo homem, por meio do “fazer a cabeça” da esposa e da própria informante.

O artifício de convencer a parceira a aceitar uma relação a três aparece igualmente no relato de Kelly e Félix. Frisa-se que ambos consideram sua relação aberta, com a plena liberdade de ficar com outras pessoas. Sobre a gênese do trisal, Kelly responde:

Foi um lance sexual, a gente conversando e Félix já tinha essa vontade de fazer algo a três. Era um fetiche dele. Tá, mas eu vou pesquisar porque não vai ser com qualquer pessoa, eu não me sentiria à vontade com qualquer pessoa, porque o que me atrai na pessoa não é o físico, eu preciso conversar, trocar uma ideia pra poder me atrair.

Em suma, no início, a iniciativa de trazer um terceiro ao relacionamento foi de seu parceiro e possuía caráter puramente sexual. Contudo o sexo casual não foi suficiente para ela, que preferiu estreitar um laço afetivo com a terceira pessoa antes de terem relações. Ela continua: “aí uma vez eu comentei (no grupo de *WhatsApp*) alguma coisa pra Marcelo, que me chamou no privado e a gente começou a conversar, até que um dia a gente marcou pra se ver (incluindo Félix) e ficamos conversando, e depois aconteceu e tá acontecendo até hoje.” Conforme as vivências narradas, algo que começou em uma clara tentativa de satisfação sexual evoluiu para um relacionamento entre o casal e a terceira pessoa.

O convencimento parece ser estratégia comum quando da abertura ao estilo de vida poliamoroso. Na narrativa de Fernando, ele deixa claro que, mesmo casado, sempre gostou de dar umas “saidinhas” e “sempre teve alguma coisinha lá fora (do relacionamento), mais por uma questão sexual, mesmo”, todavia nunca esteve aberto a outro relacionamento além do que já possuía com a esposa. Até que apareceu em sua vida Aníbal. Mais uma vez a formação do trisal não aparenta ter sido planejada, mas surgiu de maneira gradual.

Como já exposto neste trabalho, no primeiro capítulo, os casos extraconjugais, ainda que efêmeros, provocaram uma crise no relacionamento com a esposa, o que acarretou em uma separação momentânea do casal, e foi em meio a essa crise que surgiu o terceiro participante da relação, Aníbal.

Com o término da crise, voltou à esposa: “quando voltei pra Amanda, eu disse pra ela que iria assumir um negócio mais sério com ele (Aníbal), então, assim, foi uma coisa de comum acordo entre eu e ela (...) e ela aceitou na condição de ser só ele”. Em contrapartida, Aníbal não sabia que a relação de Fernando e Amanda era tão estreita. Fernando explica que Aníbal apenas a via “como a mãe de meu filho” e apenas soube da seriedade da relação entre ele e sua esposa quando ela engravidou do segundo filho. Segundo o próprio Fernando, Aníbal ficou reflexivo por algum tempo, mas não externou ciúme ou fez qualquer objeção sobre a relação eminente com a esposa Amanda, apenas demonstrou preocupação sobre as questões financeiras que demandariam os cuidados para com os filhos. Segundo o próprio Fernando, “no fundo ela já sabia, mas estava fazendo vista grossa”. “Ele já notava que eu dividia meu tempo entre ele e Amanda. Eu só tinha filhos com aquela mulher e tava todo dia na casa dela, né possível, né?”.

Nesse ponto, a esposa aceitou expressamente a relação, diferentemente do namorado, que concordou tacitamente. Ambos não sabiam, ao menos no início, que estavam envolvidos em um relacionamento a três e acabaram absortos na trama amorosa, que consistia em ter

Fernando como vértice, restando aos demais tolerarem as relações múltiplas, tal como no caso de um cônjuge consentir que seu par faça visitas regulares ao amante, embora finja não o ver. Mas a situação passa a tomar outro viés quando se estreitam, igualmente os laços entre Amanda e Aníbal, quando ambos passam a partilhar planos, rotinas e interesses em comum, tendo como marco o nascimento da filha entre Fernando e Amanda chamada Alice. Por sinal, nessa relação, os filhos exercem um papel fundamental como ponto de equilíbrio no arranjo entre os três, como versarei no capítulo seguinte.

Por fim, o caso de Fátima é curioso. Ao ser indagada se houve algum momento em que questionou a monogamia, ela foi enfática em responder que:

(...) desde muito nova eu nunca fui muito de monogamia, de ficar só com uma pessoa, de namorar só uma pessoa. Sempre fui mais do tipo de relacionamento aberto. Eu namorei um cara por cinco anos e mais da metade o meu relacionamento com ele foi aberto e foi porque eu pedi (risos). Não foi porque ele queria. O relacionamento não me contemplava nesse aspecto. Depois eu fui entender que eu não me sentia satisfeita porque eu não gosto de homem. Eu namorava com ele, mas ficava com meninas.

Ela claramente associou o relacionamento aberto a adotar uma postura diametralmente oposta à monogamia, quando, na realidade, não é raro encontrar casais monogâmicos que abrem seu relacionamento. A própria prática do *swing* se assemelha a um relacionamento aberto, pois, em ambos os casos - relacionamento aberto ou *swing* - dá-se importância ao contato meramente sexual, e os envolvimento afetivos não são o objetivo de tais enlances, fato que os difere do poliamor.

Reiteradamente, os relacionamentos abertos parecem ser apontados como regra para alcançar o poliamor. Heilborn (2004) já sinalizava essa tendência, ao afirmar que o casal moderno, ao adotar tal prática de abrir a relação ou da adoção de “amizades coloridas”, defendem o abandono da exclusividade sexual. Realmente, diante de todo o exposto, essa parece ser a prática mais comum, que apenas não é observada na narrativa de Fernando. Mas em todos os casos percebe-se a extensão, por vezes tácita (sem consentimento expresso), do relacionamento base (casal) para um relacionamento a três.

Ademais, ela gostava do rapaz com quem namorava, como ela mesma afirmou, mas a vertente sexual do relacionamento não era satisfatória, fato relacionado à descoberta de “gostar de meninas”. Suponho, então, não ter esse momento de autodescoberta relação alguma com quebras de paradigmas monogâmicos, o que apenas vem a ocorrer no início de seu envolvimento com Patrícia.

Na verdade, a confirmação de que de fato ela era homoafetiva esteve intrinsecamente ligada ao próprio romance poliamoroso que vivenciou: “eu tinha muitas dúvidas, sabe? Eu me sentia sexualmente atraída por mulheres, mas eu nunca tinha sentido atração emocional, sabe?”. Prossegue seu relato:

Eu conheci a Patrícia e achei ela incrível, achei ela linda. Daí a gente se falou, falou, falou (a conhecia de vista da faculdade, mas passaram a se falar através do aplicativo de namoro *Tinder*). E eu perguntei se ela tinha um relacionamento e ela me disse que morava com sua companheira e eu não sabia que companheira era sinônimo de namorada (risos). Daí quando eu cheguei aqui (ela estava de férias no Uruguai) ela me explicou que namorava uma moça, mas que tinham um relacionamento aberto. E eu respondi: - tá, de boa!

No entanto, o relacionamento a três apenas se concretizou quando a namorada de Patrícia, Bruna, tomou a iniciativa de conversar com Fátima. Indaguei se ela saberia dizer o que impulsionou a atitude de Bruna em buscar o diálogo direto com ela, ao que ela me respondeu: “eu perguntei a ela, e ela disse que queria saber quem a namorada dela amava, quem era essa pessoa que ela tinha.”. Neste ponto, verifico um ponto bastante comum nas narrativas até aqui expostas: um casal já formado, e firmado em um relacionamento aberto, que acaba por resultar em um terceiro relacionamento. O terceiro, inicialmente não planejado, que evolui de um romance volátil a um incidental vínculo afetivo.

A experiência de Fátima, todavia, traz alguns elementos peculiares sobre a questão monogâmica a partir do término da relação poliamorosa. Enquanto, em todas as demais experiências aqui descritas, os informantes continuam em seus relacionamentos poliamorosos (Fernando, Kelly e Félix) ou ainda permanecem abertos a novas experiências de amor plúrimo, no caso de Fátima, houve uma resignação à monogamia, como ela mesma explica: “Quando eu percebi que eu queria a Patrícia só pra mim, eu me afastei. Eu fui bem sincera. Eu falei para a Patrícia que eu queria um relacionamento monogâmico só com ela. E sei que você não vai me dar isso, então acabou. E ela: sim, acabou!”.

Fiquei intrigado com o porquê de Fátima me afirmar por várias vezes ter superado a monogamia há muito, e, ainda assim, nutri-la e externá-la, ao ponto de necessitar da exclusividade relacional tão vinculada à monogamia da família moderna. Ao perguntá-la sobre isso, ela me respondeu:

Eu acho que é porque eu achei muito complicado um relacionamento em três. Imagina... Tipo... Três TPMs ao mesmo tempo (risos). Imagina o que é

isso! Daí eu queria uma coisa mais estável, mais próxima da monogamia... Sei lá... Eu sentia que eu estava fazendo alguma coisa errada e decidi ter um relacionamento monogâmico. (...) o próprio relacionamento aberto que tive com meu namorado serviu pra eu saber que gostava de meninas (...)

Essa declaração leva a diversas reflexões; a primeira é a própria necessidade do relacionamento aberto como uma maneira de buscar satisfação sexual, que não é obtida com o companheiro na relação base, a exemplo do que ocorreu com Fernando. Outro ponto que merece destaque é a ênfase dada por ela ao certo e ao errado, o moralmente reprovável ou a ação aceita e celebrada, evocando a culpa tão atrelada ao maniqueísmo cristão, ao qual ela já havia declarado ter sido educada, mais especificamente da igreja evangélica. Porém, ela afirmou não se tratar apenas da religião:

Já no fim da relação entre eu Patrícia e Bruna, eu já sentia a vontade de ter um relacionamento estável, aceitável socialmente e de não ficar o tempo todo dando explicações sobre a minha vida, porque parece que seu namoro (trisal) vira público porque não bastasse você está namorando uma mulher, você está namorando duas mulheres. Então você tem que dar um monte de explicações que, se você estivesse em um namoro monogâmico, você não teria que dar.

Tal como o casamento, os relacionamentos de modo geral tanto exercem impacto na sociedade em que estão localizados quanto estão passíveis dos mecanismos sociais que nele recaem. A força incidente de diversos agentes de controle social, tais como a religião e a cultura, inclusive de maneira eminente no relato acima, parecem ter sobrecarregado Fátima ao ponto de tornar a manutenção do relacionamento insustentável. Na realidade, questiona-se se em algum momento Fátima de fato rompeu com a monogamia. Por fim, salienta-se que hoje ela vive um relacionamento monogâmico e fechado, afirmando estar bastante realizada e feliz.

Constata-se que, em todas as experiências aqui narradas, não foi possível identificar um marco nítido da passagem da monogamia ao poliamor, e que aparentemente este foi alcançado de maneira gradual, mediante esforços dos atores da relação. Todavia não se pode atestar com solidez se, de fato, ao atingir o poliamor, a monogamia pode ser superada. Para uma análise mais profunda, algumas outras características da monogamia devem ser verificadas. A ideia de posse, de exclusividade, tão arraigada aos relacionamentos monogâmicos, de fato é relativizada. Isso é inegável. Mas esse fato é determinante para uma ruptura do modelo de família tradicional monogâmico?

No próximo tópico, serão apresentadas as regras comuns nos relacionamentos poliamorosos, a fim de constatar se há algum consenso em relação a semelhanças entre as narrativas apresentadas; e, por fim, será traçado um comparativo com os envolvimento amorosos eminentemente monogâmicos

### 3.3 OS LIMITES DO POLIAMOR: MAIS PESSOAS MAIS REGRAS?

O poliamor é tratado por seus adeptos como uma forma mais evoluída de relacionamento amoroso. Essa afirmativa, tão comum no grupo Poliamor– Recife, geralmente guarda em seu contexto críticas aos relacionamentos monogâmicos, tidos como mais limitados e, portanto, mais rudimentares. Todavia, as relações poliamorosas, tal como as relações que são objeto de suas críticas, também possuem suas limitações. Essas, por sua vez, são materializadas por meio de regras que regem as condutas de seus atores e ajudam a manter a harmonia no seio do relacionamento.

Anapol (2012) utiliza o termo “poliamor” para descrever todo tipo de arranjos amorosos que surgem de uma compreensão na qual o amor não pode ser forçado a seguir ou ser impedido de seguir uma particular direção de como se deve manifestar; uma conceituação bastante ampla, que inclui todo o tipo de relação manifesta por amor considerado romântico ou mesmo sexual, sem levar em consideração o número de participantes envolvidos. A referida autora considera que o poliamor tem mais a ver com uma atitude interna de deixar o amor evoluir sem expectativas ou exigências, que a relação descambe para uma forma, uma maneira particular de concretizar-se do que com o número de parceiros envolvidos (ANAPOL, 2012, p. 01). Ela conclui que a maneira como se configura o poliamor é menos importante que o valor fundamental que ele apregoa, ou seja, a liberdade de poder amar e ser amado, não apenas sexualmente falando, sem limitar a forma de manifestar esse sentimento por normas sociais ou religiosas.

Passaremos, a seguir, a analisar as regras das relações poliamorosas para, por fim, compreender o que os/as entrevistados/as falaram sobre a prática dos adeptos do poliamor e sua relação com o discurso proferido; além disso, se há alguma cisão com as sistemáticas tão comuns nos relacionamentos monogâmicos, pilares da família moderna, a partir das narrativas trazidas pelos informantes.

### 3.3.1 O ponto de partida do enlace poliamoroso: *do casal em relacionamento aberto ao trisal fechado*

Como visto acima, o poliamor não possui uma configuração precisa por não determinar se os membros devem estabelecer uma relação fechada ou não. As falas de Alexandre, intercaladas pela de Morgana, parecem concordar com Anapol (2012) nesse aspecto:

Já vi trisais que se relacionam todos entre si, ou que um dos membros é monogâmico. Já vi também relacionamentos em que apenas um dos membros pode ter relações com outras pessoas. Tivemos uma namorada (mesmo) onde nosso acordo não era ficarmos fechados. Ela tinha um *boy* na Paraíba, inclusive. Igualmente conheço trisalultrafechado.

Pois é. O poliamor pode ser vivido apenas por uma pessoa da relação. Pode rolar com todos. Apenas um com outros, etc.

Já vi trisal escancarado que levantava a bandeira, já vi casal discreto que andava pra todo canto com a “amiga”, já vi trisal mais fechado e ciumento que muito casal monogâmico, já vi relação que envolvia umas seis pessoas, não necessariamente “todos com todos”... Nós mesmos já ensaiamos uma relação fechada com uma garota. Dá mesma forma, na relação com nossa ex, estávamos juntos os três, mas tínhamos liberdade de termos outras relações e chegamos a falar de uma quarta pessoa...

Como se verifica, eles consideram o acordo entre os membros do trisal prevalecendo a qualquer regra ou convenção pré-existente, a depender do estipulado e conversado entre os integrantes do relacionamento. Frisa-se, no entanto, que o relacionamento deles com sua atual namorada é fechado.

Uma observação deve ser feita sobre os depoimentos de Morgana e Alexandre: eles são entusiastas do poliamor. Inclusive, por serem os fundadores do grupo e pioneiros em ascender o debate sobre a temática aqui em Pernambuco, são vistos pela comunidade como formadores de opinião. Recentemente, chegaram a lançar uma página no *Instagram* chamada *PoliamoryCoach*, na qual discute-se sobre “este fascinante mundo das relações não-monogâmicas”. Logo, por mais que sejam receptivos às conversas e espontâneos em responder às indagações feitas a eles, é visível seu intuito de levantar a bandeira, ainda que isso seja feito de forma inconsciente, afinal, eles assumidamente adotaram essa prática em sua vida, de forma que a defendem de maneira natural. Quanto aos demais informantes, eles nos permitem ter uma visão mais minimalista e pontual de suas perspectivas. Vejamos o exemplo de Magali; ela afirma que, quando ela e o casal se sentaram para firmar as regras da relação, um acordo foi estabelecido: “não precisavam ficar os três juntos, afinal ele ficava muito

tempo com ela, e seria justo, também, ele ter um tempo só comigo, né? E isso, no início, não deu problema nenhum.” Apenas a título de complementação, esses problemas estão relacionados ao ciúme e serão tratados em detalhes no próximo tópico. Mas, de antemão, Magali afirma que a relação entre os três se limitava apenas a eles, o que se denominaria, conforme o jargão da comunidade poliamorista, de trisal fechado. Fechado, no caso, a relacionamentos além dos participantes.

Continuando, na narrativa de Fernando, como visto, seu trisal fora oriundo de um relacionamento extraconjugal que acabou por tornar-se um envolvimento sério com Aníbal. Aníbal, por sua vez, não sabia do enlace de Fernando com Amanda, visto que a imagem que Fernando lhe passava representava Amanda como a mãe do seu filho, não denotando vínculo afetivo íntimo algum entre ambos.

O conhecimento da relação entre Fernando e Amanda apenas veio à tona quando ela engravidou do segundo filho. O momento em que o triângulo se fecha é relatado por Fernando da seguinte forma: “quando voltei pra Amanda, eu disse pra ela que iria assumir um negócio mais sério com ele (Aníbal), então, assim, foi uma coisa de comum acordo entre eu e ela (...) e ela aceitou na condição de ser só ele”. Já Aníbal, ainda que de forma velada, após ser noticiado da gestação do segundo filho entre Fernando e Amanda, aceitou manter o relacionamento.

Nenhum dos três expressam o desejo de fidelidade recíproca, porém presume-se o acordo tácito. Na verdade Amanda já o expressara, ao admitir apenas Aníbal. Outro indício de ser esse trisal fechado é a seguinte declaração de Fernando: “e acredita que eu ainda arrumo tempo pra as minhas saidinhas (risos)?! Escondido, claro!”. Como descrito pelo informante, o trisal é formalmente fechado, embora isso não seja empecilho para que ele mantenha casos extraconjugais.

Dando prosseguimento às análises dos relatos dos informantes, partiremos agora para o de Kelly e Félix. Os contornos do enlace entre ambos era assumidamente um relacionamento aberto, embora nunca tivessem ficado com outras pessoas, pois, segundo Félix: “não saímos buscando (ficar com outras pessoas), vai acontecer quando tiver que acontecer”. Eles começaram a se abrir para novas experiências após o desejo manifesto de Félix em incluir outro homem na relação sexual, porém, por exigência de Kelly, um vínculo afetivo teria que ser formado entre ela e esse terceiro, o que, como já visto, foi marco determinante na formação do trisal entre eles e Marcelo. Aparentemente, as regras aplicáveis ao casal estendem-se ao relacionamento tríplice, que é um relacionamento igualmente aberto:

“acho que nosso relacionamento não se fecha mais, não.”, disse Kelly ao ser perguntada sobre essas regras em relação ao trisal. Ela complementa:

Marcelo só vive estudando, porque ele voltou pra a faculdade agora e está estudando muitas matérias, então só fica enfiado em casa estudando. Então nosso contato maior é por mensagens. Mas tem vezes que a gente marca e, tá ligado, ele vem, conversa, vai pra algum canto, ou transando ou não, ele vai simhora e a gente continua conversando pelas redes.

Corroborando a afirmação de Kelly o fato de já terem se relacionado com Amaro, um outro integrante do grupo de *WhatsApp*:

A gente ficou com o Amaro... Não é ficou no passado, porque ainda pode acontecer de novo. Eu, Félix e Amaro, os três. Só porque Marcelo fica enfiado nos estudos, aí meio que dá aquela afastada e a gente se falando só por redes sociais e coisa e tal. E Anderson tem mais a ver com a agente, assim, em termos de gosto. E a gente marcou pra conversar como amigos. Aí outro dia ele nos convidou pra ir na casa dele, a gente foi e acabou acontecendo.

Como pode-se verificar, o comportamento do casal tende a se estender ao posterior trisal. Como mantinham um relacionamento aberto entre si, esse estilo de se relacionar foi incorporado nos relacionamentos posteriores.

Ademais, falaremos da experiência de Fátima. Como já exposto no tópico passado, ela não se reconhecia monogâmica, preferindo um relacionamento aberto. Tal como aconteceu aqui nos demais relatos, assim permaneceu quando da formação de seu trisal. No entanto, havia algumas particularidades notáveis. Quando perguntada se elas poderiam se relacionar com outras pessoas além das três, ela explicou:

É engraçado, eu e Bruna poderíamos ficar com outras pessoas, mas Patrícia não podia. (...) A gente conversou... Eu perguntei a Patrícia: você quer ficar com outras pessoas? E ela falou que não. Mas eu posso ficar com outras pessoas porque você pode ficar com a Bruna. Então, o relacionamento ficou assim: eu e Bruna poderíamos ficar com outras pessoas, mas a Patrícia não poderia ficar com ninguém mais além de nós duas. Aí viraria bagunça (risos).

Diante do exposto por Fátima, sua argumentação conduz não necessariamente à busca por satisfação sexual ou pelo desejo de não se prender a um relacionamento, muito menos em manter seu espírito livre aberto a novas possibilidades; ao contrário, dá a entender uma ideia

de compensação numérica, na busca por isonomia de direitos, no caso, na igualdade no número de parceiros possíveis pelas pessoas envolvidas na relação. Afinal, Patrícia já possuía duas parceiras regulares. Nada mais justo, então, que as parceiras de Patrícia (Fátima e Bruna) também pudessem ter mais relacionamentos além do que mantinham com ela.

Indagada se Fátima usou de sua prerrogativa de poder ficar com outras pessoas, ela falou: “Não! Não, porque não sentia necessidade. (pausa) Mentira! Uma vez eu fiquei com uma menina uma vez quando eu estava de férias no Uruguai. Já a Bruna, ela estava ficando com uma menina de Santa Catarina. Mas a Patrícia não poderia ficar com ninguém mais além da gente”.

Logo, diante dos relatos sobre os regramentos dos trisais quanto a suas condutas e acordos acerca de um possível relacionamento aberto, algumas constatações podem ser aduzidas. A primeira diz respeito à manutenção pelos casais da mesma postura que possuíam antes da formação do trisal quanto a abrir ou não a relação a terceiros. Os casais que antes mantinham relacionamentos fechados permanecem fechados após ingressarem em um relacionamento poliamoroso. É o caso de Magali, Alexandre e Morgana, embora estes variem conforme o relacionamento, mantendo o acordo que firmaram com a namorada. Fátima vinha de relações abertas e assim permaneceu em seu trisal. Na experiência de Fernando, verifica-se esse mesmo padrão comportamental. Ele possuía um relacionamento fechado com Amanda, embora mantivesse casos extraconjugais e um deles tornou-se um namoro de longa data com Aníbal. Por sua vez, Fernando namorava Aníbal, que não sabia de seu relacionamento com a esposa Amanda. Por fim, Fernando namora ambos e ainda possui tempo e disposição para as chamadas “saidinhas”, ou seja, casos efêmeros.

Esse ponto é bastante esclarecedor, pois o discurso poliamorista procura criticar a monogamia, muitas vezes associando a uma prática hipócrita, pois nega o desejo a outros além do casal e acaba por estimular a traição e a infidelidade, já que “a base da monogamia é a posse, o que recusa o desejo ao outro e acaba por resultar em casos extraconjugais”, segundo Alexandre. Regina Navarro Lins (2017) segue esta linha de pensamento ao explicar que: “Numa relação amorosa estável, as cobranças de fidelidade são constantes e sua aceitação é natural. Com toda a vigilância que os casais se impõem, ficam impedidos de vivenciar experiências ricas e reveladoras, que outros parceiros podem proporcionar” (LINS, 2017, p. 203).

Neste sentido, ao verificar os relatos até agora vistos, nota-se que o relacionamento aberto em relacionamentos monogâmicos, por si só, já supriria essa demanda, sem qualquer

flexibilização. Na verdade, a força motriz para o desenvolvimento de relacionamentos abertos em poliamorosos, com base nos relatos, são os vínculos afetivos cultivados oriundos de relacionamentos inicialmente fugazes. No grupo estudado, o poliamor surge como uma variável em uma relação monogâmica, flexibilizando a ideia de relacionamento a dois com a adição de um terceiro, em nada se evidenciando uma ruptura. Todavia acaba por expandir o núcleo dos relacionamentos modernos e monogâmicos.

### 3.3.2 Normas de etiqueta entre os três

Uma relação a dois não é algo fácil. Cada pessoa do enlace amoroso possui suas particularidades, gostos, hábitos e vicissitudes, o que demanda compreensão, respeito e, por vezes, concessões do seu par. Na realidade, é algo que deveria ser recíproco, um esforço comum a todos os envolvidos na união. Ao considerar um relacionamento em trisal, uma pessoa a mais é trazida ao convívio; as variáveis aumentam exponencialmente, o que hipoteticamente demanda um esforço maior para um convívio harmônico entre todos da relação.

Neste sentido, cabe levantar um questionamento: Seriam os relacionamentos poliamorosos menos passíveis de regramentos e limitações que os monogâmicos? Será que há uma descontinuação das amarras impostas às uniões amorosas, baluartes das famílias modernas? A fim de investigar essa dúvida, serão trazidas a seguir as experiências relatadas pelos informantes.

Alexandre e Morgana sempre tiveram como escopo o acordo entre todos do relacionamento para especificar as regras que adotariam. “Cada relacionamento é diferente do outro” – afirma Morgana. Eles mesmos relatam já terem compartilhado uma namorada certa vez, mas sempre retomam como exemplo o paradigmático primeiro relacionamento entre eles, no qual Morgana dividia seu tempo entre Alexandre e sua namorada, que negou veementemente qualquer vínculo entre os três, e apenas à Morgana era permitido transitar livremente entre seus dois polos afetivos. O tempo e sua administração surge como o óbice a ser sobrepujado, como foi verificado nos demais relatos dos informantes, a seguir expostos. Neste sentido, Magali relata que:

(...) era ali entre os dois (o casal), sabe? O planejamento do dia, o que fazer, o que não fazer... Eu mesma tinha várias coisa pra resolver e deixava tudo pra lá pra ir ao encontro deles, na programação deles. Por sinal, um dia fui

pra lá e senti que faltou mais planejamento da parte deles. O que não correspondeu muito com o que ele sempre dizia, que tudo agora seria entre os três. Mas na prática faltava muito disso. Ficava muito em teoria. Eu não planejava com eles.

Segundo Magali, as regras eram impostas, embora houvesse a promessa de discutir e planejar em conjunto. Esse ponto me levou a questionar sobre uma possível hierarquia entre o trisal. Friso que discorrerei sobre as questões hierárquicas entre os membros da relação no capítulo posterior desse trabalho. Ademais, o tempo dividido também era um acordo entre os três. Segundo Magali:

Nós nos encontrávamos juntos, todos os três. Como eu já havia tido experiências com outras mulheres, não tive problema em me relacionar com a esposa dele. A coisa fluía bem entre nós três. Também combinamos que ele poderia me ver sozinho, desde que avisasse à mulher dele antes e ela concordasse, e era assim que dividíamos o tempo entre nós.

O tempo é um fator de bastante relevância em um trisal. Dedicar tempo integral a um dos parceiros poderia vir a distanciar o outro. Uma divisão igualitária parece ser o almejado. Fernando também pensa assim:

Depois que a gente voltou da crise (Fernando e Amanda, crise que possibilitou a aproximação com Aníbal), eu comecei a frequentar mais a casa dele (Aníbal), mas ainda não era todo dia. Depois que eu falei pra ele sobre a gravidez de Alice, aí comecei a vê-lo dia sim, dia não... No final de semana... Hoje em dia é da mesma forma, inclusive ele, daqui a pouco, deve estar ligando pra mim pra dizer que vai à Palmares, onde ele dá aulas de pós-graduação. Aí ele pergunta: olha, estou indo pra a pós-graduação, você vem dormir aqui ou em Camaragibe? Ele sempre foi assim.

Quanto à esposa, ele afirma: “ela (Amanda) pergunta: você vem em casa hoje? Aí eu respondo. Porque não é exatamente uma regra: um dia sim, um dia não, (devo) tá lá. Ela é bem tranquila. Hoje em dia, ela é! (risos)”.

Em consonância, o relacionamento de Fátima também era bastante regrado. Conta ela que:

Andávamos nós três de mãos dadas, com a Patrícia no meio da gente. Saíamos todas juntas. Eu e a Bruna também saíamos isoladamente com a Patrícia e nós compartilhávamos o mesmo círculo e por isso às vezes queriam vir falar mal da Bruna pra mim ou mal de mim pra ela e nós cortávamos, tínhamos caráter de nos preservarmos todas para viver bem.

Ainda sobre as regras e posturas que tinham umas com as outras, ela complementa: "eu não tinha um namoro com a Bruna". Apesar de Fátima declarar isso, o convívio entre as três era intenso e chegaram a morar juntas: "agente dormia as três juntas, na mesma cama. E na hora do sexo, às vezes rolava com todas, mas eu não mexia na Bruna, só na Patrícia. Eu nunca, por exemplo, tirei a roupa ou peguei no peito da Bruna, eu nunca fiz isso". No entanto, reconhece que, apesar de não ter tido relações sexuais com Bruna, era íntima dela:

Eu era muito companheira da Bruna, mais ainda do que eu era com a Patrícia, e por ter muito respeito a ela, nunca quis ficar com a Bruna. Porque eu achava que era muito extremo para mim todas ficando com todas. Iria complicar tudo. Por isso preferi reprimir o meu desejo por ela.

Por fim, o tempo dividido entre Patrícia e suas duas namoradas era adaptável às disponibilidades de todas, desde que eledesse atenção a ambas, o que requeria um bom planejamento de tempo por parte de Patrícia. As próprias demonstrações de afeto desta deveriam ser dosadas de forma a não afagar demais Bruna em detrimento de Fátima e vice-versa.

Quanto a Kelly e Félix, ambos, como já ilustrado, são expressamente avessos às regras, contudo sua prática sugere o contrário. Os encontros se dão sempre entre os três, assim como majoritariamente as relações sexuais. Uma única exceção ocorreu, contudo, de forma pensada, como relata Kelly:

Nós estávamos nós três cuidando da cachorrinha de Joana (amiga do casal) e Félix resolveu dar uma volta com a cachorrinha, e rolou quando eu e Marcelo ficamos sozinhos. A gente não tinha combinado nada, entendeu? Na hora foi espontâneo, mas eu já tinha combinado previamente com Félix que queria um momento a sós com Marcelo, porque seria diferente até pra eu e ele. Pra nos soltarmos mais.

Félix salientou que eles são bastante abertos, mas que teve um pouco de ciúmes: "algo controlável, porque isso fortalece a relação, já que exige muita confiança, diálogo e cumplicidade". O contato maior com Marcelo é realizado por Kelly, através de aplicativos de conversa, porém a sinceridade e transparência entre os dois é tanta que compartilham da mesma conta nas redes sociais: "desde o início ele (Marcelo) sabe que Félix tem acesso a todas as conversas, tanto o é que no celular dele está o meu *Facebook* aberto pra ele". No entanto, por mais transparente e aberto ao diálogo que seja o relacionamento, este não se exime do ciúme, assunto que será abordado em seguida, no próximo tópico.

### 3.4 SOBRE SEGREDOS/HONESTIDADE: A DELICADA QUESTÃO DOS CIÚMES SEGUNDO OS PRATICANTES DO POLIAMOR

Inicialmente, retoma-se que Lévi-Strauss (2010) explica o predomínio da monogamia na escassez de mulheres, tratadas pelo autor como bens valiosos. Tal fato é atribuído por ele a um equilíbrio biológico entre os nascimentos masculinos e femininos. A exceção ocorre quando esse equilíbrio é artificialmente modificado, como o infanticídio de meninas ao nascerem, como ocorre em alguns países do Oriente. Portanto, para cada homem, basicamente há uma mulher disponível.

Explica ainda que a monogamia não possui seus pilares assentados apenas na biologia, mas igualmente em questões materiais: as limitações econômicas acabam também por limitar as possibilidades do homem em possuir mais de uma mulher, o que o faz concluir que nada mais é a monogamia que uma poligamia restringida, ou mesmo que o poliamor é um relacionamento monogâmico alargado, pois, nesse sentido, as regras seriam basicamente as mesmas para ambas. Esse argumento encontra respaldo ao considerar o caráter material da formação familiar, na perspectiva de Engels.

Essas bases materialistas, mais especificamente o receio do homem em ter sua descendência falsificada, segundo Lins (2017), são o alicerce do ciúme dos relacionamentos modernos. Frisa-se que, inicialmente, a mulher era o alvo exclusivo dos ciúmes dos maridos, mas depois este sentimento foi igualmente apropriado pela mulher, que passou a expressá-lo na mesma intensidade que seu consorte. (LINS, 2017, p. 193).

Sobre os ciúmes, Mead (1968) explica:

(...) podemos, sem dúvida, defini-lo pelo seu fim ou função. É aquele lado egoístico do sistema do amor que tem como fim específico a possessão exclusiva do objeto amado, seja este objeto uma mulher ou outra pessoa, ou poder, ou a reputação, ou a propriedade (MEAD, 1968, p. 95).

O conceito de ciúme da autora denuncia o sentimento de posse tão arraigado à ideia de propriedade, ao ter. Esse sentimento é majoritariamente visto como permissivo, embora haja os que o romantizam e o associam a uma manifestação de amor. Quanto a esse ponto, complementa Mead (1968):

Se, portanto, o ciúme não é uma questão de homens normais defendendo seus direitos, mas de um homem aterrorizado defendendo-se a si mesmo contra a infiltração de direitos que não são naturais e sim garantidos a ele pela sociedade em que vive, podemos admitir francamente que é um fenômeno infeliz e que não há nada a ser dito em seu favor. O ciúme não é um barômetro pelo qual se mede a profundidade do amor, é simplesmente o registro do grau de insegurança do amante (MEAD, 1968, p. 102).

O discurso poliamorista compactua com esse pensamento. Os poliamoristas alegam ser o ciúme uma manifestação cultural, logo não é inato, inevitável, muito menos impossível de superar. Diante dessa assertiva, buscam combater esse sentimento. Navarro Lins aponta o sentimento de *compersion* (algo que ela traduz livremente como “comprazer”), que seria sentir-se contente em saber que uma pessoa que você ama é igualmente amada por outrem (LINS, 2017, p. 404).

O grupo Poliamor-Recife reforça o entendimento acima transcrito. Logo afirmações contrárias ao ciúme são bastante comuns entre seus diversos integrantes: “Gente, porque é tão complicado pras as pessoas se desprenderem do sentimento de posse? Não tem nada que me desestime mais numa relação do que essa obrigação de se anular e “pertencer” um ao outro como se o mundo não existisse mais...”, afirma Otávio, um dos frequentadores do grupo; ou “(...) só entrei no grupo do poliamor *face* por causa de um ex e foi ele que me mostrou esse mundo (...) Mas foi um longo caminho... Eu mesma era muito ciumenta, mas mudei. Consegui acertar os pontos e hoje estou curada desse mal”, diz Miranda.

Contudo, Morgana, representando o casal, parece afirmar conscientemente que não é fácil combater o sentimento de posse:

A solução é abrir a cabeça e entender que vc não é dono de ninguém, e que o fato de amar outra pessoa não arranca o amor que vc sente por quem está, mas é um processo longo, desconstruir pra construir, não é fácil, mesmo pq existe ciúmes nos poliamoristas, não somos blindados.

Essa mesma perspectiva é compartilhada por Mead, que considera o ciúme como indesejável, visto como uma atitude negativista ineficaz que mais propicia a perda que a conquista de um objetivo, e cogita como única possibilidade eliminá-lo, ou, ao menos, excluí-lo cada vez mais da vida humana (MEAD, 1968 n/d, p. 110).

Diante do exposto, surgem algumas indagações: Seriam os poliamoristas imunes aos ciúmes? Ou seria a adoção do poliamor como estilo de vida um remédio para combater os tão

permissivos sentimentos de posse oriundos dos ciúmes? As narrativas dos informantes podem ajudar a esclarecer essas dúvidas.

Alexandre e Morgana admitem sentirem ciúmes, mas nem por isso deixam de combatê-lo. Ter consciência do sentimento e refletir sobre ele parece ser o procedimento adotado para enfrentá-lo, como vimos em suas declarações acima expostas. Inclusive não dissociam o poliamor dos ciúmes, que, aparentemente, as relações poliamorosas são tão passíveis desse sentimento quanto qualquer casal monogâmico: “Mais uma vez, creio que a coisa se dá segundo acordos... Concordo que as relações livres não combinem com ciúmes, mas já vi casos de “trisais fechados” onde existe o ciúme entre as partes e nem por isso eles não são considerados poliafetivos”, afirma Alexandre. Como exemplo dessa informação, pode-se citar o trisal formado por Fernando, Amanda e Aníbal, em que o acordo de fidelidade é expresso. Fernando só pode manter relacionamento com a esposa e o namorado, tal como é tão comum em relacionamentos monogâmicos. E os trisais, como nos casais monogâmicos, são igualmente passíveis da ocorrência de infidelidade conjugal, afinal, Fernando nunca deixou de dar suas “saidinhas”.

No entanto, há uma frequente associação entre o sentimento de ciúmes e a monogamia, fato atribuído por Cerqueira Pilão (2012) a um “eu residual” monogâmico, que nunca é abandonado por completo (PILÃO, 2012, p. 41). Alexandre corrobora essa perspectiva: “mesmo depois de tanto tempo, ainda sinto o peso dela (monogamia)... Engraçado que as pessoas pensam que não sentimos ciúmes. Sentimos, sim, mas é beeeem diferente”.

Passaremos agora ao relato de Magali. Como dito anteriormente, ela se aborreceu com o rapaz do casal que namorava, pois ele prometera que os planejamentos levariam em conta os três da relação, mas ela se sentiu excluída. Inicialmente, ela atribuiu a culpa do ocorrido ao homem, contudo, posteriormente, foi a ela revelado o real motivo de seu afastamento:

Depois passou-se o tempo e ele não conversou comigo sobre isso, nem nada e depois eu descobri. Quando eu fui lá pra conversar com eles sobre o que tinha acontecido, ela me disse que eu tava ocupando ele... Assim... Eu falei: Poxa, vocês poderiam ter conversado comigo... Passaram-se dias e dias e nada de agente resolver as coisas. E ela: olha, Magali, a culpa é minha, não culpe ele não, porque eu tava morrendo de ciúmes de você e eu não tava querendo que ele fosse lá (na casa de Magali). Ela abriu sobre isso, sabe?

O ciúme da esposa foi determinante e acabou por fulminar o relacionamento dos três. Ademais, Magali já estava entristecida por não estar participando dos planos em comum, ao se sentir excluída. Este sentimento de afastamento da terceira pessoa incluída ao

relacionamento do casal levanta hipóteses sobre hierarquia entre os membros do enlace afetivo, o que será analisado no tópico 3.5 deste capítulo.

Quanto a Kelly e Félix, apesar de se declararem em relacionamento aberto desde sempre, não são imunes aos ciúmes, como afirma Kelly.

Eu sou uma pessoa ciumenta (risos, aparentemente desconfortável em admitir isso). Aí eu peguei e falei logo: se você quiser ficar com outra garota, beleza. Mas não vai ser na minha frente. Eu aceito, mas no momento eu ainda não estou preparada pra ver... A não ser que estivesse rolando (algo entre os três simultaneamente) e a menina entrasse naquele momento... Embora a gente já esteja com Marcelo, eu não estou preparada pra ver Félix com outra menina.

Félix ressalta os preceitos monogâmicos fortes:

Os caras não aceitam o relacionamento aberto ou trazerem um outro cara pra a relação porque querem ter aquela figura (suas namoradas) só pra eles(...) Eu sempre tive um pensamento voltado ao poli. Na adolescência o pensamento monogâmico ainda falava muito forte em mim.

Todavia, o ciúme ainda persiste, embora controlado, como quando ele relata o momento em que Kelly ficou a sós com Marcelo: “fiquei com um pouco de ciúmes, mas como eu disse antes, isso fortalece a relação. Porque isso exige muita confiança, mesmo assim rola um ciuminho, mas tudo sob controle”. A mesma afirmação se dá quando ele fica sabendo sobre conversas de Kelly com outros homens em redes sociais:

Também sinto um ciuminho, porque conversa é o que cativa e eu na condição de homem hétero sei que um homem hétero fala qualquer coisa pra comer uma buceta, qualquer ideia ele joga. E como a gente tem uma vida e quer manter essa vida juntos, e nessas conversas isso pode ser ameaçado, se bem que Kell não se ilude. Depois que a gente consegue separar amor e sexo, aí pronto, fica tudo mais fácil.

Percebe-se que, mesmo aberto ao sexo com terceiros, outros homens são vistos por Félix como uma ameaça ao relacionamento, embora sua declarada confiança no discernimento de Kelly em não se envolver o tranquilize. Faz-se necessário lembrar que Félix e Kelly compartilham as mesmas redes sociais e ele possui acesso a todas as conversas dela na rede.

Fátima, inicialmente, também não se declara uma pessoa ciumenta: “eu não sou uma pessoa ciumenta, mas a Bruna sentia muito da Patrícia. Ela não expressou isso durante o

relacionamento, apenas bem depois que acabamos. Ela disse que sentia muitos ciúmes, principalmente no começo, e ela se aproximou (de Fátima) porque queria me conhecer”.

Deve-se salientar que, mesmo não se reconhecendo ciumenta, o próprio acordo de relacionamento aberto que ela e Bruna possuíam com Patrícia levanta a hipótese de esta configuração ter sido motivada por ciúmes. Explica-se: Fátima e Bruna poderiam ficar com outras pessoas, não por necessitarem de um relacionamento aberto, mas por que Patrícia já as possuía como namoradas, o que, indiretamente, poderia ocasionar um cabo de guerra entre as duas com Patrícia disputada ao centro, para que ela escolhesse alguma dentre Fátima e Bruna, sob a ameaça de uma de suas parceiras se envolver com outra pessoa. Algo que corrobora este entendimento é que, mesmo com abertura para ficar com outras mulheres, Fátima apenas o fez uma vez quando em viagem sozinha para o Uruguai e já no fim do relacionamento.

Consoante a isso, após o fim do trisal, hoje Fátima declara:

Eu realmente me fechei, eu quero relacionamento monogâmicos. Na real, eu estou namorando uma menina agora que é a Isis, que é a primeira mulher que eu achei incrível. A primeira mulher que eu me apaixonei de verdade mesmo foi ela. E eu não imagino ela com outra pessoa de jeito nenhum! (...)E hoje estou muito feliz em estar em um relacionamento monogâmico com ela.

De maneira geral, o discurso poliamorista foi analisado diante das narrativas dos informantes quanto à concepção diante do sentimento de posse sobre outra pessoa materializado em ciúmes tão comuns aos casais monogâmicos e tão criticados pelos adeptos do poliamor. Todavia, ao se investigar a questão dos ciúmes, são vislumbradas mais aproximações que distanciamentos em relação aos relacionamentos entre casais, pois os ciúmes se manifestam de formas parecidas. É nas diversas formas que se materializam, no entanto, que as peculiaridades do poliamor se tornam mais delineadas.

Majoritariamente, nas narrativas, os informantes acentuam um ponto em comum: eles têm consciência dos seus ciúmes e os julgam um sentimento pernicioso, prejudicial à harmonia dos relacionamentos. Os ciúmes são, então, pensados como um óbice a ser transposto, algum resíduo de monogamia que ainda impregna suas relações amorosas. Essa compreensão permite que os ciúmes sejam mitigados, embora nunca obliterados. Salienta-se que nesta análise excetua-se a reação de Fernando, Amanda e Aníbal, pois eles fazem parte de um trisal tão fechado quando os casais monogâmicos típicos e impregnado da concepção de posse.

Outrossim, já discutimos características típicas das relações monogâmicas e suas formas de manifestações em uma relação poliamorosa. Em continuidade a esse estudo, passaremos agora a explicar uma figura própria dos relacionamentos de poliamor: a namoradinha.

### 3.5 A FIGURA DA NAMORADINHA E A HIERARQUIA ENTRE OS INTEGRANTES DE UM RELACIONAMENTO POLIAMOROSO

Como explanado no tópico 3.2, é frequente encontrar como ponto de partida para uma relação a três um casal já firmado e em um relacionamento aberto. E esse enlace originário é chamado por Lins (2017, p. 398) de relação primária. Em certas ocasiões o romance ora fugaz de algum dos participantes ganha contornos de relacionamento mais sério, com o surgimento de envolvimento afetivo, o que a supracitada autora denomina de relação secundária, daí a gênese mais frequente dos trisais. Essa equação é uma constante quando se investiga o ponto de partida ao qual fora oriundo o enlace poliamoroso.

Esse entendimento é comum no grupo Poliamor-Recife. Sony, um de seus membros, argumenta: “Acredito mais que seja um casal com um laço principal, mas que se permite conhecer, conviver e amar outras pessoas independentemente das convenções sociais”. Apesar de um vínculo afetivo surgir primeiro, Morgana é enfática em apontar que: “Não existe relacionamento mais importante que o outro, cada um tem seu tempo e sua história, então esse lance de ‘já tenho alguém’, e se chegar outra pessoa terá menos importância que a primeira? Não, cada relação tem sua importância”. O valor de cada vínculo afetivo é corroborado pela afirmação de Alexandre ao contestar a nomenclatura diferenciada dada aos relacionamentos, que parecem ressaltar o vínculo mais antigo: “Talvez eu substituísse o ‘Laço principal’ por ‘laço inicial’”.

Todavia, ao ser questionado por Amara, uma das demais participantes do grupo de *WhatsApp*, se no poliamor há hierarquia no âmago dos trisais, o próprio Alexandre admite que há uma tendência em diferenciar cada vínculo afetivo:

Há quem diga que não, mas dificilmente as relações começam simultaneamente, o que termina gerando uma afinidade maior nas partes que estão juntas a mais tempo, daí é preciso que haja uma atenção para não hierarquizar pessoas e terminar ferindo quem chega depois ou transformando a situação em algo desigual. Assim como pessoas são diferentes umas das outras, os sentimentos por cada uma delas também é. Entretanto a intensidade deles pode ser igual para cada pessoa. Amando cada pessoa por suas peculiaridades.

Em síntese, o discurso poliamoroso defende que as relações são diversas e que pode até mesmo haver uma distinção entre os sentimentos dos integrantes do laço inicial (apropriando-me da fala de Alexandre) e terceiros que ingressem na relação. Contudo essa suposta diferença não leva necessariamente a desigualdades de tratamento, pois, tal como as pessoas não são iguais, as manifestações de tratamentos e exteriorização de sentimentos também são variadas. É natural que haja diferenciação, mas não que exista desigualdade.

Amara narra uma experiência vivida por ela que parece opor-se à ideia acima exposta:

Já fui a segunda de um cara. Eu não me sentia inferior. Ele estava com ela primeiro e morava com ela. Por isso eu me considerava a segunda. Embora nunca usamos este termo em nenhuma conversa. Terminei com ele pq quando eu telefonava e ele estava com ela, ele me tratava friamente e inventava alguma desculpa pra não conversar muito tempo comigo... Enfim, se era poliamor era pra isso ser natural, mesmo? Ou eu estava cobrando demais?

A narrativa de Amara, uma integrante do grupo Poliamor – Recife, em debate no WhatsApp, levanta uma hipótese de apropriação do discurso poliamoroso como um instrumento de inserção de uma terceira pessoa em um relacionamento já existente, com intuítos específicos, sexuais. O próprio Alexandre afirma que:

(...) por termos o desejo de viver uma relação a três ou mais, isso nos torna imediatamente um casal atrás de um unicórnio, onde o homem oprime a mulher, lhe obrigando a ter relações homossexuais pra satisfazer seus fetiches nojentos... Acreditem, eu ouço isso o tempo todo.”

Essa afirmativa de Alexandre nos levanta alguns pressupostos. A primeira hipótese aventada refere-se a questões de gênero, contudo ressalto que esse tema será novamente abordado em detalhes no capítulo posterior. Trataremos neste tópico outro assunto: o da namorada como um meio de satisfazer e servir o casal. Nosso supracitado informante afirma que não quer, juntamente com Morgana, sua esposa, ser reconhecido como parte de um casal à procura de uma terceira mulher para fins eminentemente sexuais. A própria expressão “unicórnio” remete a esse fato: “é um termo que a galera do *swing* usa pra garota solteira que sai com casal.”. Conclui-se que o emprego da palavra remete a um tom pejorativo e que o casal de informantes em questão busca algo maior que satisfação sexual com uma terceira pessoa mulher.

O discurso poliamoroso prega outra realidade, contudo a prática em outros grupos de âmbito nacional, seja no *Facebook*, seja no *WhatsApp*, justificam esse rótulo que tanto inquieta Alexandre. Embora frise que esse comportamento não era visto na comunidade Poliamor-Recife (em verdade é criticado e combatido), ele frequentemente presenciava em outros grupos postagem que mais remetem a anúncios de casais a procura de uma namoradilha, ou mesmo um “namoradinho”, no caso do grupo Poliamor Gay.

Esse entendimento é corroborado pelas narrativas dos informantes. Magali, quando dos planos entre o trisal ao qual ela era a terceira inserida na relação de um casal, como já relatado no tópico 3.3.2, lhe era prometido participar ativamente dos projetos, em igualdade aos demais participantes da configuração poliamorosa. Na realidade ela conta que se submetia às programações do casal inicial, ou seja, ela é que precisava se adaptar a eles. As concessões deveriam ser feitas unilateralmente por Magali: “me diziam que eu participaria de tudo (os planos do trisal), que me contariam sobre tudo, só que na prática faltava muito isso, entendeu? Isso ficava só na teoria”. Quando perguntada se havia alguma mudança de tratamento entre ela e as esposas, se as duas possuíam o mesmo grau de importância na relação, ela revela:

Na teoria não, mas na prática tinha. Ela ficava falando todas as vezes que ele vinha aqui na minha casa sozinho. Toda vez que ele vinha aqui sozinho e ele chegava em casa, ela brigava com ele, eles dormiam em quartos separados, e rolava briga mesmo, estresse mesmo e eu não estava sabendo de nada. Pra mim estava tudo bem. Pra mim... Eu achei que foi bastante dissimulado da parte dos dois me excluir dos acontecimentos. Ela fingia uma coisa que estava tudo bem e não estava e ele poderia ter conversado comigo antes, né? Mas ele foi deixando levar, levar, levar... No início eu fiquei chateada... Fiquei arretada... (...) Perdeu o encanto, sabe? Esses problemas... Achei tudo falso, uma situação falsa.

Pode-se notar que Magali, como namoradilha do casal, era excluída de todos os planos e arranjos. Ela nem ao menos ficava a par dos problemas da relação a qual fazia parte. Na realidade nota-se uma clara diferenciação entre dois relacionamentos evidentemente distintos: um relacionamento do casal e outro entre o casal e Magali. E quando o casal se desestabilizou por questões de ciúmes, já abordadas neste capítulo, Magali foi excluída do enlace afetivo e o término do trisal foi inevitável. Utilizando-me mais uma vez das palavras dos informantes, a fala de Vilma do grupo Poliamor- Recife parece oportuna: “A terceira pessoa sempre fala que a corda vai arrebentar pro lado mais fraco, que no caso é o dela. E é justamente isso que acontece”. Algumas hipóteses podem ser verificadas a partir do exame das narrativas ora expostas. Segundo os relatos, a terceira pessoa da relação vem a suprir uma necessidade

específica do casal, como apimentar uma relação considerada “morna”, adicionando uma novidade, um frescor novo a um relacionamento pré-existente, mas que indissociavelmente serve aos anseios do casal principal, tal como narra Fátima: “depois que acabamos, fiquei sabendo pela Bruna que o relacionamento entre ela e Patrícia andava mal, já estavam em crise, e que quando eu entrei tudo melhorou por um tempo, todas, principalmente elas, passaram a ter um melhor convívio”.

No caso de Alexandre e Morgana, ambos desejavam um envolvimento afetivo maior, que não fosse suprido unicamente por relações sexuais, o que ocasionou em um afastamento das ideias monogâmicas, iniciando-se esse processo com um relacionamento aberto; depois uma tentativa de se tornarem *swingers*, e finalmente o retorno ao relacionamento aberto que possibilitou o ingresso de uma terceira pessoa na relação. No caso dos demais informantes, esses estágios foram seguidos, como Magali, que ingressou no relacionamento já previamente formado nos moldes do possuído por Alexandre e Morgana. A narrativa de Fátima em muito se assemelha a de Magali quanto a ser uma terceira pessoa ingressando em uma relação de um casal.

Tanto nas experiências de Magali, do casal Kelly e Félix, e na de Fernando, a tática do convencimento foi adotada por um dos atores da relação. Kelly, por exemplo, foi convencida a aceitar um terceiro na relação por motivos puramente sexuais e, com o tempo e convívio, converteu-se em um laço afetivo. Já no segundo caso, a esposa de Fernando aceitou expressamente a relação a três, enquanto o namorado apenas tacitamente. Talvez, neste último caso, a palavra mais correta seja tolerância, similarmente ao caso de uma esposa que sabe sobre a amante do marido, mas, relutantemente, fecha os olhos para a dolorosa realidade. O fato é que o adultério consentido foi o marco inicial para a gradual interação e consequente estreitar de laços entre Amanda e Aníbal ao partilhar planos, rotinas e interesses em comum, tendo como marco o nascimento da filha. De maneira geral, houve uma constatação de incompletude em um relacionamento unicamente a dois, o que acabou por descambar em um trisal.

O próximo passo na análise aqui proposta foi investigar se o ingresso em um relacionamento poliamoroso foi acompanhado de um rompimento com os regramentos monogâmicos, tal como defende o discurso poliamorista. Para viabilizar essa empreitada, foram analisados diversos aspectos tão comuns à monogamia, contudo sob a ótica dos trisais, como os regramentos entre os membros de um trisal. Os informantes consideram os acordos pactuados entre si acima de qualquer regra ou convenção pré-existente. A variedade de

acordos e a pluralidade de configurações de trisais analisados demonstram a verossimilhança dessa afirmação. No entanto observou-se que o comportamento do casal tende a se estender ao posterior trisal, principalmente do que diz respeito a fechar ou tornar o relacionamento aberto.

Seguindo o raciocínio empregado quanto à abertura ou não da relação, a mesma extensão de normatividades típicas da monogamia ao trisal pôde ser observada em relação às regras de convivência e aos ciúmes, verificada uma nítida continuação dos regramentos monogâmicos, apenas de maneira a ajustar-se a um convívio a três. O fato a ser destacado diz respeito aos informantes Alexandre e Morgana, que, apesar de proferirem um discurso contrário aos ciúmes, admitem senti-lo; contudo nem por isso deixam de combatê-lo, refletindo sobre ele e demonstrando nítido interesse em erradicá-lo de suas vidas. Reconhecer esse sentimento parece ser o procedimento adotado para enfrentá-lo, diante da dificuldade em se desvencilhar das amarras monogâmicas impostas culturalmente. Quanto a esses supostos grilhões monogâmicos, o próximo capítulo, que tratará das identidades, ajudará a fornecer mais evidências para elucidar os questionamentos e reforçar as hipóteses aqui elencadas.

Por fim, sublinha-se que este capítulo teve como prioridade examinar o relacionamento poliamoroso, com o intuito de descrevê-lo etnograficamente, ao procurar sistematizar suas características mais comuns, seus ritos, o perfil de seus adeptos, suas falas, anseios, de maneira a acompanhar toda a trajetória daquele que assumiu essa forma de amar plural como estilo de vida. Como marco inicial, buscou-se identificar o compreender-se adepto do poliamor.

## **4 TRISAL E AS PERCEPÇÕES DE SI: E CONSTRUÇÕES DE IDENTIDADES NO ÂMBITO PÚBLICO E PRIVADO**

Anteriormente, procurou-se descrever etnograficamente o poliamor, a fim de sistematizar as trajetórias dos ditos poliamorosos. Consoante a isso, a pesquisa buscou perpassar desde o momento que o indivíduo se reconhece poliamorista, e o consequente rompimento com o padrão de unidade familiar monogâmico, até a gênese da relação poli e em que circunstâncias tal fato ocorreu.

Neste capítulo o poliamor será abordado sob uma perspectiva diferente. As identidades e percepções dos praticantes do estilo de vida poliamoroso carregam apreensões de seus próprios atores que se refletem na esfera de intimidade dos trisais, manifestas, por exemplo, nas relações de gênero e de poder. Essas compreensões proporcionadas pela iniciativa de os indivíduos assumirem (ou não) um estilo de vida não-monogâmico e, assim, diverso do esperado socialmente, repercutem no convívio familiar e na rede de sociabilidade que os envolve. Para tanto, passaremos a analisar as diferentes identidades atribuídas aos adeptos das relações poliamorosas em diferentes níveis de convivência. Esse exame, sobre o que se compreende como poliamor, vai além das práticas, mas nelas reverbera.

Segundo Goffman (2013, p.11, 12), a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns ou naturais para os membros de cada uma dessas categorias. Logo, baseando-nos nessas preconcepções, as transformamos em expectativas normativas, o que acaba por originar as identidades. Essas expectativas que recaem nos indivíduos fazem-se presentes em variadas esferas de convívio.

A seguir, serão investigadas as diversas identidades que incidem sobre os adeptos do poliamor, seguindo um padrão tal como diversas camadas de círculos concêntricos, de forma a iniciar o estudo no círculo mais íntimo, das relações de gênero entre os integrantes da relação, transpassando as identidades diante da filiação, dos familiares e culminando no meio social que os cerca, o que auxiliará à compreensão dos relacionamentos poliamorosos.

### **4.1 IDENTIDADES DE GÊNERO NO ÂMBITO DO POLIAMOR**

Este tópico dedica-se a investigar o discurso poliamorista diante das práticas de seus adeptos em relação às construções identitárias de gênero. Por gênero, Grossi, em seu artigo *Identidade de Gênero e Sexualidade*, explica que se trata de tudo que é social, cultural e

historicamente determinado; no caso, o que se espera socialmente de um homem e de uma mulher. No entanto, optou-se nessa pesquisa por considerar o gênero dentro do sistema sexo/gênero proposto por Rubin, que representa todo um aparato social sistemático, que toma uma matéria-prima, no caso o sexo feminino, para criar um produto, que seria uma relação de poder sobre a mulher (RUBIN, 1993, p. 03).

Os membros do grupo de *WhatsApp*, Poliamor – Recife, trazem pistas sobre sua perspectiva quanto à questão de gênero ao conceituar o poliamor e expor como seria um relacionamento ideal. O conceito geral defendido pelos informantes é de plena igualdade entre todos os participantes do trisal, sem distinguir o gênero ou mesmo a orientação sexual. Ao se referirem aos participantes de um enlace amoroso, não há referência alguma sobre gênero; todavia nota-se uma cautela quando se faz alusão aos integrantes: palavras como “pessoas”, “envolvidos”, “grupo” e “trisal”. Via de regra, o gênero é apenas especificado para externar críticas às práticas monogâmicas. Neste sentido, palavras como “marido”, “esposa”, “boy”, “homem” e “mulher” são utilizadas com frequência, seguidas por posicionamentos críticos relacionados a casos que envolvam, por exemplo, relações extraconjugais, o que sugere o caráter questionador aos preceitos relacionais frequentes no meio social.

De início, frisa-se que a realização da pesquisa etnográfica possibilitou apreender as questões subjetivas às principais ideias dos membros do grupo pesquisado, que se instrumentalizou por meio do acompanhamento dos informantes na pesquisa de campo. Tal fato oportunizou, igualmente, contrastar o discurso institucionalizado do poliamor, suas falas e narrativas com a prática, dinâmicas e a provável agência dos informantes. E a prática encontrada mostrou-se desalinhada às ideias proferidas.

Como visto no capítulo anterior, apesar da variedade de acordos e a pluralidade de configurações de trisais analisados, o comportamento do casal pré-existente tende a se estender à formação do posterior trisal, como no caso dos relacionamentos abertos. De maneira padrão, o casal pré-existente já era aberto e assim permanece, mesmo com o ingresso de um terceiro ator. Nesse contexto, foram constatadas adaptações dos regimentos monogâmicos do casal para um convívio a três. Essa observação, da mesma forma, foi documentada nas regras gerais de convivência e nos sentimentos de ciúmes.

Iniciaremos os estudos identitários enfocando a questão de gênero, e em como seu papel é manifesto nas interações do grupo de *WhatsApp*. Mais uma vez, fazendo uso dos ensinamentos de Grossi, contidos no artigo citado acima, entende-se o papel de gênero como

tudo aquilo que é associado ao sexo feminino, ou seja, como as mulheres são tratadas na comunidade do poliamor.

Por mais de uma vez, homens heterossexuais entraram no grupo com o explícito intuito de conseguir mulheres. Em variadas ocasiões, essa intenção foi expressamente manifesta imediatamente ao entrar no grupo, nas quais os sujeitos declararam-se solteiros ou mesmo casados que estavam ingressando sem o conhecimento de suas esposas. O caso mais emblemático ocorreu em julho de 2017. Um homem chamado Wilson, heterossexual, causou um desconforto no ambiente do grupo. Assim ele se descrevia: “sou praticante do poliamor e, adoro essa filosofia de vida, axo (sic) muito especial e adorável as pessoas q são pois (sic) não temos medo nem vergonha do que somos ou fazemos...”. Ele argumentava que namorava à distância uma mulher da Áustria e que mantinha um bom relacionamento com ela, e com um casal que com ela se relacionava. Ou seja, ele, a suposta namorada e mais outras duas pessoas. Frisa-se que ele só falou nesse relacionamento uma única vez em toda a sua permanência na comunidade.

Embora afirmasse que possuía pouco conhecimento sobre a filosofia do poliamor e que havia começado a pesquisar recentemente, um dia, pós seu ingresso no grupo, já se sentia à vontade em enviar textos grandes para os padrões do aplicativo de mensagens, elucidando dúvidas de novos membros ou versando com propriedade sobre a natureza das relações poliamorosas:

(...) muitas pessoas axam q o poli é um grupo de pessoas depravadas e viciadas em sexo, e não é bem assim, existem diversas filosofias de vidas amorosas e sexuais, o princípio do poli é vc ter a liberdade de amar outras pessoas simultaneamente, onde todos estejam em plena consciência do q estamos fazendo ou o q vão fazer, sempre de forma clara sem esconder nada uns dos outros e q sejamos livres para amar de verdade outras pessoas sejam em casal ou trisal os q são mais comuns no poli... Também é certo que no poli não existem ciúmes e sim a felicidade de ver os outros felizes msm q não seja ao nosso lado tem q sentir a felicidade do próximo... RS.

Levanto a hipótese de que a namorada que morava no estrangeiro era um engodo utilizado para legitimar sua figura diante dos participantes. Artifícios parecidos foram utilizados por alguns homens comprometidos, como o Sandro, que se adiantava aos questionamentos dos administradores sobre sua esposa, alegando que a mesma possuía “traumas de grupos de *WhatsApp*”, mas que ele sempre mostrava a ela o teor das conversas e estava em um trabalho de “convencê-la” a participar. Destaca-se aqui o convencimento da esposa, algo bastante visto no grupo.

A postura de Wilson variava, no entanto, entre um fomentador do estilo de vida poliamoroso e relatos sexuais de teor eminentemente machista, como sua narrativa em que “transou com a safada da empregadinha” e não entendeu o porquê do seu padrasto, ao saber, ter ficado “tão puto de eu comer uma simples empregadinha”. Esse comentário levantou as primeiras polêmicas no grupo a seu respeito. Mas o que acarretou sua expulsão foi seu comportamento fora da comunidade do *WhatsApp*: ele passou a assediá-las mulheres do grupo privadamente, em mensagens pessoais, principalmente Marta, que precisou relatar o ocorrido aos administradores do Poliamor-Recife, mais especificamente a Rafael e Miranda. O nível do assédio aparentemente foi tal que eles precisaram ameaçar levá-lo às autoridades policiais para que desistisse das constantes perturbações. Friso que nenhum desses fatos foram testemunhados pelo grupo publicamente e apenas tomei conhecimento deles por meio de conversas particulares que tive.

As regras do grupo passaram a ser revisadas e tornaram-se mais analíticas, como já comentei no primeiro capítulo deste trabalho. A administração do grupo, por consequência, tornou-se mais rígida em relação à entrada de membros masculinos héteros. Rafael é tido muitas vezes como superprotetor de mulheres do grupo. Para justificar sua postura, em áudio, ele alegou:

A gente já teve casos aqui, inclusive, de mulheres que foram objetificadas e caras que chegaram no privado delas e simplesmente não aceitavam quando elas se recusavam a se relacionar com eles, tá? E aí é comum muitos homens heterossexuais virem em busca de mulheres dentro do grupo de poliamor. Muitas vezes tem essa questão de “ah, o cara só quer aprender”... Sim, só quer aprender mas só vive no privado, fica circulando, rondando, cercando e priu! E o que a gente não quer é justamente que vocês mulheres não se sintam acoçadas por caras que se dizem heterossexuais e que entram aqui achando que irão facilmente fazer sexo com duas mulheres bissexuais ou que ele vai arranjar uma terceira mulher fora do casamento.

A fala de Rafael foi endossado por opiniões concordantes de mulheres integrantes do grupo. Carla, outra participante, ainda assinalou que vive essa situação diariamente, ao afirmar-se bissexual e poliamorosa. Sua afirmação foi acompanhada por outros relatos de teor semelhante. Vânia explica que esses assédios são bastante frequentes pela indevida associação de mulher poliamorista a “máquinas de sexo, loucas e promíscuas”.

Nesse contexto, a ideia de fetiche é tema recorrente, afinal, qual outro lugar seria mais propício para obter a oportunidade de praticar o sexo com duas mulheres do que em uma comunidade onde há comumente a presença de mulheres bissexuais e que possuem como

estilo de vida a ideia conveniente de amar mais de uma pessoa? Miranda explana essa questão:

Hétero aceita duas mulheres juntas e muitas vezes nem pensa se a mulher ta querendo ou não. É a imposição do desejo dele. Vai dizer que quer dois homens e vc? Tem muito hétero que nem sequer abre o diálogo pra apimentar a relação ou receber um amor diferente (isso não é regra, te? Só to problematizando) rs.

A imposição do desejo masculino em busca de obtenção de satisfação sexual parece permear alguns relacionamentos que se dizem poliamorosos, em que os homens se apropriam do discurso, a fim de alicerçar seus argumentos e reforçar seu convencimento para a obtenção de sexo com pessoas além de suas esposas, na busca de legitimar o ato. Marta reforça essa afirmação:

O pior tipo de pessoa é aquele que acha que sabe lidar com a coisa, quando que, na verdade, não sabe. Diz que é do poliamor quando na verdade só está buscando um meio de se aventurar. Eu mesma já fiquei muito decepcionada. Entrei no grupo por causa dele (do companheiro). Mas, no fim, eu vi que só queria ficar me comendo c outra mulher.

No caso dos informantes, podemos citar aqui o caso de Félix, que convenceu Kelly a aceitar um terceiro homem na relação, com a finalidade de satisfazer sua fantasia sexual. Embora ele seja heterossexual e não tenha contato com o outro homem, Marcelo, o ato de a companheira ceder para os anseios masculinos é similar ao comportamento de outros casais, o que conduz a um padrão que é observado com relativa frequência no grupo. No entanto, nota-se que o interesse de Félix é eminentemente sexual, que acabou por resultar em um vínculo com Marcelo, tal como um efeito colateral.

Deve-se ressaltar que, muito mais que o convencimento, verificou-se uma conduta aparentemente dotada de teor mais contundente: a denominada doutrinação das esposas. Tomei emprestada essa expressão por aludir a um comentário de Alexandre. Apenas para contextualizá-la, em abril de 2017, um homem chamado Lúcio ingressou no grupo, apresentou-se como heterossexual, casado e não respondeu às indagações da administração do grupo (Rafael, especificamente) sobre sua esposa, o que levou a sua expulsão por julgarem sua conduta suspeita. Alexandre, que o conhecia previamente, manifestou-se:

Assim... Só fazendo o Advogado do Diabo, não sou amigo, mas conheço Luciano há alguns anos, de encontros esporádicos e algumas farras. Desde que o conheci ele se apresentava como não-monogâmico e, dá última vez que o encontrei, ele havia comentado que estava em processo de “doutrina” de sua esposa, para as relações não-monogâmicas.

À medida que o mero convencimento da parceira induz que se aceite o ingresso de uma terceira pessoa na relação, como ocorreu com Magali, Kelly e Félix, e Fernando, a doutrinação de esposas flerta com o ideal de bissexualidade das mulheres. Ademir, um dos integrantes do grupo do *WhatsApp*, externa essa perspectiva masculina: “Muitos homens adoram mulheres bi, claro só pelo fato delas gostarem de mulheres também e as fetichizarem. Isso é fato.” A própria ideia de mulheres serem tidas como ideais ao acenarem com a bissexualidade passou a ser naturalizada no meio do poliamor, o que já levantou questionamentos dentro do grupo pelo próprio Ademir: “Vejo muitas vezes a questão dos homens e o que eles acham *sexy*, muitas vezes tudo é voltado pra os fetiches que eles têm que realizar e não os delas”. Vilma concorda e faz um adendo: “Por que é tão normal a mulher ser bi e um homem ser bi é tão absurdo. Eu particularmente não entendo”.

Os dois casos declarados de doutrinação de esposas presenciados no grupo incidem justamente sobre a orientação sexual das companheiras com fulcro na obtenção palpável do devaneio masculino de possuírem mais de uma mulher em uma mesma relação sexual. O primeiro caso diz respeito a um homem chamado Márcio, participante do grupo Poliamor – Recife, que declarou:

Meu relacionamento é liberal (ou seja, com o consentimento dos dois seja no que for). Ela é bi não assumidakkkk... Até porque ela curte mulheres então... mas eu estou tentando ajudar ela a descobrir. Já fizemos muitas coisas, mas estamos atrás de outras coisas com mais conteúdo porém n vou dizer que estamos preparados pra uma relação à 3 pq isso precisa de muita maturidade e pra não esquecer Ingrid é uma amiga que ganhamos .

Pode-se verificar que a intenção principal desse integrante é a obtenção de uma terceira mulher, denominada Ingrid, no caso, para sexo a três. Sua companheira, segundo ele, é “bi não assumida”. Privadamente procurei desvendar como uma bi não assumida se comportaria. Ele me mandou alguns áudios explicando que várias vezes sua esposa achou outras mulheres bonitas, mas que, na realidade, ele interpretava esse comportamento a desejos sexuais reprimidos, os quais ele se disporia a ajudá-la, a despertá-los, como bom marido que era.

Mas o caso mais emblemático é o de Sandro, que detinha uma postura bem delineada e a apresentava de maneira clara para todo o grupo. Ao ser indagado pelos demais integrantes se sua esposa (que não estava no grupo) era adepta a alguma filosofia não monogâmica, ele respondeu: “Ela ainda está em descobrimento, não se encontrou, mas suspeito que ela seja bissexual, queria muito que ela se descobrisse”. Sobre seu comportamento diante da esposa, ele declarou: como já conversei com outras pessoas, meu desejo é levar prazer à minha esposa e na preferência de vê-la com outra mulher, mesmo que eu não participasse (...)”. Era categórico quanto a sua maior preocupação pela satisfação sexual da esposa, embora, por vezes, entrasse em contradição, ao externar seu desejo em relação a si próprio: “Tb tenho muita vontade (de conviver com duas mulheres), agüentaria tudo, TPM, compras em *shopping*, briga pelo último pedaço de carne, etc.”. Difícil saber qual era o desejo mais intenso, se aquele relacionado a sua esposa ou o que dirigia a si mesmo. É possível perceber, no entanto, que suas expectativas em relação à esposa estavam ligadas à condução de um processo, enquanto as que nutre em relação a si estavam permeadas por um projeto, uma intenção resolvida no seu íntimo.

Ademais, reiteradamente, ele demonstrava conversar com a esposa sobre as possibilidades de se abrir a um relacionamento que ele denominava poliamoroso, tal como quando declarou: “Eu mesmo, não converso com outras pessoas sobre o poliamor. Certa vez me perguntaram, uma amiga da minha esposa, se eu deixaria ela fazer sexo com outra mulher. Eu disse que sim, que para mim isso era normal, oxe, fui crucificado por isso”. Em inúmeras outras oportunidades, diga-se, meses, gabava-se de ser liberal e pensar apenas no bem-estar e prazer de sua esposa, incentivando-a a “liberar-se” para sua bissexualidade que julgava incipiente. Seria esse um comportamento observável em todos os relatos documentados?

Devemos recorrer, então, às narrativas dos informantes. Alexandre e Morgana podem nos fornecer pistas. Morgana possui liberdade para ficar com outras mulheres, ao passo que, eventualmente, traz uma namorada ao casal. Não foram observados sinais de um convencimento, mas, talvez, de um encorajamento por parte de Alexandre em deixar Morgana livre para viver sua bissexualidade conhecida e assumida por ela desde o início do relacionamento de ambos. Talvez esse incentivo fosse na esperança de tornar tangível a fantasia heteronormatividade relacionar-se com uma segunda mulher. Ademais, o ato de deixar sua esposa à vontade para se relacionar com outras mulheres, no máximo, geraria uma mera expectativa de um relacionamento a três, mas não uma garantia, como demonstra o primeiro relacionamento poliamoroso que vivenciaram e que foi descrito no primeiro capítulo, em que

Alexandre não mantinha qualquer contato com a namorada de Morgana. Frisa-se que, concretamente, Alexandre aceita somente uma mulher como terceira pessoa. Quando perguntado se aceitaria que Morgana se relacionasse com outro homem e a eventual formação de um trisal HMH, ele responde:

No início eu pensava assim, pois a primeira coisa que vem na cabeça são as comparações. E você tende a crer que gêneros diferentes oferecem relações diferentes. Certo e Errado. Com o tempo vc passa a não perceber o sexo da outra pessoa, mas sim, apenas a ela como indivíduo. E é aí que, se você não tem a mente aberta de verdade se quebra... Afinal, haverá alguém fazendo com seu companheiro algo que vc faz... Morgana já ficou com um cara enquanto comigo, mas não curtiu muito. Segundo ela eu sou o último homem na vida dela. Mas se tem algo que essa vida me ensinou é que as palavras NUNCA e SEMPRE não existem. Hoje talvez eu participasse de uma relação com outro homem, ao menos creio que sim...Acredite... sevc não tem a cabeça aberta, o tamanho do pau do cara vai ser o que menos vai importar quando vc ver ele fazendo o tipo de coisa que só vcs dois faziam... como o programa que curtiem, a criação de hábitos etc.

Segundo seu comentário, ele encontra-se aberto à possibilidade de que Morgana se relacione com outro homem. Mas mesmo seu desembaraço sobre um possível trisal HMH se dá mediante a certeza de uma afirmação pretérita de Morgana, que já aduziu ser ele, Alexandre, o último homem com quem se relacionaria. Diante das assertivas aqui expostas, fica difícil determinar se realmente há espaço para um arranjo com outro homem ou se foi apenas uma resposta evasiva. Ora, o fato é que, embora não se identifique convencimento, ou doutrinação, a situação de Alexandre torna esses artifícios desnecessários, visto que Morgana é bissexual e aberta a trazer outras mulheres à relação espontaneamente.

Ademais, na narrativa de Magali, a esposa do casal com quem se relacionava era bissexual, assim como ela mesma. Todavia o papel de buscar a terceira pessoa coube ao marido: foi ele (segundo sua própria narrativa) quem convenceu a própria esposa a se abrir para a vinda de outra mulher, ao mesmo tempo em que passou meses persuadindo-a a se relacionar com eles. Deve-se ressaltar que Magali nunca demonstrou qualquer relutância em participar, mas curiosidade, ou seja, aparentemente ela tinha um interesse legítimo em experimentar participar de um trisal.

A experiência de Kelly e Félix guarda similaridades ao relacionamento de Magali, embora Kelly não fosse bissexual (apesar de não descartar se relacionar com mulheres em experiências futuras). Mas foi convencida por Félix a praticar sexo a três com outro homem, com a finalidade de satisfazer sua fantasia, sendo a palavra final do momento de se relacionar

e com quem se relacionar. Ressalta-se que as particularidades residem no fato de ser o terceiro integrante da relação um homem e nenhum dos três participantes ser bissexual, mais precisamente, todos são heterossexuais. Esse caso serve para demonstrar que a bissexualidade não é imprescindível na formação de um relacionamento poliamoroso. Ainda assim, o homem desempenhou um papel fundamental no ato de convencer a sua parceira a embarcar no empreendimento, que tinha o escopo inicial de satisfazer o fetiche sexual de Félix e que, incidentalmente, descambou para um relacionamento a três.

Em consonância, Fernando, que é bissexual, tornou-se o ponto de interconexão entre a esposa e o namorado, que não se relacionam sexualmente entre si. Destaca-se ter sido ele quem trouxe outro à relação; todavia a esposa precisou igualmente ser convencida a aceitar a relação de Fernando com Aníbal. A motivação inicial em relacionar-se com Aníbal, tal como fora narrado, tinha como escopo fundamental a satisfação sexual de Fernando e que incidentalmente originou uma relação mais estável e harmônica entre todos. A única condição de Amanda era a de que Fernando se limitasse a esse relacionamento fora do casamento, o que é visto por mim como um ato de suportar, tolerar.

Passemos à experiência de Fátima que, ao contrário das demais narrativas, buscava a satisfação sexual das mulheres, mesmo porque no trisal formado por ela, as demais integrantes eram Patrícia e Bruna. Segundo o narrado, Bruna fora convencida a tolerar a aproximação de sua namorada Patrícia com uma terceira pessoa (Fátima). Ou seja, a constante do convencimento aparece presente na maioria das experiências documentadas. O aspecto bissexual também fora posto ao lado, pois se tratava de relacionamento entre três mulheres e, tal como o enlace afetivo de Kelly e Félix, excetuam essa regra.

Frisa-se que a escolha dos informantes visava justamente trazer diversidade aos dados, com o intuito de ampliar as perspectivas sobre o poliamor. Pondera-se que, seguindo as experiências expostas no grupo Poliamor - Recife e conjugando os relatos nele apresentados com as narrativas dos informantes, embora a bissexualidade não seja obrigatória, é um dado bastante verificado entre os participantes da comunidade. Em relação às demais características, valem algumas ponderações. A primeira dela é a estratégia do convencimento realizada entre os parceiros e pode ser considerada prática comum entre os informantes.

É possível ver claramente nesses casos um discurso por parte dos homens heterossexuais sobre as mulheres, seja em menor ou maior grau, sempre embebido pela aparente ideia de libertação sexual como escopo fundamental para relacionar o ideal poliamoroso ao sexo e à obliteração do aspecto repressivo das convenções sociais

heteronormativas por meio da busca do prazer sem barreiras repressivas; uma fática apropriação das formas de poder expostas por Foucault (2017). Muito mais do que isso, seguindo a lógica de dominação masculina de Bourdieu (2010), as mulheres encaram esse comportamento de doutrinação e, inconscientemente ou não, acabam por reproduzi-lo, contribuindo para essas imposições simbólicas envolvê-las, de forma a perpetuar os mesmos preceitos simbólicos das estruturas objetivas presentes em uma família patriarcal. Esse comportamento de poder mostra-se revestido pela apropriação do discurso libertário do poliamor, que passa a ser comumente utilizado como instrumento de dominação do homem sobre sua mulher, permitindo acomodar as mulheres a um papel conveniente aos parceiros.

A própria ideia por trás de uma mulher bissexual serve como chamariz para trazer outras mulheres para a relação que discursivamente está envolta na busca de plenitude e satisfação sexual para todos os envolvidos. Porém, flerta perigosamente na concretização de fantasias e desejos eminentemente masculinos. Ao examinar a estratégia de convencimento do homem do casal, com o escopo de satisfazer suas fantasias, verifica-se o que se poderia configurar como a mulher desejável dentro de uma relação de poliamor: que ela seja bissexual e disposta a trazer outras mulheres para a relação do casal principal, ou, ao menos, aceitar relacionar-se com uma terceira trazida por seu par. Esses pontos principais podem ser relativizados, porém, ao menos uma dessas duas características pode ser observada.

Essa ideia da mulher na relação poliamorosa pode ensejar até mesmo um comparativo com a concepção de troca de mulheres trazidas por Rubin (1993). De fato não há exatamente uma troca, contudo é possível observar em quase todos os casos (exceto o de Alexandre e Morgana, e o de Fátima) a figura do homem como o condutor da relação, que, embora não esteja revestido como proprietário da mulher, sua vontade é imposta de maneira sutil: o convencimento ou mesmo a já citada doutrinação de esposas. Nesses casos, o discurso poliamoroso, revestido de um caráter sexual libertário, é utilizado para dissuadir sua companheira a satisfazer-se, por exemplo, assumindo-se bissexual ou captando outras pessoas, ou ainda aceitando que o próprio homem o faça. Contudo o real interesse seria a própria satisfação sexual ao ter a sua disposição outras duas pessoas servindo às suas fantasias.

Diante do que foi observado no campo, embora o discurso do poliamor pregue a igualdade entre seus participantes, sejam homens ou mulheres, além de apresentar seu discurso como contestador às práticas de natureza monogâmicas, os dados coletados não ratificam a filosofia proferida por seus adeptos. A identidade de gênero tão criticada nas

relações de cunho monogâmico parece encontrar uma continuação de seus conceitos nas práticas poliamorosas, mas de maneira mais expandida, a suportar o ingresso de uma terceira pessoa, factualmente exprimindo uma reprodução das relações de gênero tão presentes em enlaces entre apenas duas pessoas. Assim tais constatações reforçam mais uma vez a hipótese de trabalho de que as relações de poliamor seguem basicamente as mesmas regras das relações monogâmicas. Os números de participantes entre os enlaces afetivos divergem, todavia as práticas, em termos estruturais, seguem constantes.

#### 4.2 SOBRE A QUESTÃO DOS FILHOS EM UMA RELAÇÃO POLIAMOROSA

A relação entre os pais poliamorosos e sua prole é assunto de eminente relevância por se tratar de uma questão familiar, intimamente ligada ao desenlace das relações domésticas identitárias. Curiosamente, não é um assunto amplamente debatido no grupo de *WhatsApp*, ou mesmo presencialmente. A resposta a este impasse reside no fato de que há poucos relacionamentos poliamorosos em que esta variável é observada e as razões são diversas. A principal razão consiste na maioria das pessoas participantes do grupo não possuir filhos. Outra explicação reside na duração das relações em trisal relativamente curta, afinal, as dificuldades de convívio por um casal já são um desafio significativo, o que aumenta exponencialmente com a introdução de uma terceira variável. Mas existem os que já têm seus rebentos, e os relatos dos informantes nos ajudam a entender sua perspectiva quanto a esse assunto.

De todos os interlocutores deste trabalho, Fátima é a única que não possui filhos. A ressalva sobre os demais é a diversidade na forma de lidar com a filiação. Começaremos das narrativas mais simplórias, escalonadamente às mais complexas.

A primeira experiência a ser exposta é a de Magali. Ela possui uma filha até então com cinco anos e em sua perspectiva:

Caso acontecesse de, digamos, irmos viver juntos e tal. Ela tem cinco anos, então eu acho que, com o tempo, iria ficar meio que natural. Uma hora teríamos que contar o que era aquela situação. Mas vivendo no mesmo lugar, com uma menininha que tem quase a idade dela também (ela se refere à filha do casal com quem tinha um relacionamento até então), eu acho que seria algo natural pra ela, embora sei que teríamos que dar satisfação em algum momento, mas isso não me perturba. Acredito que seria bem tranquilo.

Essa ideia de um conhecimento gradual pela parte dos filhos, sem que haja um momento apoteótico de revelação, é entendimento, como veremos a seguir, compartilhado pelos demais informantes. Félix e Kelly, respectivamente, assim corroboram:

A gente tem uma filha novinha, mas acho que ela já nota, viu? Ela ainda não consegue interpretar. Ela pergunta e agente tenta explicar

É porque a relação da gente é clara em todos os aspectos, tanto como marido e esposa, quanto como pais. É porque a gente não enrola pra dar uma explicação, mas falamos numa linguagem em que ela possa entender, mas respondendo tudo que ela possa perguntar, entendeu?

Pode-se perceber que não há manifesta preocupação sobre como a filha irá assimilar a informação de ter pais poliamorosos. Na realidade, há suspeitas de que ela já saiba, embora ainda, por conta da tenra idade, não consiga exatamente classificar ou interpretar a informação conforme os ditames que regem a cultura e as normas sociais do meio que a rodeiam.

O próprio conceito de comunicação de Félix, reforçado por Kelly, demonstra a maneira como tratam sua filha:

Eu achava que ser pai seria uma tarefa difícil, mas uma experiência me fez saber lidar. Certo dia uma amiga minha, quando eu fui visitá-la... O filho dela era bem novinho, acho que tinha uns três anos. Aí ele queria brincar e tal. E eu falei pra a mãe que eu simplesmente não sabia falar com criança e tal. E ela me disse, fale normal, como você fala com qualquer outra pessoa, porque é uma pessoa. Foi aí que percebi como trataria um filho meu. É assim que falo com Laura (a filha) e isso impressiona, porque ela entende tudo e tem uma linguagem bem abrangente.

E entende tudo.

Nota-se que o assunto, apesar de digno de reflexão, não demanda inquietação, e a expectativa é que a filha naturalize o comportamento dos pais, que lhe é exposto sem receios, e o tenha como costumeiro. Suponho que esse comportamento tenha o intuito de evitar compressões abruptas de realidade por parte da menina. No entanto uma declaração dada em momento posterior, quando questionados sobre suas relações familiares, gera dúvidas sobre a postura neste momento. Por hora daremos prosseguimento ao assunto até aqui abordado, ao seguir para os próximos informantes.

Em contrapartida, no caso de Alexandre e Morgana, o assunto, por diversas vezes, ganha contornos de preocupação, principalmente em como revelar à prole o estilo de vida adotado pelos pais, eminentemente diverso dos arranjos familiares comumente observáveis no

cotidiano social. Morgana optou por não contar ao filho deles, Paulo, de 13 anos, sobre as outras relações que ela mantinha fora do casamento com outras mulheres. Pelo fato da omissão, o receio dela era que isso acarretasse um problema na relação mãe/filho, e que ele, nas palavras dela “entrasse em parafuso”. Outro temor de Morgana é que, de alguma forma, sua bissexualidade pudesse interferir na formação e conseqüentemente na concepção do filhosobre casais não monogâmicos.

Restringir o conhecimento do filho sobre essa opção dos pais é algo que parece lhe causar reflexão, questionandoprincipalmente a possibilidade de ter naturalizado a realidade vivida por ela e Alexandre desde sempre, evitando o provável abalo que o filho possavir a ter. Conta, ainda, que sempre desejou externar ao filho essa verdade, mas Alexandre a convenceu a manter-se omissa. Ele prefere não se manifestar muito sobre sua motivação, mas receio que a ideia de não intervir na formação do filho veio dele. Minha hipótese é a de que possa crescer embebido pela cultura da família moderna, tal como seu genitor o fora, numa tentativa de reproduzir para a prole sua própria educação, que, de maneira consciente ou não, julga como a mais adequada.

Em contrapartida, a descoberta pelo filho da relação poliamorosa de Fernando parece tê-lo preocupado em certo momento:

Eu nunca me incomodei de eu chegar num lugar e o pessoal está falando “ah, porque fulano é frango, fulano é gay”, nunca me senti ofendido, nunca. Mesma coisa é comparar pais de família, né? O pai de fulano tem a família dele ou tem um determinado carro... Isso nunca me afetou. Porque, assim, minha relação com minha família, o que eu venho construindo, a base que a gente vem fazendo é nossa. Meu filho passou por uma psicomotricionista relacional porque ele tinha um problema de coordenação motora, então a gente aprendeu muito a lidar com isso e agente conversou abertamente sobre isso, sobre esse tipo de relação em que a gente está vivendo. Porque naquela situação (a situação do filho), o que pesaria mais se Antônio (filho) descobrisse que eu tinha uma relação com outro homem, como isso iria ficar na cabeça dele. E a psicóloga disse: esqueça isso, ele não tem que interferir na sua relação (...) Você tem que ver com ele a relação de pai e filho e o amor entre vocês, a base familiar que você está construindo. A relação entre você e seu filho é só de vocês e ele não pode levar esse comparativo para fora de casa. Porque senão ele vai comprar a situação com outras diferentes e as pessoas comparam, né? O pai de fulano é casado com a mãe de fulana e pronto, né?O pai separou , casou de novo, mas casou com uma mulher, né?

Embora o receio de Fernando seja o de o filho se deparar com seu núcleo familiar em arranjo diverso dos encontrados (diga-se a típica família moderna composta por homem, mulher e filhos), em um primeiro momento, sua apreensão está voltada ao conhecimento do

filho sobre uma relação que o pai mantém com outro homem. O que é sinalizado por tantas referências na citação acima e ao longo da conversa em comparar seu núcleo familiar ao de um casal heteronormativo. A sua orientação sexual aparenta ser um problema muito mais latente.

Nesse ponto, o questioneei se seria a homoafetividade (bissexualidade, no caso) o ponto crucial de um possível estranhamento do filho, ou seria a configuração poliamorosa. Sua reação não exprimiu qualquer indagação ou desconforto a esse respeito e respondeu rapidamente em seguida:

Nesse ponto é tudo normal lá em casa. Ele trata Aníbal como um tio (pausa)... Mas o respeito é como se fosse... (suponho que hesitou em falar a palavra pai). Acho que um amiguinho ou dois já perguntaram a ele quem era esse homem (Aníbal). Ele respondeu: ah, esse é meu tio. Aníbal é meu tio. E termina aí, super natural, super rápido.

Já a segunda filha possui para com Aníbal uma relação mais estreita: “Já tem uma coisa mais afetiva, assim. Ela já comparou ele a um segundo pai dela. (...) Ela o chama de Aníbal. Mas o considera um pai.” Acredito que, por ser mais nova, diferentemente do primeiro filho, e ter sido concebida em 2009, mesmo ano em que a relação do trisal teve sua gênese, o tempo de convivência maior foi terreno fértil para esse vínculo de afeto. Perguntei se ele se incomodava em dividir a posição de pai com Aníbal e sua resposta foi enfática: “de jeito maneira!”.

No relacionamento de Fernando, como abordado já neste trabalho, os filhos exercem papel fundamental na coesão do trisal, e Aníbal faz questão de participar. Isso naturalmente implica assegurar que Amanda muito mais que tolera a presença dele, interage e o incentiva:

Muitas vezes eles (Amanda e Aníbal) falam e planejam juntos coisas para os meninos. Por exemplo, no ano passado (2017), Alice estava precisando de uma fantasia pra um determinado evento na escola. Aí Amanda pegou e falou com Aníbal... Eu não tava nem sabendo de nada. E ela disse a ele que estava precisando de uma fantasia tal, tal, tal. Ele: vamos lá, não sei o quê? E se encontraram os dois, e quando vi já tava tudo resolvido. Nem me meti e nem soube de nada (risos). Quando cheguei em casa, em Boa Viagem (casa de Aníbal), estava Amanda almoçando com ele. Ela deve ter ligado pra ele e combinaram pra comprar a roupa, ver o tecido, essas coisas todas.

Essa relação estreita entre Aníbal e os filhos de Fernando e Amanda remonta ao início da gestação da segunda filha, Alice, quando o trisal ainda era incipiente, conjuntura essa que

permitiu que Aníbal acompanhasse a gravidez e ajudasse no enxoval da criança. A ligação entre Aníbal e os filhos de Fernando e Amanda é tão próxima que ele traça planos tendo como objetivo questões materiais/financeiras das crianças, tal como explica o próprio Fernando:

A gente tava com uma graninha guardada e estávamos pensando em uma compra. Eu tava pensando em comprar um apartamento. Mas por questões burocráticas e tudo (questões de nome inscrito nos bancos de proteção ao crédito), então tá uma complicação só. Então preferimos comprar um carro. E ele falou: “então a gente se programa pra ano que vem juntarmos um dinheirinho pra compra um apartamento, e tentar dar uma entrada porque a gente já dá a entrada em seu nome” (no nome de Fernando). Era melhor comprar no nome dele (Aníbal), por causa dos problemas com meu nome, mas ele prefere assim, porque já fica tudo pros meninos nesse caso, ta entendendo? Ele pensa muito nos meus filhos, assim, em algo por futuro. E já chegamos a conversar uma vez ou duas em algo por futuro e ele chegou a externar que se um dia a gente se separasse, a relação de Aníbal com as crianças iria permanecer. E eu não vou ser mesquinho ao ponto de vedar que meus filhos deixem de ter contato com uma pessoa tão boa, de tão bom coração desse jeito.

Mediante as narrativas aqui apresentadas, verifica-se a diversidade nas maneiras de lidar com os filhos: do receio em interferir em sua formação quanto à naturalização da peculiar maneira de amar dos seus progenitores.

Feita essa análise, passaremos ao próximo tópico, no qual serão mostradas as experiências dos interlocutores diante da família e, em um círculo mais amplo, do próprio meio social em que estão inseridos.

#### 4.3 DECLARAR-SE POLIAMOROSO? AS RELAÇÕES FAMILIARES E SOCIAIS PAUTADAS NESSA DECISÃO

Neste capítulo houve a tentativa de delinear as questões identitárias dos praticantes do poliamor. Inicialmente, no primeiro tópico, foram destacadas as significâncias do relacionamento a dois em um círculo mais íntimo. Em seguida, no tópico posterior, verificou-se a dinâmica entre os poliamoristas e sua prole e, por fim, será aqui analisada, tal como o círculo mais externo de relações humanas, as práticas dos informantes com suas famílias e com o meio social que os cerca.

Alexandre e Morgana dizem ter um bom convívio com suas respectivas famílias, expressando o seu estilo de vida. Por sinal isso é compatível com a postura que assumem de baluartes do estilo de vida poliamoroso que tanto defendem. Suas posturas diante do público

condizem com sua abertura perante seus parentes, embora, segundo eles: “apesar do conhecimento deles, todos respeitam veladamente e preferem não comentar sobre o assunto, até porque tomamos a decisão de não expor esse lado para o Paulo, portanto, preferimos nos manter discretos quanto a isso”, afirma Morgana.

Na verdade o receio maior do casal parece residir eminentemente na figura do filho, o que reflete a maneira de ela se relacionar com uma terceira mulher. Percebi que eles marcavam saídas com a namorada ou mesmo encontros na sua própria casa quando da ausência do filho. Os próprios encontros do grupo que foram por lá foram realizados na ausência do rebento, quando Paulo estava em viagem ou mesmo na residência de algum amigo.

Kelly e Félix, respectivamente, quando perguntados sobre o relacionamento entre eles e Marcelo e as relações com seus familiares, eles respondem:

Olha, não nos interessa ninguém saber ou não. Eles não sabem porque é irrelevante. E a gente já conversou isso com Marcelo também, dizendo que não queria nenhum tipo de demonstração na frente de Laura (filha de Kelly e Félix). Mas não é pelo fato de esconder dela, é pelo fato de ela não ver eu contigo, eu com outro cara, porque ele (Marcelo) não é uma pessoa que a gente tá pensando em ficar... Assim, pode acontecer de ficar muito tempo, mas pode acontecer de não ficar mais e surgir outra pessoa. Aí eu conversei com ele isso. Não quero que Laura veja, não por esconder, mas porque estamos juntos pouco tempo, sabe? Primeiro, quem tem que viver é a gente, depois sai levando pra a família, pros amigos.

A gente tem esse cuidado com Laura, não pra esconder, mas pra preservar. Quando ela tiver certa idade, ela vai perguntar sobre isso e a gente vai responder sobre isso especificamente. E na família é isso, velho, a gente não vai sair dizendo, mas se perguntarem a gente não vai negar.

Essa declaração é curiosa. Questionei sobre os familiares e novamente Laura, sua filha, foi colocada em destaque. A resposta, agora, evidencia, em um primeiro momento, uma contradição com o anteriormente exposto, no tópico passado, sobre a relação entre o casal e a filha. O cuidado em salvaguardá-la de informações sobre o trisal mostra-se eminente, o que enfraquece o argumento anterior de uma naturalização do enlace afetivo por parte da filha, tão alardeado por eles. Outra perspectiva sobre a enunciação apenas ressaltaria um cuidado em certa medida em preservar, talvez, o emocional da criança em relação a um possível rompimento, o que denota a significância do relacionamento com Marcelo, embora este já perdue por mais de um ano.

Agora, mais especificamente sobre a família além dos seus lares, eles afirmam:

-E se tiver uma coisa duradoura e a gente se sentir à vontade de levar na casa da gente, não vai ter problema algum. Até porque a gente já é a ovelha negra das famílias (risos) (KELLY).

-A gente já é uma galera rejeitada por vida, já (FÉLIX).

-O que já é bom, porque de nós já esperam tudo, sabe? E minha família é aquele negócio de botar Deus em primeiro lugar. Minha mãe, mesmo, detesta tatuagem e eu sou toda tatuada (KELLY).

-E ainda tem um marido tatuador, aí quando ouvem o barulho da máquina (de tatuar), já pensam: já tão se riscando (risos) (FÉLIX).

-Ou seja, nossas famílias, de ambas as partes, já esperam tudo da gente (KELLY).

-E o lance, se perguntarem, a resposta é simples, é uma coisa da gente, ninguém tá traindo ninguém, ninguém tá botando gaia em ninguém, ninguém tá sacaneando ninguém (FÉLIX).

Os próprios preceitos culturais da sociedade em que estão inseridos são questionados por Kelly:

É porque é mais fácil a família aceitar que Félix tem uma amante ou eu mesma ter... Por mais que eu leve esculacho, minha família quanto a dele vai ter que aceitar isso de ter uma relação a três. Minha mãe mesmo, teve uma relação com um homem que eu considero como pai, que faleceu ano passado em que ambos se traíam e viviam naquela hipocrisia... Mas isso é aceitável pela sociedade, mas uma relação em que tudo seja claro, uma relação de poliamor eu acho mais difícil.

Dando prosseguimento, falaremos sobre a experiência vivida por Magali, em que ela revela receio em tornar o relacionamento de conhecimento dos familiares:

A minha família, assim, eu ficava pensando, mas não tinha muito medo, não (de revelar que vivia uma relação de poliamor). Eu tinha mais medo... Como eu falei... Eu tenho uma filha de quatro anos e eu tive muito problema com o pai dela. Tivemos muitas discussões em que ele falava que iria tirar ela de mim, essas coisas assim, sabe? Essas coisas normais de fim de relacionamento. E eu fiquei com medo de ele nessa loucura tomar isso (o poliamor) como uma desculpa.

Segundo sua narrativa, ela não temia reações dos seus familiares;isso levanta algumas questões. Certamente o poliamor incitaria manifestações dos parentes, mas estou inclinado a acreditar que sua preocupação em manter segredo esteja mais próxima à cautela comum no

início de relacionamentos, de apenas revelar o enlace após um certo período de convivência. Seu maior temor era o de a peculiar forma de relação ser utilizada como instrumento pelo seu ex-marido para retirar-lhe a guarda da filha. Sobre o meio social, ela explica ter mantido o trisal em certo grau de sigilo, apenas revelando-o a poucas amigas mais próximas:

Eu sempre fui resistente a assumir até porque ainda tinha um problema aí com o pai de minha filha. Aí iria ser um problema. Por isso eu sempre dizia: - Olha, tá bom assim, tá tranquilo! Vamos namorar, é? (...) Poderia dar certo, sabe? Como qualquer outro namoro. Mas houve uma dificuldade porque pra sociedade isso não é normal (poliamor). Seria um choque pra muita gente. Tanto é que só assumi o relacionamento pra umas amigas minhas, quatro amigas mais próximas. E das quatro uma ficou meio assim... Ela me disse:

-Magali, não é preconceito não, é porque eu nunca vivenciei isso. Aí ela começou a ler sobre o assunto, inclusive ela é psicóloga, mas ela nunca tinha tido contato com uma pessoa próxima que vivia esse tipo de relacionamento. Ela achou estranho, mas as outras foram mais tranquilas.

Sem compartilhar os temores e inquietações de Magali, Fátima, ao falar sobre o poliamor entre os familiares, enfatiza a relação de cumplicidade com seu pai:

Meu pai conheceu elas e meu pai sabia mesmo do relacionamento e ele falou basicamente que a vida era minha, o corpo era meu e que eu fizesse o que quisesse com elas. Daí ele me deixou assim, ele me deixou bem à vontade. Ele chegou a conhecer elas e até ir na casa de Patrícia. Ele sempre perguntava sobre as duas (Patrícia e Bruna), o que foi bem natural.

Ao que parece, a aceitação e compreensão do seu genitor foram espontâneas e não acarretaram dificuldades no convívio. Frisa-se que seu pai parece ter ficado muito mais espantado pela descoberta de sua orientação sexual:

Na verdade um dia eu cheguei pra ele e disse: pai, estou vivendo um relacionamento não-monogâmico com duas mulheres. Foi por telefone, eu não vi a cara dele. Mas o que ele falou foi: filha, desculpa, eu sempre falava de homens, porque eu não sabia que você gostava de mulheres e te peço desculpas por não ter acompanhado isso antes.

Sobre os familiares das demais mulheres, Fátima faz menção aos parentes de Bruna:

Conheci os pais e as irmãs de Bruna. As irmãs sabiam que estávamos as três juntas. E como ela fala muito bem de mim, as irmãs dela tinham muito carinho por mim. Tenha até uma que irá se casar em setembro e gostaria que eu fosse à cerimônia. Fui muito bem aceita (embora os pais não soubessem).

Eu acho que isso se deu porque se você retrata o relacionamento como algo ruim, algo que te faz mal, a pessoa com que você está vira um demônio ou a culpada por você estar tão mal. E como meu relacionamento com a Bruna sempre foi de muito respeito, cuidado e carinho, não tinham como falar mal de mim, acho...

Ao que parece, as famílias foram bastante compreensivas,mas algumas ressalvas devem ser feitas, pois os pais de Bruna não sabiam do relacionamento. Ao ser indagada doporquê da omissão, fiquei sabendo que eles eram muito tradicionais quanto à religião. Talvez fosse muita informação saber que sua filha, além de homoafetiva, era também não-monogâmica, embora as irmãs já soubessem. Talvez fosse o primeiro passo para preparar a revelação futura, ou talvez usassem do mesmo artifício de Fernando, que tem certeza do conhecimento dos familiares por conta do convívio, mas preferem não se manifestar expressamente sobre o assunto e tornar o conhecimento do relacionamento gradual, sem revelações dramáticas, relegando a prática poliamorista à esfera íntima.

Outro fato importante é a visível esquiva em falar sobre a família de Patrícia a despeito de ser perguntada expressamente sobre o assunto. Levando a hipótese de ser assunto ainda doloroso a se comentar.

Segundo Fátima, sobre o meio social que frequentavam:

Andávamos as três de mãos dadas, quer dizer, eu andava de mãos dadas com a Patrícia e a Bruna andava de mãos dadas com a Patrícia. Patrícia sempre ficava no meio e as pessoas dos lugares que frequentávamos nunca entendiam quem namorava com quem. Tipo, o porteiro morria de curiosidade e com certeza se perguntava: o que está acontecendo ali? Tinha um fetiche ali, de ter três mulheres juntas. E assim foi, saíamos nós três juntas, ou apenas duas, compartilhando o mesmo círculo.

Por fim, Fernando esclarece como se dá sua relação com sua família em algo que parece convencionar-se ao silêncio, reforçando o caráter íntimo das relações poliamorosas e o caráter interdito dessas práticas:

Eu nunca cheguei a conversar sobre isso (a relação a três), não. Mas as pessoas se tocam, têm essa compreensão de que eu tenho um relacionamento com ele (Aníbal). Porque, assim, os lugares que a gente frequenta, me vêem o tempo todo com ele ou com ela ou com os dois (...) Minha família foi aceitando. Ninguém da família nunca perguntou nada, nunca foi necessário, não, embora tenho certeza que todo mundo sabe.

Indaguei o que ele responderia caso alguém manifestasse expressamente alguma dúvida a respeito do trisal:

Agora se alguém perguntasse eu falaria de boa, embora tem coisa que é complicado de falar. Por exemplo, na roda de conversa entre eu e meus irmãos, a gente gosta de falar um pouco sobre nossas intimidades. Tá lá eu e meus dois irmãos, às vezes minha esposa Amanda, as esposas deles, as namoradas... Enfim, aquela situação toda, aí vai e fala de alguma putaria... Se eu tiver com ele (Aníbal) e ela (Amanda), eu não falo. E eles (os irmãos) sabem, não perguntam, inclusive tentam nem falar(...) Eles me respeitam de um jeito que eu fico até com medo (risos)(...) Agora se ele e ela não estão, aí a gente começa a falar os assuntos e tal e eu falo de boa, tanto do Aníbal quanto na Amanda, abertamente. Agora com muito cuidado, sempre tive muito cuidado pra não magoar ninguém deles dois (...) Se bem que meus irmãos são bem mulherengos e eu também sou da gréia, então a gente acaba falando de pessoas, digamos, que não são as oficiais (risos).

O informante em questão deixa bastante claro que, apesar de manter um relacionamento poliamoroso, ainda mantém casos além das duas pessoas com quem se relaciona; na falta de um termo mais adequado, relações extraconjugais. Também procurei informações sobre o convívio entre eles e as famílias de Amanda e Aníbal:

A família de Amanda é muito dispersa, não é tão unida quanto a minha. A dele (Aníbal) não tem muito problema porque é de Fortaleza. Aí, assim, no carnaval vem um ou outro. Bom, eu sinto que eles questionam, perguntam a Aníbal como é essa relação. Mas, assim, de não gerar problemas com isso, sabe? Na verdade a irmã de Aníbal já veio, o irmão também. A irmã, mesmo, veio no carnaval e passou uns dias na casa de Aníbal. Aí a gente fez um churrasquinho em Camaragibe e ela foi, conviveu com a gente uns dias e viu um pouco de como era a rotina, né? Fazemos questão de deixar as coisas bem tranquilas até pra não deixar margem pra falarem. Quanto você está em um relacionamento hétero você acaba abrindo muito sua boca. Tipo, brigou com a mulher, aí fala com a mãe, fala com o pai, fala com o tio:-ah, não aguento mais essa mulher!E depois está junto. E acaba dando margem pra falarem. Esse tipo de coisa não acontece com a gente. As coisas que acontecem entre a gente, os problemas que aparecem ficam entre a gente. Não compartilhamos com ninguém, só entre nós.

Concluindo, em minha última entrevista com ele, interpelei como os membros do trisal se vêem, como eles se reconhecem:

Acredito que eles (Amanda e Aníbal) não se amam. Mas eles se tratam com respeito. Eu posso considerar que eles tenham até uma amizade. Mas não muito intensa... (pausa) Na verdade eu acho que eles se consideram como uma família... A gente conversa sobre tudo, de planos até conversas bobas como televisão, filmes, comida, saímos e fazemos programações juntos...

Amanda compartilha muito da vida dela, como os filhos, e Aníbal também os tem como filhos...

Nota-se, ao analisar os dados obtidos no trabalho de campo, o segredo ou, no mínimo, omissões estratégicas sobre a condição de poliamoristas em relação aos seus familiares ou mesmo aos círculos que os rodeiam. Há ponderação sobre a revelação de informações relacionadas aos seus romances e, principalmente, cautela na seleção das pessoas que terão conhecimento de sua condição. Por exemplo, nem todos da família saberão da existência de um trisal, que é o caso dos parentes mais velhos ou conservadores. Esse receio sobre revelar-se em um arranjo amoroso diverso do monogâmico estende-se ao meio social, mesmo que em certo momento assumam-se poliamoroso, isso ocorre prioritariamente em círculos de convívio fechados.

Esse temor em relação ao meio familiar pode ser pensado ao se considerar o círculo de parentes um microcosmo de um todo societário, o que, de certa forma, explica este receio e encontra explicações na incidência de dois pontos incidentes e, acredito, indissociáveis: a repulsa de uma forma de relacionamento diversa dos preceitos tão consolidados nas entranhas culturais monogâmicas e, em segundo lugar, a imagem associada às práticas de poliamor.

Em um panorama mais abrangente, tem-se uma perspectiva além da família. A imagem pública do poliamor o representa de maneira dual: ora como associadas pejorativamente a realidades que denotam promiscuidade, ora como o ideal mítico de relacionamento. Manchetes de reportagens mencionando o tipo de relacionamento ideal, livre de ciúmes ou que esse estilo de vida liberta o indivíduo para se realizar sexualmente com outros do seu interesse sem culpa. Algo que me chamou a atenção foi o surgimento de alguns trisais publicamente assumidos, cujo maior atrativo é expor seu relacionamento midiaticamente, relacionando-o a um enlace afetivo livre, transparente, honesto, absolutamente isento de ciúmes. Esse é o caso dos canais de vídeos no *Youtube* denominados “Amor ao Cubo” e “*Happy in Three*”. O primeiro formado por um homem e duas mulheres e o segundo por três mulheres. Juntos acumulam milhares de visualizações e se prestam a expor seu suposto cotidiano, em relacionamentos que aparentam ser muito bem estruturados, além de tirarem dúvidas e, até mesmo, aconselham os interessados ou curiosos no poliamor.

Como dito, os próprios informantes Alexandre e Morgana, ainda em 2018 criaram uma página no Instagram chamada *Poliamorycoach*. Muito menos expositiva que os outros já citados canais do *Youtube*, resume-se a informativos sobre características gerais do poliamor, sem qualquer conteúdo que remeta à intimidade do casal. Em todo o caso, verifica-se o

aproveitamento da polêmica que circunda os relacionamentos poliamorosos por alguns dos seus próprios adeptos. Alguns como Sharlenn Carvalho, inclusive, que se apresentam como praticante e militante do poliamor em jornais como O Globo e Isto É, alegando que dedica entre três e quatro horas diárias às dúvidas de poliamoristas, virando uma espécie de consultora, atividade informal que pensa em tornar remunerada, ou seja, capitalizar.

Contudo, relações de poliamor são mais frequentemente associadas à promiscuidade e “putaria” ou orgias, como relatam os informantes. Suponho que o cerne da reprovação social encontra seu respaldo no emitente número de componentes da relação, sua principal particularidade; o que muitas vezes faz com que a sociedade em geral associe e apreenda o poliamor como uma manifestação de promiscuidade. Deve-se ressaltar que o comportamento verificado dos poliamoristas manifesta-se bem diferentemente da perspectiva do senso comum: a relação de poliamor observa-se bastante regrada, como já debatido no capítulo dois. Inclusive, ao buscar definir o que é promíscuo dentro do universo poli, como pode ser percebido, de maneira exemplificativa, pelo repúdio aos homens que, à primeira vista, buscam aventuras extraconjugais e zelo constante em não associar a prática poliamorosa a sexo fácil, como fora relatado nos capítulos anteriores. Referências de cunho essencialmente sexual, de poder relacionar-se simultaneamente com duas pessoas separadamente ou em conjunto remetem a devaneios adolescentes, cuja filosofia nada mais é do que uma tentativa de legitimar esse tipo de prática. Como visto neste capítulo, o estudo do campo aponta para uma direção diversa. Não são os poliamoristas que buscam esse tipo de prática. Na verdade há em certos casos um nítido esforço (sem entrar no mérito de resultados) para romper as amarras monogâmicas, ou ao menos alargar seus estreitos regramentos. Já indivíduos eminentemente monogâmicos e heteronormativos apropriam-se do discurso poliamorista como um meio de obtenção de sexo fácil ou de satisfazer suas necessidades sexuais e fantasias.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como proposto na introdução e explanado nos capítulos acima, realizei neste trabalho uma tentativa de delimitação temática do poliamor. E, em seguida, examinei a natureza, motivações, gênese e as consequências práticas e morais de adotar o estilo de vida poliamoroso, ao ressaltar, neste aspecto, como os adeptos do poliamor se enxergam e enxergam o mundo, diante de uma perspectiva identitária. Várias indagações foram, assim, propostas, colocando-me diante de problemas específicos os quais procurei solucionar ao longo da pesquisa. Ao buscar explicações lógicas para tais questões, construí hipóteses, articulei autores e perspectivas, culminando em explicações antropológicas.

O trabalho etnográfico mostrou-se um desafio a ser sobrepujado. À medida que o poliamor constitui um campo de pesquisa ainda alvo de escassas análises acadêmicas, apresenta-se, outrossim, como um assunto fascinante e que tem tomado espaços midiáticos, por vezes sensacionalistas, como abordado no tópico 4.3. Ainda assim, a comunidade aqui em Pernambuco é bastante reservada e, presumo, de uma maneira geral, assim o é nas demais existentes no Brasil, levando em conta as poucas comunidades nas redes sociais que também são seletivas para com novos membros. Essa realidade acaba por contribuir para que o poliamor seja envolto por uma aura de mistério e curiosidade.

O primeiro obstáculo encarado foi adentrar no campo, ao realizar a pesquisa etnográfica. Fui envolto pela insegurança e receio. Muito desses sentimentos, acredito, podem ser explicados pelo perfil do presente pesquisador, oriundo das ciências jurídicas e neófito nessa abordagem antropológica tão intensa e rica, e, como explica Peirano (1995, p. 55), diante dos imponderáveis enfrentados no local da investigação, que, por sua natureza, não tem modelos canônicos possíveis.

Como se não bastasse, a própria relação que construí com os informantes, tanto os principais quanto os secundários, originada na própria convivência, me levou, algumas vezes, a questionar o caráter invasivo e, por vezes, crítico do meu trabalho. Afinal, eles concederam a mim a oportunidade de escutar, documentar e, posteriormente, analisar um espaço restrito de suas intimidades. O peso da responsabilidade e da elucubração sobre o tom e teor do trabalho foram alvos de inúmeras reflexões pessoais minhas.

Ainda sobre a pesquisa de campo, tomei certo cuidado para não ser completamente envolvido pela fala e preceitos poliamorosos. Tanto a aproximação quanto o distanciamento foram terrenos de difícil apreensão. O caráter crítico somente foi adotado após uma análise e

revisão dos objetivos da pesquisa, sendo determinante para entender o poliamor pelo que os interlocutores e participantes falaram a respeito de suas próprias práticas, servindo para comparar com os princípios proferidos por seus adeptos e a observação que foi possível de suas ações

Nessa pesquisa, realizei exercícios de aproximação e distanciamento entre o relacionamento poliamoroso e a família monogâmica, no intuito de compreender o que é o poliamor por meio do exame dos dados conseguidos através do estudo de campo, diretamente dos próprios informantes, seus depoimentos, narrativas e práticas. A partir dessa apreensão primária, familiarizei-me com a prática poliamorosa, que, em certa medida, proporciona a ruptura de padrões monogâmicos como posse, ciúme, romantismo, planejamento familiar e fidelidade.

Tentei examinar as experiências dos interlocutores a partir do momento em que o indivíduo se reconhece poliamorista e seu declarado afastamento com o padrão de unidade familiar monogâmica. Na realidade, verificou-se em que medida se deu essa suposta cisão ou mesmo se ela de fato existiu. O primeiro passo foi verificar o compreender-se poliamoroso.

No caso de Alexandre e Morgana, como foi exposto no segundo capítulo, já havia o anseio de ambos por um envolvimento afetivo maior que não fosse suprido unicamente por relações sexuais. Para eles, o desejo de afastarem-se da monogamia foi gradativo e se iniciou em um relacionamento estável entre eles, como casal e perpassou por um relacionamento aberto. A próxima fase deu-se em uma tentativa frustrada de se tornarem *swingers*. O fracasso dessa empreitada, segundo eles mesmos, deveu-se às regras estabelecidas entre os participantes dos clubes de *swing* que restringiam as interações apenas ao sexo. Finalmente; o retorno ao relacionamento aberto, que trazia, agora, em seu bojo, a potencialidade de inserção de uma terceira pessoa na relação entre o já firmado casal. Essa equação foi mais ou menos observada nos relatos dos demais informantes.

No relato de Magali, ela afirma nunca ter tido pretensão em participar de um relacionamento poliamoroso, mas teve como força impulsionadora sua curiosidade sobre a experiência nesse tipo de relação. Por outro lado, o homem do casal ao qual ela era a terceira pessoa passou meses convencendo-a a participar, e, à primeira vista, utilizou o mesmo artifício de convencimento com a própria esposa. A narrativa de Fátima em muito se assemelha a de Magali quanto a ser uma terceira pessoa ingressando em uma relação de um casal pré-existente; todavia apresenta dois diferenciais notáveis: primeiro de a relação poli de Fátima constituir-se por duas outras mulheres; segundo pela atenuação do convencimento, já

que a iniciativa de trazer Fátima ao convívio a três não foi da namorada em comum do trio, mas de Bruna, impulsionada por sentimentos de ciúmes e curiosidade. Nessas duas narrativas, os demais fatores da equação acima proposta são verificados: pré-existência de um casal, satisfação plena não obtida em relacionamentos monogâmicos e a consequente abertura para um relacionamento aberto.

O artifício de convencer a parceira a aceitar uma relação a três volta a aparecer no relato de Kelly e Félix e na narrativa de Fernando. No primeiro caso, Kelly foi convencida a aceitar um terceiro na relação por motivos puramente sexuais, que, com o tempo e convívio, converteu-se em um laço afetivo. Já no segundo caso, a esposa de Fernando, Amanda, passou a tolerar a relação a três, tal como Aníbal, seu namorado. O fato é que a tolerância inicial foi o ponto de partida para a gradual interação e o consequente estreitar de laços entre Amanda e Aníbal ao compartilhar planos, rotinas e interesses em comum, tendo como marco o nascimento da filha. De maneira geral, houve uma constatação de incompletude em um relacionamento unicamente a dois, o que acabou por descambar em um trisal. O fato é que, segundo as narrativas dos informantes, o poliamor foi alcançado de maneira gradual e por vezes incidental.

A próxima hipótese levantada levou a examinar se o ingresso em um relacionamento poliamoroso foi acompanhado de um rompimento com os regramentos monogâmicos, tal como apregoa comumente a fala dos que se consideram poliamorosos. Para uma maior precisão metodológica, foram analisados diversos aspectos tão comuns à monogamia, contudo sob a ótica dos trisais.

Como foi exposto no tópico 3.3, os informantes consideram o acordo entre os membros do trisal prevalecente a qualquer regra ou convenção pré-existente, a depender do estipulado e conversado entre os integrantes do relacionamento. A variedade de acordos e a pluralidade de configurações de trisais analisados demonstram a verossimilhança dessa afirmação, embora o comportamento do casal tenda a se estender ao posterior trisal. Como mantinham um relacionamento aberto entre si, esse estilo de se relacionar foi incorporado nos relacionamentos posteriores, como se deu a narrativa de Félix e Kelly, de Fátima e alguns relacionamentos de Alexandre e Morgana. Já Magali manteve o vínculo fechado e Fernando estendeu o comportamento de manter casos extraconjugais, que já tinha antes do relacionamento a três, para além da formação de seu trisal, embora formalmente vivesse um trisal fechado com Amanda e Aníbal.

Há a mesma ampliação de normatividades típicas do casal ao trisal nos sentimentos de ciúme e seus desdobramentos dentro das regras de convivência, o que me levou a perceber uma nítida continuidade dos regramentos monogâmicos. Compreendi que houve apenas ajustes de adaptações transplantadas do hábito do casal para um convívio a três. Alexandre e Morgana, por exemplo, apesar de proferirem um discurso contrário aos ciúmes, admitem senti-lo, mas nem por isso deixam de combatê-lo, refletindo sobre ele e demonstrando nítido interesse em erradicá-lo de suas vidas. Reconhecer e recusar esse sentimento parece ser o procedimento adotado para enfrentá-lo. Os interlocutores desta pesquisa parecem compreender que não é possível uma radical ruptura, mas deve-se prosseguir em um caminho tortuoso e de difícil acesso até uma improvável cisão definitiva dos ditames da monogamia. Em seguida foram evidenciadas as identidades e percepções que os poliamorosos têm entre si e os reflexos dessas compreensões no trato subjetivo dos trisais, manifestadas especialmente nas relações de gênero e de poder. Essas novas apreensões, proporcionadas pelo ato de assumirem (ou não) um estilo de vida não-monogâmico, também se refletem no convívio familiar e no meio social que os cercam. O que permitiu, por exemplo, verificar as peculiaridades observáveis entre um trisal e um casal monogâmico.

A própria figura da namoradina, nesse sentido, é paradigmática. É frequente encontrar como ponto de partida para uma relação a três um casal já firmado e em um relacionamento aberto, a chamada relação primária. Embora o discurso poliamorista insista em afirmar que não existe um relacionamento mais importante que o outro, a narrativa de Magali e de outras informantes secundárias demonstra que as namoradinas, não raro, são almejadas com intuitos se serventia ao casal pré-existente, sendo o discurso poliamoroso utilizado para revestir essas intenções em um invólucro de legitimidade. Embora eu esteja concluindo que a namoradina é uma forma manifesta do sistema sexo e gênero, tal afirmação comporta uma exceção, que é a experiência de Fátima, que formava com Bruna e Patrícia um trisal apenas integrado por mulheres. O fato é que, segundo o observado, a namoradina serve ao casal independente da orientação sexual do mesmo, mas não descarto que esse artifício possa ser usado como um instrumento de assistência ao sistema sexo/gênero.

Sobre as relações de gênero, no âmbito da esfera mais subjetiva do relacionamento do trisal, o que foi observado no campo acabou por chocar a prática com a fala dos participantes. O discurso do poliamor prega a igualdade entre seus adeptos, sejam homens ou mulheres, ao apresentar suas ideias como contestadoras às práticas monogâmicas. A identidade de gênero tão criticada nas relações de cunho monogâmico parece perpetuar-se nas práticas

poliamorosas, mesmo que de maneira mais expandida, adaptada à inclusão de uma terceira pessoa.

Nesse diapasão, até mesmo a ideia de libertação sexual e satisfação feminina é utilizada como instrumento legitimador para a obtenção de sexo com duas mulheres simultaneamente sob a justificativa da formação de um relacionamento em trisal: relatos sobre as esposas e companheiras impelidas a assumirem sua bissexualidade e assim captarem outras mulheres (namoradinhas) não são incomuns. A esse artifício, denominei “doutrinação de esposas”, que consiste no ato de o homem do casal convencer a companheira em aceitar outra mulher na relação ou até mesmo arranjar a famigerada namoradinha, como personagem característica de muitos trisais, especialmente aqueles derivados de um casal heterossexual. A namoradinha parece representar uma apropriação do discurso poliamoroso para procedimentalizar e legitimar a realização de um fetiche sexual masculino, uma maneira diferente de atualizar a velha desigualdade de gênero heteronormativa, embora, frisa-se, verificou-se a ocorrência da namoradinha em um trisal composto apenas por mulheres, no caso o trisal formado por Fátima. Neste ponto, surgem inúmeros questionamentos acerca da homoafetividade e da bissexualidade, e em como esses recursos, à primeira vista, eminentemente heterossexuais, são apreendidos diante de tais arranjos.

Outro tema abordado incidiu sobre as dinâmicas das relações entre os poliamoristas e seus familiares; inicialmente, em relação aos filhos, e, na sequência, debruçando-se sobre o trato familiar mais extensivo. No começo, diante das narrativas aqui apresentadas, verifica-se a diversidade nas maneiras de lidar com a prole por conta de um visível receio em interferir em sua formação quanto à naturalização do poliamor. Pude tirar algumas conclusões sobre os dados obtidos: uma grande influência da cultura monogâmica nos pais poliamoristas. Explico: Porque omitir a condição de poli aos filhos, ou, mais ainda, preocupar-se com a receptividade da realidade vivenciada pelos pais, senão por, mesmo inconscientemente, considerarem suas práticas dissonantes aos anseios culturais da sociedade que os envolve? A mesma angústia estendeu-se aos vínculos familiares mais próximos. O segredo ou, no mínimo, omissões estratégicas sobre a condição de poliamoristas em relação aos parentes próximos foram sempre verificados. Isso reforça a ideia de que tal conduta aparece como uma prática alternativa de relações amorosas que não parecem ter força suficiente para arregimentar algum tipo de hegemonia social. Nesse sentido, as relações poliamorosas parecem interpor seu discurso unicamente à monogamia e seus derivados, não abarcando um questionamento da ordem social mais ampla. Por outro lado, a crítica ao casamento monogâmico parece gerar

mais uma adaptação à regra monogâmica do que uma nova maneira de viver as relações conjugais.

Sob uma perspectiva mais ampla, além da família, analisou-se a imagem que o meio social tem sobre o poliamor. Sua imagem pública o representa de maneira bifurcada: seja associada à promiscuidade, seja como o ideal de relacionamento. Sobre a questão da promiscuidade, não é incomum verificar repercussões dessa concepção social dentro da própria comunidade Poliamor – Recife. Vários homens declaradamente comprometidos entraram no grupo sob a falsa promessa de conseguir sexo fácil em casos extraconjugais. Por outro lado, os membros mais antigos, especialmente os administradores do grupo de *WhatsApp*, repudiam veementemente esse tipo de postura, punindo-a com a expulsão, no intuito de combater a concepção popular de que o amor a três é sinônimo de orgias ou sexo fácil.

O que se percebe, de fato, é uma ausência de informações mais apuradas sobre o objeto desde trabalho, e, com isso, uma bruma mítica recobre o poliamor, propensa a dar vazão a todo tipo de estigma pelo meio social. Esta pesquisa, por exemplo, mesmo esforçando-se em compreender o poliamor tanto quanto o possível, ainda carece de aprofundamentos, como no caso das configurações formadas unicamente por homens ou unicamente por mulheres, ou mesmo investigando os desdobramentos referentes à militância poliamorista pautada em críticas para além da monogamia. Tal constatação, por si só, já justifica a presente pesquisa. Todavia, muito mais que isso, buscou-se aqui compreender o outro, a fim de ampliar os horizontes epistemológicos sobre o que, à primeira vista, é tido como exótico. Afinal, tal como propõe a própria antropologia, enquanto as maneiras de ser ou de agir de certas pessoas for um problema para outros, haverá lugar para uma reflexão sobre essas diferenças, força motriz do próprio estudo antropológico (LÉVI-STRAUSS, 2010).

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, G. S.; HEILBORN, M. L. Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. **Nuteg**, v. 9, n. 1, pp. 225-249, 2009.
- ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDSZNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. Editora Pioneira Thompson Learning, 2000.
- ANAPOL, D. **Polyamory in the 21<sup>st</sup>**: love and intimacy with multiple partners. Lanham: Rowman & Littlefield, 2012.
- ATKINSON, P.; HAMMERSLEY, M. (1994). Ethnography and participant observation. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **Handbook of Qualitative Research**. Thousand Oaks: Sage, 1994. pp. 248-261.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 22 jul. 2018.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- BURDE, J. **Polyamory and Pregnancy**. Polyamory on Purpose Guides. CreateSpace Independent Publishing Platform 2013.
- CAMPOS, R. B, C.; QUADROS, M. T.; SANTOS, D. A. dos. O que é do afeto é de direito? Mudança social, parentesco e sistema jurídico brasileiro. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA - BRASIL PLURAL: CONHECIMENTOS, SABERES E DIREITOS À DIVERSIDADE, 27., 2010, Belém. **Anais...** Belém: ABA, 2010. pp. 1-20.
- CARDOSO, D. **Amando vári@s – individualização, redes, ética e poliamor**. 2010. 92 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – FCSH, UNL, 2010.
- CASTERN, J. Introduction: cultures of relatedness. In: CASTERN, J. (Org.). **Cultures of Relatedness – new approaches to the study of kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. pp. 1-36.
- CASTRO, E. B. V. de.; ARAÚJO, R. B. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, G. (Org.). **Arte e sociedade: ensaios de Sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977. pp. 130-169.
- CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.
- CORRÊA, M. Repensando a Família Patriarcal Brasileira. **Cadernos de Pesquisa**. s. v., n. 37, pp. 5-16, 1981.
- DURKHEIM, Émile. **Da Divisão Social do Trabalho**. Trad. Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

DURKHEIM, Émile. **O Suicídio**. Trad. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método Sociológico**. Trad. Paulo Neves. 3 ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. 1ª ed. São Paulo: Centauro Editora, 2002.

FIGUEIRA, S. A. **Uma nova família?** o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1987.

FONSECA, C. De família, reprodução e parentesco: algumas considerações. **Cadernos Pagu**.s. v., n. 29,pp. 9-35, 2007.

FOUCAULT, M. **A história da sexualidade**. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

GAGNON, J. H. **Uma interpretação do desejo** – ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro:Garamond Universitária, 2006.

GEERTZ, C.A **interpretação das culturas**. Rio de Janeiro:LTC, 2014.

GIDDENS, A. **A constituição da sociedade**.São Paulo:Martins Fontes, 2009.

GOFFMAN, E. **Estigma**:notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GOLDANI, A. M. **Família ou Famílias? Individuação das mulheres e evolução da família como instituição**. Revista Colóquio Internacional Brasil, França e Quebec Nº especial/2º sem./94.

GOLDENBERG, M. **Novas famílias nas camadas médias urbanas**. Disponível em: [http://miriangoldenberg.com.br/content.php?option=com\\_content&task=view&id=29&Itemid=0](http://miriangoldenberg.com.br/content.php?option=com_content&task=view&id=29&Itemid=0). Acesso em: 07 de abril. 2017.

GOODE, W. J. **A família**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1970.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e sexualidade**. Disponível em: [https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi\\_miriam\\_identidade\\_de\\_genero\\_e\\_sexualidade.pdf](https://miriamgrossi.paginas.ufsc.br/files/2012/03/grossi_miriam_identidade_de_genero_e_sexualidade.pdf). Acesso em: 15 de mar. 2018.

HINE, C. **Etnografia Virtual**. Barcelona: UOC, 2004.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD)**. 2005. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2018.

JACCOUD, M.; MAYER, R. A observação direta e a pesquisa qualitativa. In: POUPART, J. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 254-294.

KRICH, A. M. (Org.). **Anatomia do amor**. Rio de Janeiro: Bruguera, 1968.

LÉVI-STRAUSS, C. **As estruturas elementares de parentesco**. Petrópolis: Vozes, 2012.

LÉVI-STRAUSS, C. **O olhar distanciado**. São Paulo: Edições 70 Brasil, 2010.

LINS, R. N. **A cama na varanda – arejando nossas ideias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2017.

LOBATO, J. P. **Antropologia do amor: do oriente ao ocidente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MEAD, M. Ciúme: o primitivo e o civilizado. In: KRICH, A. M. (Org.). **Anatomia do amor**. Rio de Janeiro: Bruguera, 1968. pp. 93-113.

MOORE, H. L. Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência. **Cadernos Pagu**. s. v., n. 14, pp. 13-44.

NOVA, S. V. **Introdução à Sociologia**. São Paulo: Atlas, 2009.

ORTNER, S. B. Poder e projetos: reflexões sobre agência. In: GROSSI, M. et al. (Org.). **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. Brasília: ABA/Nova Letra, 2007. pp. 45-80.

PAIVA, Antônio Crístian Saraiva. Reserva e Invisibilidade: A Construção da Homoconjugalidade Numa Perspectiva Micropolítica. In: GROSSI, Míriam, UZIEL, Anna Paula, MELLO, Luiz. (Org.). **Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Gays Lésbicas e Travestis**. Rio de Janeiro: Editora Garamond Ltda. pp. 23-46, 2007.

PEIRANO, M. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

PILÃO, A. C. **Poliamor: um estudo sobre conjugalidade, identidade e gênero**. 2012, 128 p. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia) -IFCS, UFRJ, Rio de Janeiro, 2012.

POLIVANOV, B. Etnografia Virtual, Netnografia ou Apenas Etnografia? Implicações dos conceitos. **Esferas**. v. 2, n. 3, pp. 61-71, 2013.

POUPART, J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, J. et al. (Org.). **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008. pp. 215-253.

RUBIN, G. **O tráfico de mulheres: notas sobre a “Economia Política do Sexo”**. Recife: SOS Corpo, 1993.

SAFFIOTI, H. I. B. **O poder do macho**. São Paulo:Moderna, 1987.

SAMARA, E.de M. Tendências atuais da história da família no Brasil. In: ALMEIDA, A. M. de; CARNEIRO, M. J.; PAULA, S. G. de. (Orgs.). **Pensando a família no Brasil**: da colônia à modernidade.Rio de Janeiro:Espaço e Tempo/Editora da UFRRJ, 1987.pp. 25-36.

SCOTT, P.Relações conjugais em transformação.In: LIMA, A. C. de S. **Antropologia& direito**:temas antropológicospara estudos jurídicos. Brasília/Rio de Janeiro/Blumenau: ABA/LACED/Nova Letra, 2006. pp. 149-159.

SEGALEN, M. **Sociologia da Família**. Lisboa:Terramar, 1996.

SEIXAS, R.; COELHO, P.; MOTTA, M. **A maçã**. 1975. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/raul-seixas/48293/>>. Acesso em: 27 nov. 2018.

VANCE, C. S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis**. v.5, n. 1, pp.7-32, 1995.

## APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA

Por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade. A entrevista pode ser a principal técnica de coleta de dados.

Nesta pesquisa se utilizará como recurso para a compreensão mais profunda do tema estudado a entrevista qualitativa, a fim de buscar entender a perspectiva dos participantes de uma relação poliafetiva, ao investigar tais configurações familiares sob o ponto de vista de seus atores.

De um modo geral, as entrevistas qualitativas são muito pouco estruturadas, sem um fraseamento e uma ordem rigidamente estabelecidos para as perguntas, assemelhando-se muito a uma conversa. Tipicamente, o investigador está interessado em compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.

Para tanto, se buscará não apenas uma perspectiva de somente um dos membros da relação, mas igualmente produzir análises dos diferentes participantes da relação, para tornar o panorama mais completo possível.

Nas entrevistas não estruturadas, o entrevistador introduz o tema da pesquisa, pedindo que o sujeito fale um pouco sobre ele, eventualmente inserindo alguns tópicos de interesse no fluxo da conversa. Este tipo de entrevista é geralmente usado no início da coleta de dados, quando o entrevistador tem pouca clareza sobre aspectos mais específicos a serem focalizados, e é freqüentemente complementado, no decorrer da pesquisa, por entrevistas semi-estruturadas. Nestas, também chamadas focalizadas, o entrevistador faz perguntas específicas, mas também deixa que o entrevistado responda em seus próprios termos. É também possível optar por um tipo misto, com algumas partes mais estruturadas e outras menos.

Utilizei-me de um roteiro de entrevista, contudo, não me apeguei a ele, pois pretendi dar liberdade ao entrevistado se expressar, a fim de que se sentisse à vontade para costurar os temas a serem indagados pela ordem a qual naturalmente surgirem, embora os tenha em vista e os abordasse eu mesmo, caso isso não ocorresse de forma espontânea.

Com a finalidade de deixar os entrevistados à vontade e obter sua colaboração, me utilizei de técnicas abordadas por Jean Poupart (2008, p.227ss), tendo em vista que apenas se expressará verdadeiramente se assim o for. Dentre as que destaco a liberdade do entrevistado

escolher o dia, horário e local da entrevista, tendo como preferência a residência do mesmo ou algum local a ele familiar, evitando lugares que pudessem interferir no andamento da entrevista. O horário seria o adequado para que todos se sintam disponíveis.

Também me certifiquei que fosse garantido anonimato por se tratar de assunto delicado e que se mostra localizado na esfera privada do interlocutor.

Utilizei-me de gravador, quando previamente autorizado, para poder dedicar minha atenção ao assunto abordado.

Por sim, seguem abaixo as perguntas com os temas inicialmente pensados.

### COTIDIANO, PLANOS E ECONOMIA FAMILIAR

Estou investigando diferentes tipos de relacionamentos afetivos e amorosos. Poderia me dizer que tipo de relação você está vivendo e quais as pessoas envolvidas nessa relação?

Quanto tempo essa relação possui?

Todas as pessoas participantes sabem da existência uma a outra?

Como elas se relacionam entre si?

Vocês todos vivem na mesma residência?

Como a relação se estabelece no cotidiano de vocês?

Como se dá a rotina na casa ? Como se dá a distribuição dos afazeres domésticos?

Vocês todos fazem planos juntos? Como se dá o planejamento para o futuro?

Dormem na mesma cama? As relações sexuais possuem algum tipo de regra ou restrição?

Todos os integrantes participam de uma mesma relação sexual? Há relações sexuais apenas entre parte dos integrantes?

Caso não vivam na mesma residência, como o tempo entre vocês é dividido?

#### ORIGEM DO RELACIONAMENTO

Como você conheceu os outros participantes da relação?

De quem foi a iniciativa de tentar uma relação com mais de dois participantes?

Você precisou convencer alguém a aceitar participar/se abrir à possibilidade da relação poliamorosa? Houve negociação?

Como o terceiro integrante foi incorporado à relação? Como se deu o processo?

Vocês se consideram família? Por quê?

#### RELAÇÕES FAMILIARES

A família de vocês sabe da relação vivenciada por vocês? Essa resposta vale para todos os membros da relação?

Como se dá a relação com seus familiares? E os familiares respectivos dos participantes da relação?

#### FILHOS

Vocês têm filhos? Eles são frutos da relação atual entre vocês?

Caso tenham, como são a ele apresentados os membros da relação de vocês?

Reuniões no colégio, quem vai? Como a família é apresentada ao colégio?

Como os filhos falam sobre os membros da família?

Vocês planejam ter filhos em comum? Como pensam ser essa realidade?

## CONVÍVIO SOCIAL

As atividades de lazer entre vocês são feitas com todos os integrantes da relação?

Como vocês se apresentam aos vizinhos, amigos, colegas?

Já sofreram algum tipo de preconceito? Se sim, quais?

## CIÚMES

Existem ciúmes uns dos outros?

O relacionamento entre vocês é aberto ou restringe-se apenas aos participantes?

Caso seja aberto, há ciúmes em relação a terceiros?

Há a possibilidade de um relacionamento com esse terceiro ser incorporado à relação atual?

## POLIAMOR

Você já ouviu falar sobre poliamor?

O que para você é poliamor?

Você considera viver uma relação de poliamor?

Como você soube que seu estilo de vida se encaixava no poliamor?